

Cartas 'd'eu's





PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LEANDRO LEAL DE FREITAS

**cartas d'eus:
cartografias afetivas com Linn da Quebrada**

**São Carlos - SP
2020**



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LEANDRO LEAL DE FREITAS

**cartas d'eus:
cartografias afetivas com Linn da Quebrada**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação – Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Subjetividade.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues

**São Carlos - SP
2020**

Freitas, Leandro Leal de

cartas d'eus: cartografias afetivas com Linn da Quebrada
/ Leandro Leal de Freitas -- 2020.
213f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Tatiane Cosentino Rodrigues

Banca Examinadora: Ana Cristina Juvenal da Cruz,
Tatiane Cosentino Rodrigues, Rafael Siqueira de
Guimarães, Adriana Barbosa Sales, Renata Pereira-Lima
Aspis, Megg Rayara Gomes de Oliveira

Bibliografia

1. Educação. 2. Cartografias Afetivas. 3. Linn da
Quebrada. I. Freitas, Leandro Leal de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Leandro Leal de Freitas, realizada em 20/02/2020.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz (UFSCar)

Profa. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues (UFSCar)

Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães (UFSB)

Profa. Dra. Adriana Barbosa Sales (SEDUC)

Profa. Dra. Renata Pereira-Lima Aspis (UFMG)

Profa. Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira (UFPR)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

À LINN

À BIÉ

SEMPRE: À **IRAIDE**, MINHA MÃE-HEROÍNA,
POR TER ABDICADO DOS SEUS SONHOS
PARA QUE EU PUDESSE INVENTAR OS MEUS!

A NÓS!

GRATIDÃO! 🌻💜

Agradecimentos

famílias

travas

amores

coisas

forças

energias

profes

amizades

instituições

divindades

fluxos

encontros

Resumo

Que aprenderes e como vou produzindo-os no percurso da pesquisa a partir e nos/pelos encontros com Linn da Quebrada? Que mundos possíveis são criados/fabulados a partir dessa experimentação cartográfica? Implicado num determinado contexto e sensível às forças que atravessam e afetam, que mapas eu vou construindo a partir e com esses encontros com a subjetividade-rizoma-Linn? Como re-inventar uma (outra) educação da sensibilidade e operar com o saber-do-corpo? Como fazer da escrita uma máquina produtiva de fuga que cria e inventa e fabula e produz outros mundos possíveis, outras formas de habitar os territórios existenciais? Devir-trava, aprender afetado: grafias existenciais, poéticas e criativas. Novas políticas de narratividade: produzir possíveis que aumentem a potência de vida. Re-existência!

Palavras-chave: Linn da Quebrada. Cartografias afetivas. Saber-do-corpo. Afetos.

Résumé

Quels apprentissages et comment les produire au cours de la recherche, de et dans et à travers les rencontres avec Linn da Quebrada? Quels mondes possibles sont créés / écrits à partir de cette expérimentation cartographique? Impliquée dans un certain contexte et sensible aux forces qui se croisent et affectent, quelles cartes vais-je construire à partir de et avec ces rencontres avec subjectivité-rhizome-Linn? Comment réinventer une (autre) éducation à la sensibilité et opérer avec la connaissance du corps? Comment faire de l'écriture une machine d'évasion productive qui crée et invente des fables et produit d'autres mondes possibles, d'autres manières d'habiter des territoires existentiels? Devir-trava, apprenez affecté: "graphes" existentielles, poétiques et créatives. Nouvelles politiques narratives: produire des possibilités qui augmentent le pouvoir de la vie. Ré-existence!

Mots-clés: Linn da Quebrada. Cartographie affective. Le savoir du corps. Des affections.

Resumen

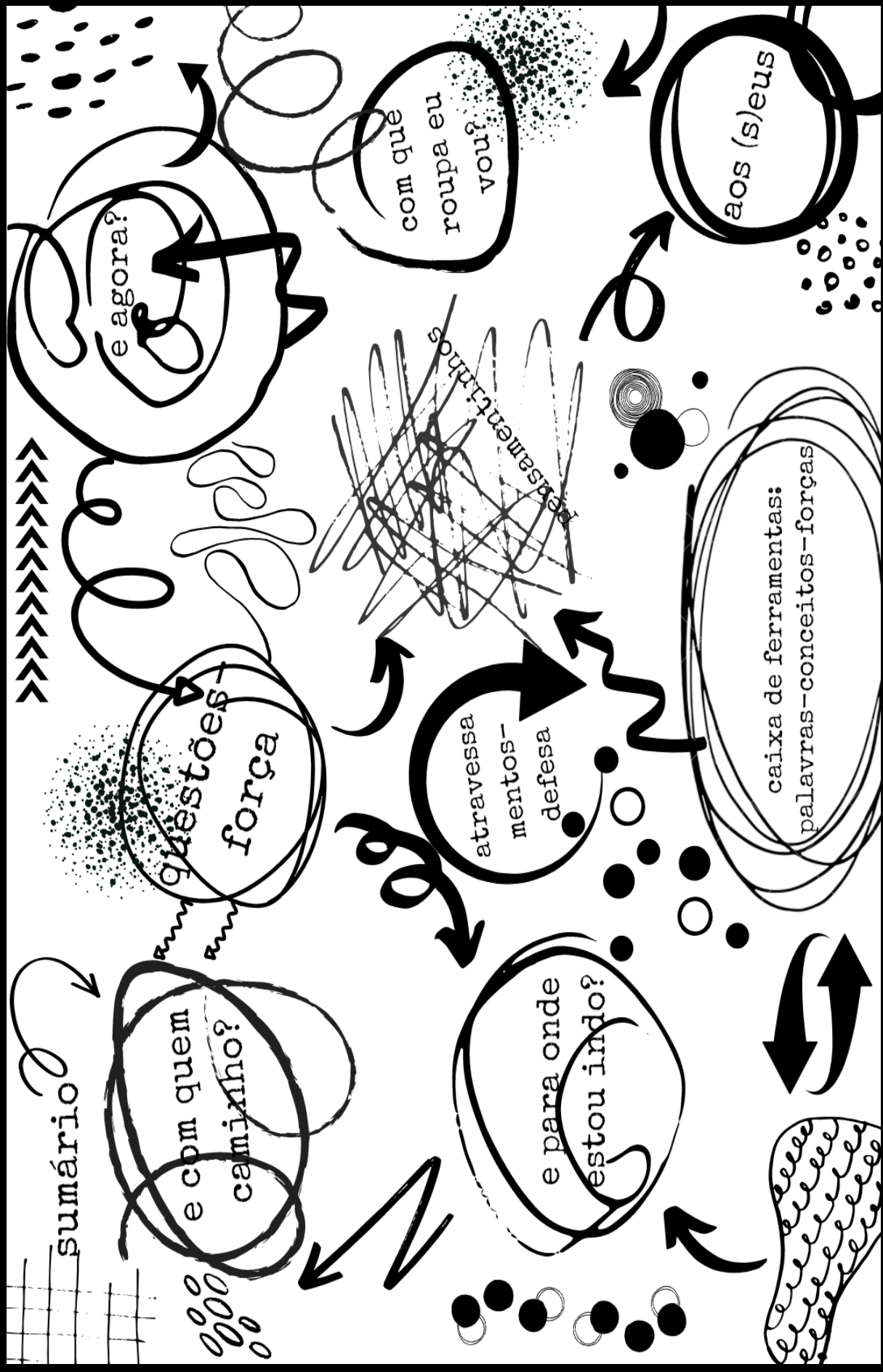
¿Qué aprenderes y cómo los produzco en el camino de investigación desde y a través de los encuentros con Linn da Quebrada? ¿Qué mundos posibles se crean/fabulados a partir de esta experimentación cartográfica? Implicado en un cierto contexto y sensible a las fuerzas que se cruzan y afectan, ¿qué mapas voy construyendo a partir y con estos encuentros con subjetividad-rizoma-Linn? ¿Cómo reinventar una (otra) educación de sensibilidad y operar con conocimiento corporal? ¿Cómo hacer de la escritura una máquina de escape productiva que crea e inventa y fabula y produce otros mundos posibles, otras formas de habitar territorios existenciales? Devir-trava, aprender afectado: ortografía existencial, poética y creativa. Nuevas políticas de narratividad: producir posibles que aumenten la capacidad vital. ¡Reexistencia!

Palabras clave: Linn da Quebrada. Cartografía afectiva. Saber el cuerpo. Afectos.

Abstract

What learns and how I produce it them on the research path from and through the meetings with Linn da Quebrada? What possible worlds are created/fabled from this cartographic experimentation? Implied in a certain context and sensitive to the forces that cross and affect, what maps do I build from and with these encounters with subjectivity-rhizome-Linn? How to re-invent one (another) sensitivity education and operate with body-knowledge? How to make writing a productive escape machine that creates and invents and fabula and produces other possible worlds, other ways of inhabiting existential territories? Devir-trava, learn affected: existential, poetic and creative spellings. New narrative policies: producing possible ones that increase lifepower. Re-existence.

Keywords: Linn da Quebrada. Affective cartography. Body-knowing. Affections.



eu só posso acreditar num deus que tbm acredite em mim.
que seja composto de eus.
d'eus:
de tds os eus que já fui, que soul & que ainda serei.
serei a. cobaia de minhas próprias experiências. trava
línguas. mordo. provo do meu saboroso veneno.
faço do vírus, antídoto. diluo em água & sal.
& ofereço. em sacrifício. sacro. ofício.
cóccix.
vértebra.
coluna. mandíbula.
possuída de mim mesma. incorporada.

@linndaquebrada - 28/07/2020

texto: Linn da Quebrada

foto: Gabriel Renné (@gabrielrenne)



, como escrever com/sobre a escrita que não vem?

<COLETIVIZAR / POVOAR>



fonte: @linndaquebrada - 02/07/2020

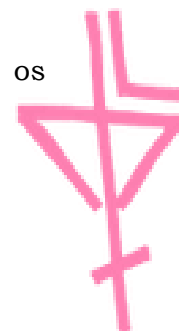
Free'scura. De meus processos de cura. De libertação & cura. ÉsCUra. libertação freak, kuir & cura. Fazendo de minhas frescuras minha cura. Frescura como tudo aquilo de que poderia abrir mão. Que não tenho necessidade. Não precisaria. Mas quero. E como afirmar que não tenho necessidade de minhas frescuras? Então, liberto em mim todas as minhas frescuras e fragilidades. Que fazem de mim o que sou. Mas que sem elas poderia ser outre(s). Por isso as liberto. Para me libertar de mim mesmo. Para não mais tentar ser mais forte do que sou. Deponho minhas armas e meu escudo. Tento encarar de frente toda fragilidade do meu ser. A fragilidade de me ser. Sem tentar me superar. Vou comigo. Fragilidade como minha atual potência. Me liberto do manto vitorioso e dourado da coragem e da força. Se d'eus quiser: se todos os eus que me formam e são responsáveis pelo que sou quiserem. Assumo esses eus e em desapego aos que fui, me liberto de minhas cascas. De meus cabelos. De meus pelos. De expectativas e projeções. Cuidado Frágil. Me assumo canal e passagem. Me liberto de mim. De uma coragem excessiva e falsa. Me assumo invenção, criação e mentira. Ficção/ Freakção d'eus. E então escolho. Escolho ser livre. De que? De quem? De mim. Mas isso tudo é pura Free'sCura. E o que não é?

[Linn, em 01 de junho de 2015, no Tumblr *freescura*]

[<https://freakscura.tumblr.com/post/120476223386/free-scurade-meus-processos-de-cura#notes>]

pensamentinhos

- 1) Por muitos e tantos mais *SOPROS EM BRASA QUASE APAGADA: vida, vida, vida!!!*
- 2) a-LINN-anças: *eus & Linns & Neiltons & Renatas & Anas Godoy & Tarcísios & & & &*
- 3) Corpo-território: atraí/repele
- 4) Linhas de afetos – movimentos?
- 5) Afetos nas memórias/fabulações – quais as direções?
- 6) *O que tem que morrer em mim para eu atravessar, atraveçar?*
- 7) *Transgredir desde a forma, o estilo de confecção do texto, dos retalhos, dos fragmentos.*
- 8) Não me parece coerente falar de um processo de adoecimento causado pelos modos de produção acadêmica utilizando-se desses mesmos modos.
- 9) Quais saídas podemos inventar? O quê e até onde podemos profanar a santidade acadêmica?
- 10) É preciso uma desaprendizagem das normas!
- 11) Ser trans e falar só de trans, de transfobia. Preta e falar só de racismo. O que essas pessoas fazem quando não estão falando ('só') disso?
- 12) Incômodo de usar apenas fontes já consolidadas e não ter tanto espaço pra conhecimento da rua, do mundo... tem que ser tudo apenas livro, texto, coisa publicada no circuito acadêmico?
- 13) Eu queria ter feito uso mais direto de várias partes dos textos que a Renata me disponibilizou, mas não pude porque eles ainda estão em processo de publicação <e como eu queria ter escrito aquilo, do tanto que ressoam em mim>.
- 14) *Inventar outra política da narratividade, em que os modos de dizer sejam compatíveis com as problemáticas de e com e para quem se diz.*
- 15) *Devir-trans / devir-trava / devir-traveco: experimentações...*
- 16) A pesquisa é sempre um enfrentamento, é sempre uma tentativa de decifração daquilo que violenta.
- 17) Escrever é sempre no presente, mesmo quando diz de passados e/ou futuros.
- 18) Cartografia é criação de mundos. Cartografar é, de algum modo, fazer arte.
- 19) Estar sensível ou produzir encontros nos obriga a criar novo corpo, novos modos de ser, de fazer, se sentir, de aprender: novos eus <eus larvares, como diz Orlandi?>.
- 20) Pensar é MUITO ARRISCADO.
- 21) Presentificar textualmente: a maior dificuldade enfrentada <por isso, talvez, os travamentos de escrita>.



- 22) “dissertação dessemelhante” – fora-academia (e até o dentro) e Tarcísio e Soninha Clareto e Travessia... <documento escrito à coordenação do programa é uma potente máquina de guerra, um cais aos que estão à procura de um...>.
- 23) IMPOSSÍVEL capturar vida em variação: devir-trava.
- 24) Marcas-feridas no corpo – porque nem sempre o que é ruim é apenas ruim.
- 25) Memória-do-cu / Cu / Polka do Cu (Tatuagem) / Políticas anais.
- 26) Comprometimentos cartográficos – cartografias travestis (Adriana).
- 27) Como continuar se tudo que se encontra é o que não se procurava? Como desestabilizar essa mente racional produzida na e pela ciência régia? Como desaprender a aprendizagem?
- 28) Sub-versão (versão minoritária).
- 29) Pedagogias travestis? É preciso mesmo sempre usar o conceito/campo ‘pedagogia’ para falar de aprenderes?
- 30) Byxas travestys / translebichas / bixa afetada.
- 31) Gays afeminadas, bixas pretas, travestis: e como a educação/escola exclui e violenta e mata? Necessidade de outras ocupações da escola e da educação (Megg).
- 32) Lugar de riscos / inventar outras perguntas / eu preciso criar aquilo que não encontro, preciso dizer sobre os eus (sem essencializar).
- 33) Aprender – diferenciar-se de si mesmo >> abertura a encontros que aumentam a potência de viver.
- 34) Manifesto traveco-terrorista!! U-A-U <voltar e morar nessas linhas...>.
- 35) Corpo é um campo de batalha numa luta contra o Estado.
- 36) Corpo é TEMPLO / show como espaço de adoração, de celebração das vidas, como cultos para celebrar as existências e COMUNGAR as coletividades >> Linn disse e fica martelando a minha cabeça.
- 37) Geração com subjetividades forjadas pelos afetos Sandy e Jr.
- 38) Fragilidade é potência (mas como fazer, como girar a chavinha?).
- 39) Fricção / Fabulação >> recordar um futuro? (inventar).
- 40) Tudo o que não invento é falso: Manoel de Barros.
- 41) Travestividade.
- 42) Subjetividade crazy-patchwork >> movente >> rizomas.
- 43) O que quero encontrar e o que vai acontecendo no meu corpo nesse percurso?
- 44) Como Linn quer que eu me insurja? O que ela espera de mim? O que ela quer que eu seja?
- 45) Escolha: confundir formas, modelos, estruturas.



- 46) **Aprendizagem = invenção.**
- 47) Na natureza selvagem – alguma relação com nomadismo (é preciso não se movimentar muito para não espantar os devires...)? >>> meu filme favorito, fala dessa busca por um ponto final, o Alasca: que, ao ser atingido, não serve senão para ensinar que o que se queria/precisava era mesmo o caminhar, o percurso.
- 48) Linn e eus: potência em variação >> o eu não é uma forma de identidade, mas uma potência de acontecer que guarda algo de inesgotável (ainda bem!).
- 49) Variações afetivas não é o mesmo que variações de sentimentos.
- 50) Afetivas: que acontece, potência em variação >> signo que exprime >> singularidade.
- 51) Sentimentos: imagem que faço do afeto.
- 52) Cartas-ensaios de eus para não sei quem: pluralidade de vozes e dimensões afetivas em várias intensidades, que se revezam e se criam e se potencializam e...: AO DIZER.
- 53) Linn é multiplicidade em movimento, em constante devir.
- 54) **Cartografia >> afetação >> fluxos e agenciamentos >> construção/invenção.**
- 55) Lembrar sempre, sempre mesmo, que desejar é produzir.
- 56) **O que vai acontecendo no meu corpo enquanto vou tentando provar a insurgência política e pedagógica das gentes como a Linn e Liniker e Jup e e e e e e e e e e e?**
- 57) Como inventar uma educação da sensibilidade? Como operar com o saber-do-corpo?
- 58) Mosaico monstruoso, transfuturos inventados por uma escrita byxa-travesty.
- 59) Escrita se faz pelo devir >> transformação de si >> diferenciar-se de si mesmo.
- 60) Seriam essas algumas 'cartografias de si'?
- 61) **Escrita-corpo! >> invenção de uma 'poética de si'.**
- 62) Linn: subjetividade que não quer nada a não ser viver em intensidade, promovendo seus próprios fluxos.
- 63) Maria dos Remédios: fazer rizoma de si / escrita é um modo de dilaceramento de si mesmo / escrita-devir que se faz pelo meio, não aceita totalidades.
- 64) **Pesquisa que se pensa a si própria <perder-se>.**
- 65) Pensar enquanto escreve, escrever enquanto pensa = escrever faz pensar... e pensar, faz escrever?
- 66) Educação: modo de criar a si e ao mundo (Tarcísio).
- 67) Aquilombamento e aldeamento >> redes de afetividade.
- 68) Devir-escrita afetada pela Linn...
- 69) eus >> tudo, menos identidade / n-1 / eu com n rostos que caibam.
- 70) É produção, não produto / experimentação, não experiência.
- 71) Dizer o que precisa ser dito da maneira como é possível.



72) Ana Godoy: escrever é dizer da vida >> começar pelo que impressiona, deixar o corpo contemplar o que se passa, experimentar >> abertura de caminho para aquilo que se precisa dizer.

73) Aprender >> processo de diferenciação >> abertura aos encontros >> aumento intensivo de potência.

74) Inventar outra coisa, desviar, derivar, escapar: afirmação da vida.

75) Linn marca meu corpo. Mas como? Como expressar, se é mais 'sentir' que 'entender'?

76) Há coisas ditas/sentidas pelo corpo que a linguagem não dá conta de traduzir!

77) Pesquisa-escrita como modo de potencializar o agir, a potência do corpo.

78) Sentidos dos sonhos com Linn >> ela passando batom vermelho em minha boca, com força e vitalidade, me devolvendo à vida >> batom enquanto símbolo de re-existência.

77)

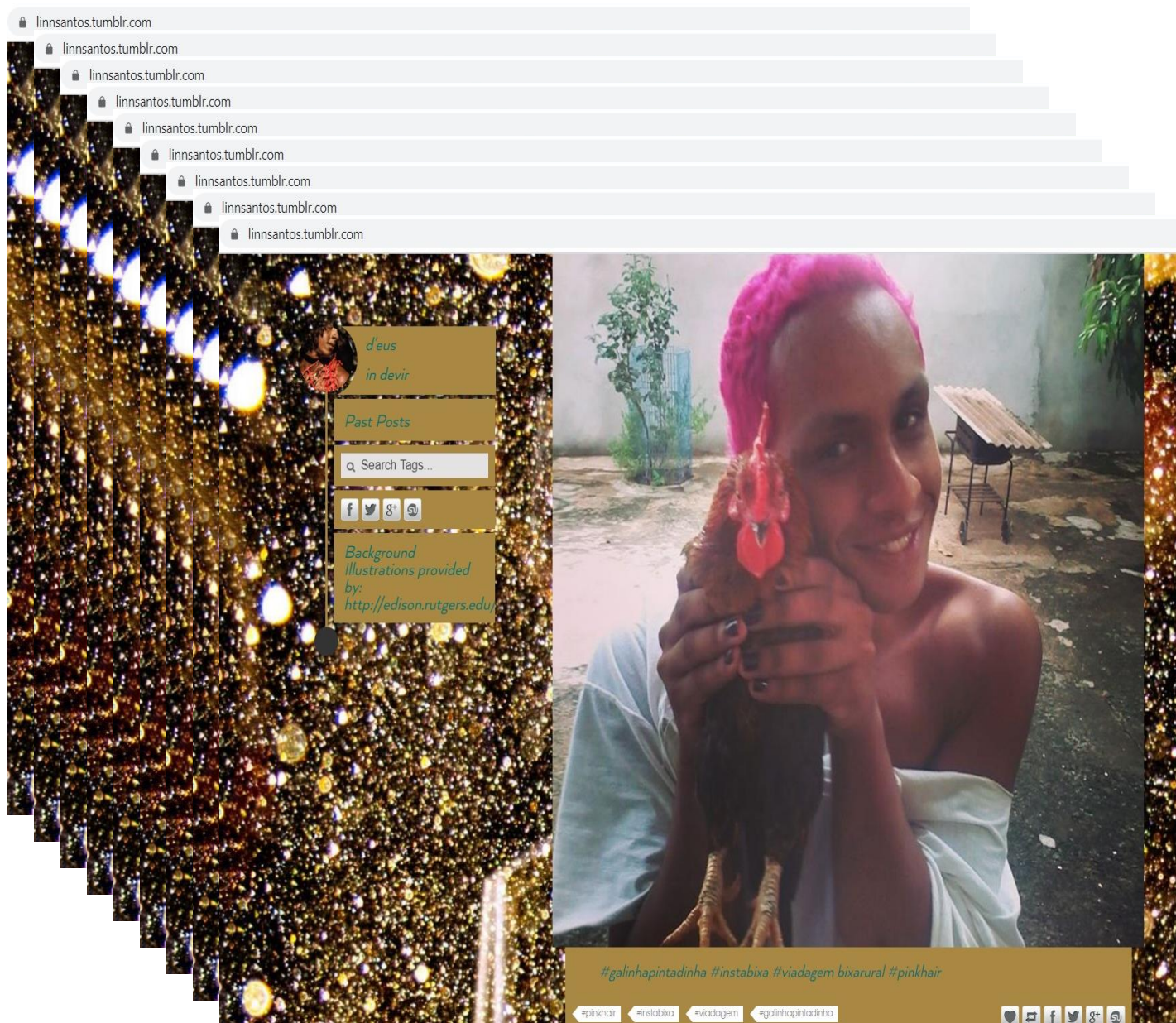
78) 81)

83)....

00)

n-1





<ressonâncias: d'eus in devir>

[Tumblr da Linn, 10 de janeiro de 2016]

[<https://linnsantos.tumblr.com/post/137023369022/galinhapintadinha-instabixa-viadagem-bixarural>]

AOS (S)EUS

Em múltiplos lugares-tempos

Aos eus

Pelo meio. Vou me permitir caminhar e construir a escrita enquanto escrevo <e não é sempre assim?> (o *sempre* existe?!). Começar pelo meio, depois voltar, se voltar, e criar um começo depois do fim. *Me chamou para deixar*. Esse é o nome da playlist que estou escutando nesse momento. Ouço baixinho a voz da Allydi cantando versos da música que dá nome ao coletivo de canções que o próprio Spotify organizou “aleatoriamente” (porque: não parece haver aleatoriedade nas ações dessas inteligências artificiais e virtuais). Não sabia o que escrever, como vencer o cursor piscante sozinho naquela grande tela em branco, quase que gritando: *vai, Leandro, escreva logo, seu prazo está esgotado!*

Eu já tive a experiência de usar uma máquina de escrever (só de escrever!). Acho que nunca amassei e rasguei tantas folhas como naquela tentativa de datilografar (verbo que foi morar no museu junto com a máquina...). Era um trabalho de Língua Portuguesa da sexta série. Eu havia acabado de voltar para Minas Gerais, tinha passado quase seis anos longe de Iturama, não conhecia mais ninguém e estava no auge dos meus doze anos. Sendo o que parecia ser comum em adolescentes-que-precisam-de-atenção, resolvi pedir emprestada uma máquina. Pensei: com um texto não escrito à mão, vou tentar impressionar a professora. Soube, dias antes, que ela apreciava tarefas feitas cuidadosamente e que outro dia havia elogiado uma aluna pela iniciativa de tentar um jeito novo de fazer o trabalho: *olhem só, ela da-ti-lo-gra-fou* (óóóóh). Eu não fazia ideia do quão difícil era escrever usando aquele trambolho verde escuro. Foi um desastre: muitas folhas estragadas, formou-se um amontoado de papeis com marcas dos ensaios de uma tentativa de inovar-e-impressionar. Manuscrito numa folha de papel almaço, assim foi como fiz. No cantinho da mesa, me observando como quem sabia que eu não havia dado conta, repousava aquela estrovenga – ela parecia estar rindo enquanto devorava um pedaço de papel ainda em branco.

Mas por que será que eu lembrei e quis contar sobre isso? Talvez porque, se fosse esse texto escrito através da datilografia, eu estaria dividindo meu quarto com um gigantesco monte de folhas amassadas e rasgadas... Como é difícil escrever mesmo em tempos de *digitação!*

Acho que esse texto é um pouco [sobre] isso: fluxos de intensidades. Pensei por hoooooooooooooooooooooras (ou dias? ou meses?) qual seria o melhor jeito de (re)iniciar esses textos. Não falo nem das incansáveis escritas mentais que me acompanharam desde o dia que decidi fazer Ciências Sociais – *uma profissão que lê e escreve muito*, disse a professora Milena. Também não estou dizendo, agora, sobre os vários ensaios, também mentais, de possíveis modos de iniciar um texto acadêmico que se pretende uma tese de doutorado. É: que palavras usar para dar passagem a um texto que teria a *pretensão* de apresentar um conjunto de outros textos que devem parecer o que se espera de uma tese? É, também: como dizer algo sobre o que ainda não existe? E: se isto que escrevo nesse exato instante é o que eu tenho efetivamente escrito da tese, o que digitar agora?

<*Só comece a escrever que as coisas vão fluindo*, digo a mim mesmo>.

Ouçoo novamente a música, que agora já é outra. A letra diz: *chuva que só troveja, mas não cai*. Reconheci a voz aguda da Tulipa, cantora que me fez companhia em vários momentos nos últimos anos... Esse processo todo de tentar escrever é um pouco isso: uma chuva que ensaia vir e que faz barulhos altos que assustam e que sopra ventos fortes em várias direções e mais barulhos e flashes de luz e... neste caso, nada de água: não se fez chuva <nada de texto: não se faz tese>. Ouvi mais um pedaço da música: *siga atentamente as instruções vide bula atrás*.

E quais são as instruções de uma feitura de tese?

Busco na memória e nas anotações dos cadernos, feitas desde a época da graduação, durante as muitas aulas de métodos e técnicas de pesquisa... das normas da ABNT... daqueles slides dizendo quais os elementos pré, pós e textuais que um texto acadêmico pode/deve conter. E eu estou fazendo tudo errado, penso. Jamais serei aprovado. *Algum texto tem que existir*, dizem. Mas qualquer texto? Isso não. Que texto, então?

Eu escrevi e apaguei várias vezes. Parei e pensei. Olhei lá fora, depois me percebi um pouco cego olhando fixamente para o foco de luz na mesa. Tela desfocada, pálida, com um pequeno sinalzinho latejante... <angústia, pânico, travamento>

E se o que eu tenho que escrever seja isso mesmo que está sendo escrito?

“Eu li, daí falei assim: nossa, o problema dele é que ele fica se perguntando: como fazer, como fazer, como fazer, mas ele não sabe o que que ele quer fazer ainda, entendeu?”. E se o que quero não é o que preciso e o que posso fazer? Se o que quero eu nem mesmo quero, mas foi sugerido ou imposto? <por quem ou pelo quê?>. E se o que eu acho que quero for apenas representação daquilo que eu mesmo inventei sobre o fazer acadêmico? Eu quero? Quê?!

A professora Renata Aspis, que gentilmente (e tresloucadamente) aceitou fazer parte do processo de avaliação no Exame de Qualificação, foi quem disse a frase destacada logo acima. Parecia haver, até mesmo em razão do tom que eu mesmo dei ao texto apresentado naquela ocasião, uma intenção de tentar me ajudar a dar um rumo ao emaranhado de coisas que vinha tentando fazer ao longo dos três anos de doutorado. Eram coisas demais, ideias demais, conceitos demais, mudanças demais, buracos demais... e texto e rigor conceitual de menos. Até mesmo para pessoas que têm um modo outro de pesquisa e escrita, que não o pregado/imposto pela ciência régia, até mesmo para elas ainda faltava algo – ou, dito de maneira bastante gentil e encorajadora pelas participantes da banca (Renata Aspis e Alan Victor Pimenta): havia ainda bastante trabalho a fazer [e pouco tempo, pensei], talvez porque faltasse um plano/problema de pesquisa mais evidente [que agora consigo ler da seguinte forma: faltava eu, o pesquisador-que-aprende, escolher um plano a enfrentar, a produzir, a percorrer, a inventar...].

<><><> Silêncio...

quase duas da manhã de sábado, desliguei a música e permaneço num silêncio-fora total. Mas há muito barulho aqui dentro, na minha cabeça. Lembro e penso e sinto no corpo os *efeitos de se sentir perdido e desesperançoso* <><><>

Onde é o lá? Onde é o lá? O lá? Lá? Lá? Lá?

Voltando ao que diz parte da música da Tulipa: há uma bula que, mesmo para ser desrespeitada [por conta e risco], precisa ser lida (e, espera-se, seguida). E essa bula-acadêmica prescreve um modelo de pesquisa e de escrita dos resultados. Há métodos,

técnicas, metodologias, teorias, há um conjunto de normatizações. O *lá* talvez seja o objetivo geral. Para sair do *aqui* e atingir o ponto que se quer chegar, baseando-se nas hipóteses construídas antes do início da pesquisa, é preciso ferramentas teóricas e metodológicas que constituirão o *como*. Esse, por sua vez, vem dizer sobre o *que*, o que talvez pudéssemos chamar de problema de pesquisa ou a pergunta que você busca responder e que, junto com o *lá*, formam o conjunto de objetivos gerais e específicos (ou o *porquê dessa pesquisa fazer sentido em existir*). Se seguir essa receitinha “básica”, a chance do sucesso tende a aumentar.

Eu ainda não sei o *que* quero e, portanto, não consigo vislumbrar um *lá* e, assim, não faz sentido algum tentar construir um *como*. Existe um *lá*?

Percebi agora, olhando em perspectiva pra esse percurso todo da pesquisa, que inventei muitos *lá* <isso pode ser positivo>. E que me forcei a ficar preso em alguns deles, mesmo que o pensamento e as ideias seguissem os fluxos. Depois de quase dez anos aprendendo e tentando fazer um certo tipo de pesquisa, convivendo e tentando reproduzir práticas que seriam aceitas e validadas por um determinado grupo, me senti um tanto estranhado, autoquestionado ao entrar em contato com o universo que se abria diante daquele recém matriculado no doutorado em educação. Ressalto: mesmo fazendo parte do circuito acadêmico das Sociais, escolhendo seguir carreira na Ciência Política (uma área que, até onde fui conhecendo, me parecia bem mais rígida quanto aos procedimentos), sempre soou o alarme do ‘não enquadramento’. Na graduação, enquanto as colegas de curso já tinham em mente o que pretendiam estudar, fazer, pesquisar (e já conseguiam projetar uma esperada ‘carreira de sucesso’), eu estava confuso e sentindo um misto de ideias passando por mim. Tentei perseguir Euclides da Cunha, um autor que me cativou antes mesmo de escolher qual curso seguiria. Também fui para etnografia de profissionais do sexo em rodovias. Passei por questões geográficas envolvendo o chamado novo rural. Emendei pensando sobre adolescentes que deixavam o campo para estudar agricultura na cidade, depois retornando para melhorar a produção familiar. Ainda, fui buscar explicações sobre movimentos estudantis brasileiros a partir das manifestações de maio de 68 na França e no Brasil. Fui sendo provocado a refletir sobre gênero e sexualidade, já que encontrei algumas teorias que pareciam dizer sobre o que eu passava. E voltei algumas vezes à Literatura e ao Euclides e a Canudos e ao Antonio Conselheiro, ficando envolto nessas temáticas, mas, ainda assim, perambulando sobre as diversas abordagens. Em todas as vezes, me movimentava em razão de alguma paixão, de

algum signo que me violentava e me exigia buscar tentativas de decifração, de necessidade de respostas.

E produzi mais e mais perguntas.

Talvez esse *lá* não possa ser tão fixo. Que seja então virtual, no sentido de que, apesar de existir e demarcar um ponto qualquer, vai se produzindo e sendo mutável, como as coisas e as pessoas também são. Um pouco como alguns jogos de vídeo game (alguns RPG eletrônicos) que vão construindo o cenário na medida em que a jogadora vai caminhando pelos espaços e realizando algumas tarefas previamente estabelecidas – há uma programação que diz sobre as possibilidades virtuais de trajetos, mas cada jogadora vai construindo seu percurso na medida em que caminha, mudando até mesmo suas tarefas e, no limite, criando um jogo singular, a despeito da existência de um objetivo que seja igual para todas.

Sobre objetivos serem “o mesmo”, manterem-se sempre fixados.

Cabe, aqui, pensar um pouco sobre o foco na *processualidade* e a diferença entre esse tipo de procedimento e os adotados pelo que, roubando um conceito pensado e discutido por Deleuze e Guattari (2012c), chamamos de “a ciência régia”. Em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – vol. 5*, Deleuze e Guattari pensam, em especial no 1227 - *Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra*, sobre um modelo de Ciência (*régia ou imperial*) que produz um discurso linear e generalizante que tem por objetivo a busca e o reconhecimento da verdade, conhecida por meio de métodos experimentais que prezam pela observação, análise dos dados, repetição de modelos que atestem racionalmente a verdade que pode ser observada na natureza. Essa Ciência *maior* constrói o que denomina *conhecimento científico* a partir de métodos rígidos e autoritários, na medida em que estabelece um modelo replicável, negando formas outras de conhecimentos que não são pautadas por tais regras e epistemologias.

Nessas grafias que aqui se ensaiam, experimento outro tipo de fazer-ciência, amparado no que, também inspirado em Deleuze e Guattari, poderíamos chamar de *ciência menor*. Não se trata de dizer qual é a melhor forma de produzir pesquisa, mas de qual se adequa mais ao que eu escolhi enquanto percurso a fazer/criar, de quais ferramentas eu preciso fazer uso para determinado tipo de ação (algumas eu mesmo preciso inventar!). Não é, então, uma negação pura e simples de tudo o que pode significar a tal “ciência régia”, mas a produção, enquanto afirmação de vida no espaço acadêmico,

de outros modos de pensar e fazer e ser-estar-pesquisador... é: inventar/inven-acionar, isso sim, ciência(s) outra(s).

O tipo de pesquisa que tenho realizado focaliza não o *lá* estático e padronizado. Considerando esse ponto como algo virtual, essa pesquisa lança atenção sobre o processo, sobre o caminhar, sobre os territórios que vão sendo construídos ao passo em que se surfa pela superfície deles. Me interessa, também, os efeitos que esse caminhar à deriva produz sobre mim, sobre os meus eus todos. E como isso afeta os processos da pesquisa. E como são criadas outras linhas, outros fluxos, outros caminhos que não necessariamente serão percorridos naquele momento (ou não serão, apenas). E que não significa estar perdido: isso é o *lá* – eu caminho com e sobre e a partir do *lá*.

É, digamos, um perder-se momentaneamente (ação de perder-se é diferente de um constante estar perdido) <ou seria, talvez, uma ressignificação, com valorização positivada, do ato de se perder?>. Estar em processo, mas que tem um certo tipo de rigor justamente porque focaliza o momento atual, o agora, o espaço-tempo habitado. É uma postura de assumir os riscos (e são muitos!) de construir um percurso no momento que se caminha. É ser nômade sem sair do lugar, mas sentindo os atravessamentos que se efetivam/fazem a partir dos encontros que vão sendo propiciados e criados ao longo desse caminhar. É um constante tentar dar passagem às forças intensivas, um exercício de criar novas palavras que digam sobre aquilo que está sendo criado, experienciado, mas que também mantenham abertas as linhas de fuga daquilo mesmo que acabei de inventar.

Dar passagem e acompanhar.

pausa para respirar <ouça alguma música, Leandro, deixe a areinha decantar e repousar no fundo do copo>

@linndaquebrada

Nesses 4 anos em que atuo como Linn da Quebrada, que brada, que berra, que borra, que burla, aprendi muitas coisas. me transformei e me transtornei algumas vezes, cruciais para que eu me tornasse quem sou hoje.

Mas quem soul eu, afinal?

É isso que tenho me perguntado.

Já enviadesci, fui bixa preta, mulher, bixa travesty, e agora chego aos meus 30 anos me perguntando quem soul eu.

Sou um aglomerado de dúvidas, dádivas & algumas dívidas que, algumas, sequer fui eu quem somei.

Mas ainda assim sinto seu peso sobre mim. Matar & morrer para ir além das minhas próprias representações. Para que assim eu possa continuar a fazer de minha arte não só espelho, mas também martelo. e a configurar dessa forma novas imagens à partir dos cacos que formam esse mosaico que compõe a nossa imaginação & a potência do que ainda podemos imaginar.

& vc, oq precisa matar em morrer em vc para que haja vida?

Domingo. Dia de repouso, de estar-família. Quase hora do almoço. Ouço, ao fundo, a voz de Marília Mendonça tocando lá na tv da sala. Minha mãe aparece algumas vezes no quarto e pergunta se o texto está saindo (hoje e ontem e várias vezes nos últimos meses). Minha sobrinha também vem, deita na cama, observa. As duas são obrigadas a ouvir partes do texto: *vejam se faz algum sentido pra vocês, digo.*

É angustiante ver como os efeitos da minha não-escrita se fazem presentes também no corpo delas. E de tantas outras pessoas que convivem comigo. Ontem à noite, Gabriela (a sobrinha-filha), até empregou uma mudança do verbo escrever para trabalhar: “que bom que você está conseguindo trabalhar”. Porque ela entendeu, talvez antes mesmo que eu, que a pesquisa e o doutorado são mais do que escrever. Que a folha em branco não significa ausência de trabalho. Que fico horas e horas e horas lendo e pensando e lendo e lendo e anotando e riscando e lendo e pensando e... trabalhando. Que foram quatro anos de muita dedicação [isso se contarmos só o tempo do curso de doutorado]. Que viajei, empenhei tempo e dinheiro e saúde para encontrar pessoas que pudessem oferecer algum tipo de diálogo sobre/com a pesquisa. Que frequentei aulas, muitas e incontáveis aulas, muitas mais do que aparece como carga horária no histórico escolar. Que aluguei mentes e ouvidos e olhos de tantas pessoas ao dizer os percalços do percurso dos estudos - às vezes entusiasmado, outras tantas angustiado, a maioria desanimado e um tanto desesperançoso (seja pela pesquisa em si ou pelo que eu acreditei ter de ser a pesquisa; seja por alguns dos tristes acontecidos ao longo desses anos; seja pelo contexto nefasto a que temos sido submetidos; seja pela descrença nas possibilidades, inclusive profissionais, a partir desse processo de captura da potência de viver que tem sido estratégia de governança do Estado sobre nós; seja...).

Talvez ela nem tenha pensado sobre tudo isso. Talvez tenha sido apenas um emprego aleatório do verbo, tenha sido a palavra que veio à mente dela naquele momento. Me afetou, me fez pensar, me fez criar esse conjunto de palavras que tenta, de algum modo, criar justificativas (inclusive para mim mesmo) dos possíveis porquês e das consequências do travamento da escrita. Me fez, pra além de explicar, movimentar a escrita: produzir.

Pensei em escrever cartas. A tese toda em forma de cartas. Tecer a tese cartecendo. Cartas de um eu para outros eus, para outras pessoas e coisas e momentos e memórias e tempos e espaços... Penso cartas como um gênero textual que, dentre os modelos que conheço e consigo operar, é um dos tipos que mais me sinto à vontade para escrever. E escrevo desde pequeno, antes mesmo de dominar os códigos linguísticos, antes mesmo de ter aprendido o sentido das famílias silábicas. Aliás, talvez isso tenha alguma relevância aqui: eu aprendi a ler e escrever muito antes dos seis anos de idade, sem ter ido à escola e sem ter qualquer parente ou amigadas que dominassem as técnicas de alfabetização – foi minha mãe quem me forçou a ler-escrever, acho que através dos estímulos para, antes mesmo de formar palavrinhas, conseguir realizar alguma leitura do mundo à minha volta. Crianças não-alfabéticas escrevem o tempo todo! A minha sobrinha mais nova, Stefany, que hoje tem apenas cinco anos, vive me entregando cartinhas que escreveu pra mim – às vezes com desenhos, outras cheias de riscos que podem me soar sem sentido, tantas cheias de letrinhas que ela vem aprendendo a juntar para formar pequenas palavrinhas (e agora que ela aprendeu o próprio nome, elas vêm assinadas, como quem registra a autoria numa obra de arte) <atualização: as cartinhas mais fofas e significativas, sobretudo agora no momento de isolamento social causado pela pandemia, têm vindo por meio do WhatsApp – um emaranhado de letras e símbolos e espaços em branco que, sem dúvida alguma, querem e dizem muito do que aquela sábia criança busca nos fazer aprender>.

Gosto de cartas porque nelas posso ensaiar modos de vida. Com as cartas, invento outras existências, converso com os meus eus, mesmo que através de mensagens endereçadas a outras pessoas. É engraçado pensar, mas eu escrevo tantas cartas mentais... Por que perdemos o hábito de cartear no papel, com a letrinha de mão/forma? Lembro que, sendo uma pessoa anterior à massificação da internet e de suas facilidades de envio de mensagens, eu usava bastante da ferramenta carta. Viajante nômade, me mudando por várias vezes para lugares diferentes (ainda que fosse, como algumas ocasiões, dentro da mesma cidade), usava as cartas como maneira de manter algum contato. Tinha um baú com centenas delas até bem pouco tempo atrás – algumas rasguei, outras queimei, tantas amassei e joguei no reciclável depois de algum surto de tensão que me dizia não fazer mais sentido tê-las ali guardadas <justo eu, um acumulador, um memorialista, que possui mais de dois ou três relicários já cheios...>. Acho que reler algumas passagens não me fez muito bem, porque diziam sobre Leandros que hoje não vejo sentido em existirem – e não

há mesmo sentido, porque hoje sou outros e amanhã outros e todos os dias (evoé!) serei outros. Eu não tinha entendido, e talvez esteja aprendendo somente agora, que as cartas são pontos marcados num território existencial também marcado num espaço-tempo específico, que elas dizem sobre aquele momento fotografado no papel (ou talvez nem dizem nada, nem nunca tiveram a pretensão de significar ou explicar nada...).

Troquei muitas cartas. Com muitas pessoas. Era bem baratinho pra postá-las no correio: se fossem manuscritas e com apenas uma folha, existia uma tal de 'carta social' que custava menos de cinco centavos. Não levava nem um selo, eu só precisaria escrever em algum papel e colocar dentro de um daqueles envelopes dos mais simples, que eu tinha aos montes. Era indescritível a sensação de receber uma cartinha das mãos do carteiro. Abria logo, devorava logo, respondia o mais rápido que pudesse e repostava. Às vezes eu já tinha até falado sobre aquele assunto na carta que acabara de enviar e, naquele momento, a resposta nem fosse mais necessária. Ruídos de comunicação, algo diferente do que temos hoje, mas ainda ruídos <e eu piorava os cacos porque sempre tive a péssima mania de esquecer das coisas que havia escrito, gerava uma confusão danada até conseguir que minhas interlocutoras aprendessem sobre essa minha característica e passassem a dar pequenas notas explicativas>.

Que saudades!

Não saudosismo, acho. Saudades... daquelas sensações.

É gostoso reatualizá-las no meu corpo atual.

Sentí-las de um modo diferente. Porque produzo/agencio diferença.

Retomando: as cartas são modos de ensaiar. Ainda escrevo cartas, mas já faz anos que não as faço do modelo 'convencional'. As últimas foram digitadas num documento do word, transformadas em pdf e enviadas por e-mail ou WhatsApp. Mais rápido e mais fácil, quase que instantâneo.

Mas por que cartas, então, e não mensagem de facebook/whats ou e-mail?

Cartas.

Me recordo de uma carta que troquei com Neilton, talvez logo que nos conhecemos e depois de descobrir que ele também gostava de cartas. Foram várias, mas em uma eu senti necessidade de explicar (acho que mais pra mim do que pra ele) o motivo de chamar aquele texto de carta. Tentei fazer uma diferenciação com as outras modalidades textuais mais instantâneas. Escrevi que ali na carta apareceriam coisas flutuantes, que também havia cacos e pedaços e amontados de coisas que nem precisariam estar juntas. Que os outros modos de comunicação eram válidos e continuariam a fazer parte das nossas relações, mas que as cartas seriam uma forma de “guardar melhor” os assuntos, de documentar mais eficientemente. Mas disse, também, que naquele formato de texto eu me sentia mais livre pra criar, pra expressar o que estava sentindo, pra dizer sobre os meus eus. Ou talvez eu não tenha dito nada disso, mas tenha pensado e escrito outras coisas. Ou nem pensei e estou pensando só agora <por isso gosto das cartas, parece que sinto algo de liberdade quando digo a mim mesmo que é uma carta>.

Já falei de Euclides da Cunha, não é? Ele me faz pensar em cartas. Primeiro porque eu costumo dizer que grande parte da minha subjetividade foi e continua sendo forjada por e com e através das minhas experiências na Semana Euclidiana. Esse é mais que um evento, é um disparador de aprendizados múltiplos. Ocorre anualmente de 09 a 15 de agosto na cidade de São José do Rio Pardo – SP, lugar onde Euclides residiu durante três anos para acompanhar a reconstrução da ponte metálica que havia caído. Foi ali, dizem as biografias, que ele escreveu e revisou grande parte de *Os Sertões*, considerada sua obra-prima. Depois de morrer, após uma infeliz tentativa de cobrar sua honra com o amante da esposa, tornou-se ainda mais célebre (parece que temos uma estranha cultura de admirar quem morre, não?). Ele já tinha alcançado certa notoriedade, já era um imortal da Academia Brasileira de Letras, já circulava em rodas da alta sociedade da época. Mas ficou famoso após sua morte, dizem que até por decorrência dela (da tragicidade, que fez a história render muitos livros e até uma minissérie da rede Globo: *Desejo*). Os amigos dele, indignados com a absolvição daquele que consideravam um assassino culpado (Dilermando), começaram a se organizar e realizar ações no Rio de Janeiro e em Rio Pardo – por *Protesto e Adoração*, como chamaram aquelas cerimônias de culto à memória de Euclides. Dessas ações foram surgindo vários eventos. Um deles é a Semana Euclidiana, recentemente reconhecida pelo Governo do Estado de São Paulo como um evento de

“caráter tradicional e de notório conhecimento”, sendo realizado desde idos de 1912 (alguns dizem que ininterruptamente, embora com variadas mudanças de formatos).

E faz algum sentido falar tudo isso? Além de ser um dos meus assuntos preferidos (inclusive tento levar todo mundo que conheço pra participar ao menos uma vez do evento...), a Semana Euclidiana é a minha marcação de fim/início de ano. Uma das razões de tamanha importância é o fato de que é um momento em que estabelecemos contato com pessoas de diversos lugares – permanecemos alojados em uma escola, todas juntas num mesmo espaço, compartilhando banheiros e salas e dormitórios e lanchonetes e... Lá em 2005, quando participei pela primeira vez, fiz muitas amizades. As cartas eram o meio de contato entre nós, inclusive porque eu nem computador possuía. Nos dois últimos dias era uma dança infundável de papéis pra que colocássemos os endereços (no ano seguinte, levei até ‘papéis de carta’ pra que cada uma anotasse numa folha os seus dados). Aprendi muito sobre mim na e pela escrita daquelas missivas.

Outro aspecto que me lembra cartas quando penso em Euclides é a sua correspondência própria. Algumas pessoas pesquisadoras fizeram o esforço de reunir o maior número de cartas escritas por Euclides. Ele escrevia muitas e muitas cartas. Pra muita gente, desde familiares até personalidades com notoriedade e fama. As cartas eram um meio privilegiado de comunicação pra ele. Foi por meio delas que aprendi sobre quem era Euclides. Ou melhor, foi lendo aquelas passagens que pude, creio eu, chegar ao mais próximo do que havia sido Euclides (ou do que ele intencionava mostrar a quem as enviava). Esse é um detalhe importante: a carta me soa como algo em que a pessoa que escreve tem a intenção de que apenas a destinatária possa ter acesso ao que ali está. Elas têm, em tese, caráter mais pessoal, subjetivo, espontâneo (não obrigatoriamente, mas num modo geral, com exceção das cartas públicas e, claro, se as pessoas decidirem que fossem para compartilhá-las). Digo por mim, agora: quase a totalidade das cartas que escrevi, as fiz pensando que seriam lidas apenas e tão somente pelas interlocutoras. Talvez Euclides pensasse que suas correspondências fossem invioláveis e não seriam publicizadas – o que me faz criar uma hipótese: será que isso, o caráter privado/íntimo, não ajudasse pra que ali naquelas linhas a pessoa pudesse ser o mais próximo de quem era? <despir-se de suas rostidades públicas e unívocas>.

Então como escrever uma tese feita em cartas, se sei que obrigatoriamente ela terá de ser lida e avaliada pelas pessoas da banca (e depois publicizadas)?



Lembra da ideia do jogo de RPG? Do *lá* que é também o *aqui* e o *que*, que constrói o cenário na medida em que caminha e que vai cumprindo as tarefas de acordo com o que vai sendo feito e que isso faz surgir outros trajetos possíveis? Estou sentindo, enquanto escrevo, que o cenário desse texto está cada vez menos sem um fim – é como se fosse o horizonte, que não importe o quanto andemos, tão longe ele parecerá estar...

Acho que pensei nisso porque fui atravessado pela Potyguara Bardo e sua *Oasis*, me remetendo à solidão desértica que tem sido escrever e a busca quase vital de um pequeno oásis:



*Agora vai em pleno deserto
A tempestade de areia lhe trouxe pra mais perto
Agora vem a mim semelhante
Também jovem nesse jogo, mas já tão bem amante*



toda criação envolve tbm destruição. quando eu criei a Linn da Quebrada fiz isso para que ela pudesse matar em mim oq me mantinha estagnada & constantemente a mesma. eh preciso muita coragem para matar & morrer. e agora chegou o momento de a Lina Pereira matar na Linn da Quebrada oq eh necessário & fundamental para que haja movimento & o novo possa surgir. ou melhor as novas. as boas novas. a nova eva. por isso pra mim eh tão importante finalizar esse ciclo, destruir pajubá & ver ele se transformar no seu encontro com outros corpos. e para que mais uma vez eu possa entender oq eh urgente & fundamental, pra mim, cantar nesse momento. eh o risco de desvendar um mistério.

[Linn ou Lina? **Linn & Lina!**]

[postagem na página do facebook - 15/01/2020]

Certa vez, numa das reuniões de orientação de pesquisa, ainda com o antigo orientador (essa é uma história que necessita ser contada) [mas não agora e não aqui], compartilhei a ideia de escrever cartas <*você tem muitas ideias, ideias não viram texto*>. Elas seriam de uma forma que expressassem um pouco do que eu conseguiria produzir enquanto *dizer desde e sobre* os efeitos, no meu corpo vibrátil, do ouvir sensível e atenciosamente as músicas da Linn da Quebrada. Era meu *lá/que/como* naquele momento [e eu nem sei mais porque comecei a dizer isso tudo...].



Lembrei: dizer sobre o que era, na ocasião, o meu projeto de pesquisa. *Processo*.

Ideia: pensar em um modo de fazer que parecesse mais próximo daquilo que eu estava entendendo das teorias todas que fui tendo contato. Elas diziam, quase que como um imperativo, pra ter uma atenção sensível aos afetos que atravessavam meu corpo e para me colocar a cartografar os movimentos criados/produzidos/inventados a partir daí, reunindo e expressando por meio de blocos de sensações...

Ouvir e escutar e sentir as músicas da Linn [em especial, as do disco *Pajubá*]. Dar passagem aos afetos e perceptos. Anotar as sensações provocadas no meu corpo vibrátil, registrar o quanto mais puder. Ouvir e escutar e sentir de novo as músicas e as sensações. Organizá-las a partir de um bloco de similitudes. Expressar o processo por meio das cartas (que seriam de um Leandro para outro, não respeitando tempo, nem hierarquizando qual seria o melhor, o correto, podendo ser de um eu com 4 anos a um de 80 e tantos que talvez nunca vá existir...). Juntar e citar as referências consultadas, embasando minhas escritas a partir das Filosofias da Diferença e dos Estudos Culturais e *Queer*. Produzir alguma performance artística - porque tenho um corpo que dança/va e porque fui afetado por uma aula do professor Alan Pimenta.

Um parêntese pra narrar (ou inventar partes que não me recordo muito bem...): em determinado momento, falando sobre imagens agentes, sobre suportes e modos outros de produzir academicamente, Alan exibiu uma performance de um professor da UNICAMP (Adilson de Jesus, se não me engano). Era uma sala vazia e escura, havia uma série de fotografias que iam sendo projetadas na parede, em preto e branco. Imagens capturadas pelo próprio professor no prédio do Carandiru, antes de ser implodido. Havia músicas, barulhos, ruídos - não me recordo quais, mas havia sons. Aparece um corpo todo pintado de branco: estética do Butoh, uma expressão artística tradicional no Japão. O

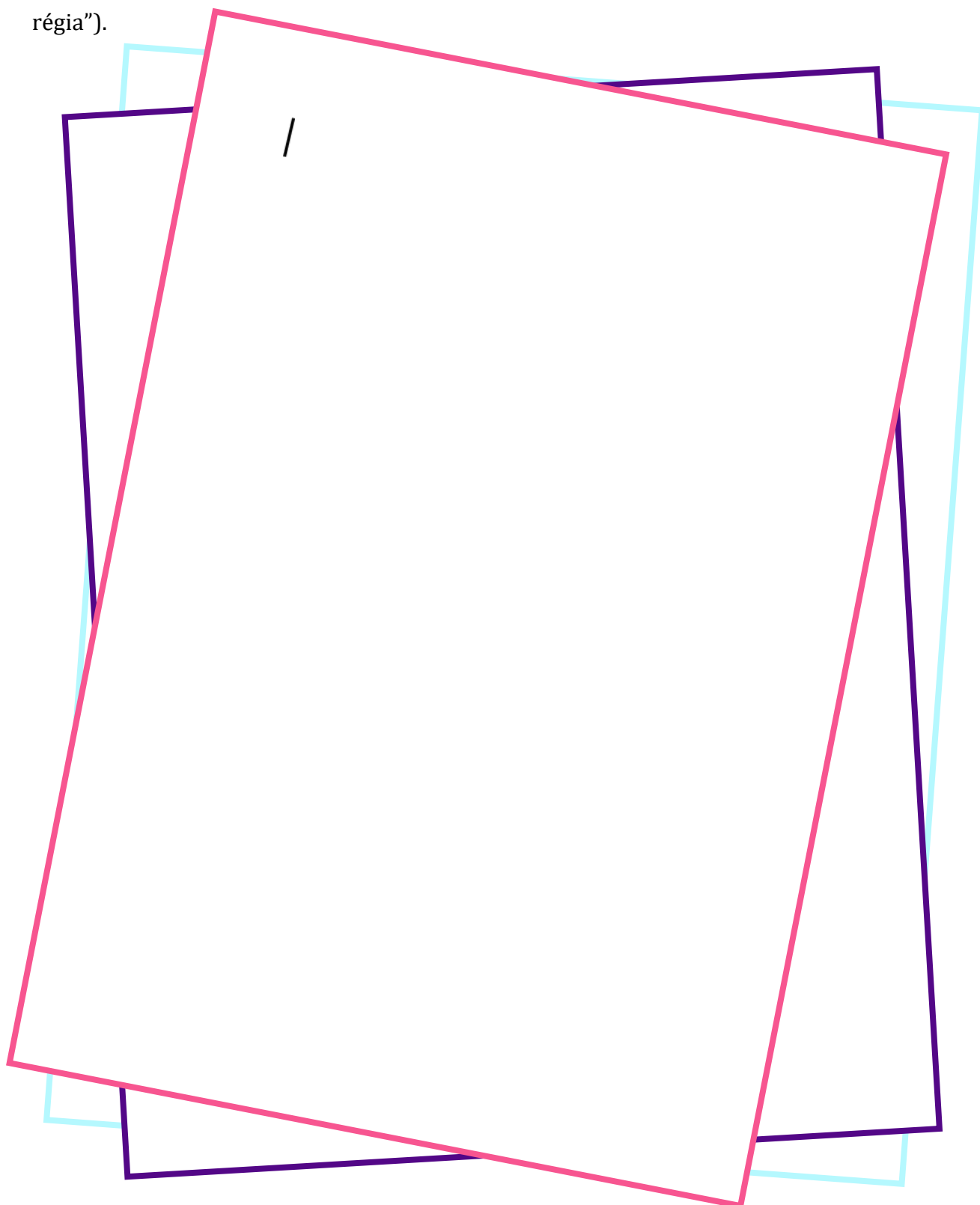
corpo dançava, se expressava fazendo gestos e movimentos tortuosos, ora bruscos, ora com muita delicadeza. Parecia transmitir sensação de dor, desespero, aflição (algo próprio do Butoh, até onde consegui aprender, já que se trata de dança criada no pós-guerra para representar o horror sofrido pelo povo japonês em decorrência das bombas atômicas). Mas atualizado a partir da experiência-Carandiru.

Aquelas imagens, tanto do professor performando, quanto das fotografias projetadas na parede e sobre o corpo dele, aquilo tudo mexeu bastante comigo. Eu já conhecia um pouco sobre Carandiru, já havia lido o livro do médico Drauzio Varella e assistido ao filme de Héctor Babenco. Alguma imagem sobre aquilo tudo já povoava meus pensamentos. Também já havia tido contato com o Butoh, quando coordenei um ciclo de apresentação de trabalhos acadêmicos na Semana Euclidiana e, dentre eles, um grupo carioca performou, através da estética butohniana, uma leitura sobre o sofrimento provocado pelo exército às pessoas do arraial de Belo Monte. Participei de oficina e até já havia performado uma adaptação da apresentação que assisti anteriormente <um fato interessante: construímos coletivamente, eu e um grupo de estudantes da escola onde dava aulas, alguma performance que misturava a temática afro-brasileira com essa expressão artística, causando certo estranhamento por parte das pessoas que assistiram, provocando reações diversas e possibilitando alguns convites para apresentações em outras instituições escolares> (acho que dá pra notar que isso me toca).

Voltando: a ideia de produzir alguma performance artística seria uma espécie de materialização não-escrita (ou com grafias outras) de um possível e projetado percurso de pesquisa (ou seria mais justo chamar de itinerário, uma vez que havia de antemão os pontos a serem percorridos?). Havia até algumas hipóteses de agrupamentos dos blocos de sensações a partir do que já vinha ouvindo das músicas da Linn - ainda sem saber os nomes que daria, sabia quealaria sobre: a saída do armário; envidescer; cuidado de si; feminilidades e signos do feminino no meu corpo; violências; não adaptação escolar e religiosa; re-existência; apagamento de histórias e memórias e vivências coletivas; não adequação; redes de apoio; coletivi(a)dades; sexualidades e gêneros dissidentes; ativismos e militâncias através do campo cultural; aprenderes no e sobre o corpo; adoecimentos; invenções de si...

O seu projeto está redondinho, só executar – escutei algumas vezes <executar? será?!>.

Algo de imprevisível impera. Não sei bem explicar, mas o plano mudou. Talvez em algum momento dessa escrita eu ainda recorde elementos que consigam ajudar a compreender. Ou não. Mas interrompe-se um processo – que fosse bom ou ruim, adequado ou não, bem embasado teoricamente ou nem tanto assim, mas era um plano. Dali poderia nascer uma tese, o texto que deveria contar o processo e ainda, se possível, propor ideias que poderiam ser pensadas e aplicadas no campo da educação (a tal devolutiva à sociedade, às vezes violentamente exigida por quem defende a “ciência régia”).



De novo o cursor piscante. Folhas e espaços vazios. Mas dessa vez, além de ser por não haver texto sendo escrito, é também por certa paralisia do processo de aprender-enquanto-pesquisa (o que sinto é desestímulo, diminuição do desejo de pesquisar, descrença tanto na pesquisa, quanto na academia e também em mim mesmo).

Hiato.

<é aqui que pode ficar ainda mais chata e maçante essa exposição toda, esse rodopiar textual que fala e fala e parece dizer pouco sobre o que pretendia...>

Imperativo para permitir que a vida persevere: paro tudo, faço um recreio, como um doce, ouço uma música relaxante e revigorante (escolho *Oração*, da Linn), projeto modos de existência para além da angústia. É preciso re-inventar!

Me perco... e me permito desfrutar um pouco dessa sensação.

engenharias da destruição

tem muita cabeça nos meus pensamentos
guilhotinando meus sonhos sob uma esteira fabril de metas, convenções,
planejamentos,
ressentimentos
um fio fino de suspensão febril se derrama regular y lento por
toda superfície das minhas peles
pelos
poros
cartilagens entupidadas de si
mento eu hoje me acordei sentindo ur
gente
e que eu não compartilhava linguagem em comum com nenhuma outra
pessoa humana sequer pra
quem pudesse me desarquitetar

[Tatiana Nascimento – Lundu, 2017, p. 76]

Ouço uma e depois outra vez. Assisto, observo, me entrego. Parado, apenas alisando meu paninho delicadamente colocado sobre meu colo <o toc, já disseram> (o paninho é um caso à parte, algo que pode ser contado depois... ou não).

O corpo está cansado, as costas latejando e a mente... ah, a mente: zoadá, barulhenta, exausta. Um tumulto só.

É preciso descansar um pouco. Outra música começa: *Serei A*, acho que uma das minhas preferidas da Linn, uma das que mais me provoca, me dá murros no estômago, me faz produzir, aprender, reativar minha força vital... re-existir!

E ela me intima:

Mas não se esqueça

Levante a cabeça

Aconteça o que aconteça

O que aconteça, aconteça

Continue a travecar

Continue a navegar

Continue a atravessar

Continue a travecar

Continue a atravessar

Já é segunda-feira. O som que me embala, agora, é outro: caminho acompanhado pelas letras e melodias do gospel.

Fato interessante <será mesmo?>: ao final de cada ano, o Spotify prepara uma retrospectiva que faz um consolidado a partir do que a pessoa mais ouve, apresentando alguns infográficos e gerando algumas playlists baseadas neles. Em 2017 e 2018, produzi dados pouco convencionais (isso se baseamos nas comparações com amigas e com pessoas que postam suas retrospectivas nas redes digitais): na categoria de estilos mais ouvidos, *funk e gospel*; em músicas e artistas mais ouvidas, várias da Linn e tantas da Luma Elpídio, Bruna Karla, Canção e Louvor... Contraditório? Penso que não. Pode até ser, mas não necessariamente [e o contraditório é bom também!] <gosto muito dos sentidos dessas combinações de palavras: *pode ser, talvez, quem sabe, ou não*>.

E o que tem isso de interessante? Duas coisas, penso.

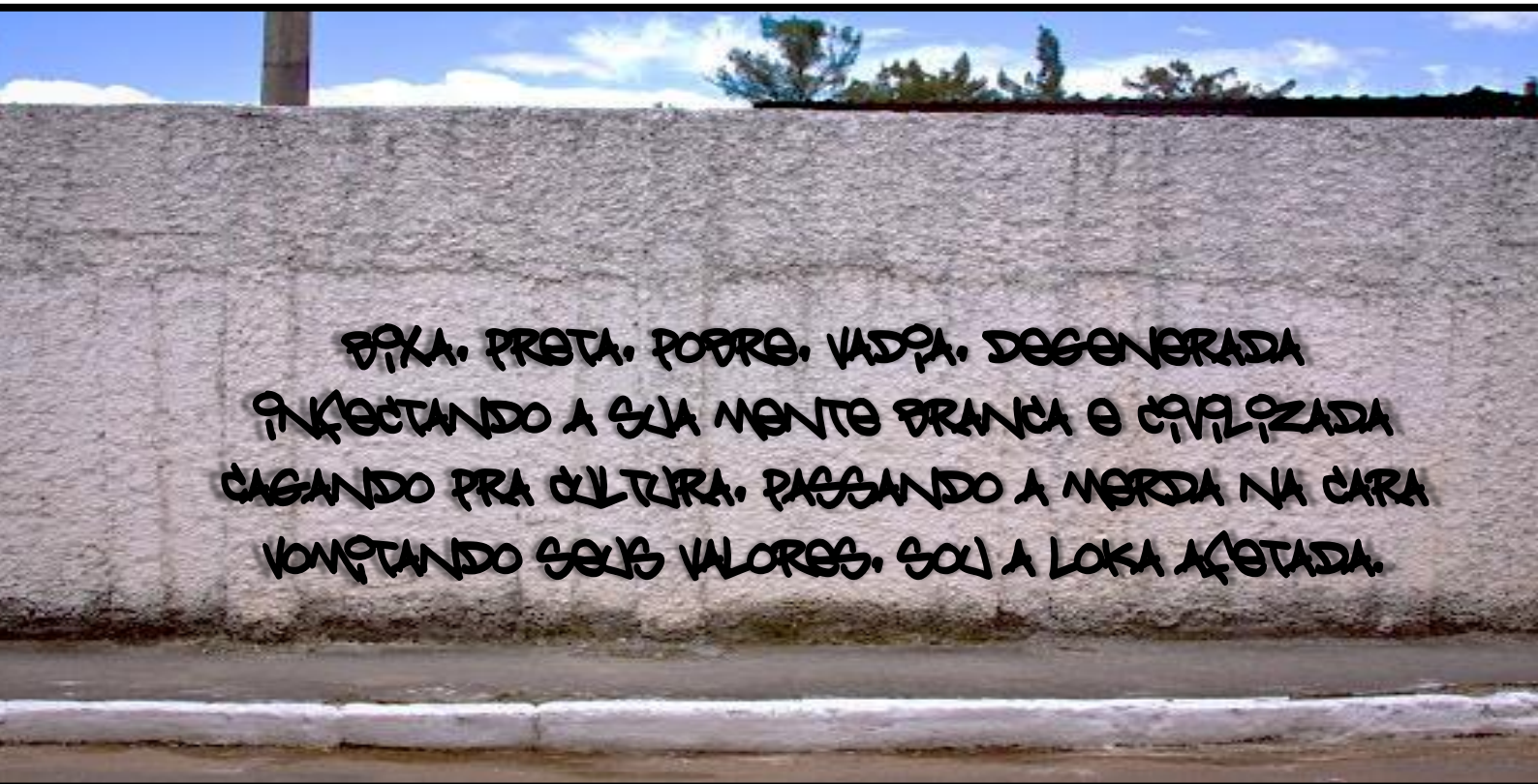
Primeiro porque confronta uma visão estereotipada de uma provável necessidade de cisão tanto dos estilos musicais, enquanto expressões de tipos diferentes de culturas, quanto das pessoas que vivem e produzem e consomem esses tipos de artefatos culturais. É como se fosse proibido, por parecer incoerente para alguém, uma pessoa ouvir e cantar e dançar e curtir *funk E gospel*, viver contextos em que estejam presentes os dois estilos, as duas formas de expressão. Como se um não pudesse coabitar o território com o outro. Como se não existissem outros imbricamentos e misturas e fusões (o funk gospel é apenas um dos tantos exemplos).

Desdobrando esse pensamento para o campo gênero-sexualidade, temos outro problema. Antes, parece importar dizer que, em razão de julgamentos de caráter moral, se estabelece algum tipo de arquétipo que represente uma OU outra forma de viver-música [talvez Max Weber chamaria de tipos-ideias?]: funkeiras OU religiosas (ou unguidas, na língua dos memes). Ignora-se que possam existir, de novo, os atravessamentos e conjunções. Ainda, há um acoplamento de juízo de valor (moral) a essas figuras: bom e certo = religiosas [versus] mal e errado = funkeiras. Quando essa discussão é vestida de questões de gênero e sexualidade, qual desses padrões é comumente acionado para designar as pessoas dissidentes das imposições cisheteronormativas?

É uma tentativa de exclusão que, no limite, separa até a possibilidade da existência de alguma divindade para aquelas que estiverem desviadas do caminho estabelecido como o padrão. E aqui, quanto aos meus eus, seria pensar que (considerando que eu acredito em alguma deusa) eu não teria qualquer tipo de religiosidade porque gosto e consumo funk.

Mas não é bem assim!

<esse é um assunto que me afeta bastante – tanto que essa escrita, desses parágrafos em específico, ficou travada por vários dias, precisando ser retomada e paralisada e retomada...>



BIXA, PRETA, POBRE, VADIA, DEGENERADA
INJEKTANDO A SUA MENTE BRANCA E CIVILIZADA
CASANDO PRA CULTURA, PASSANDO A MERDA NA CARA
VOMITANDO SEUS VALORES, SOU A LOKA ACETADA.

[Bixa Pobre – Anarkofunk]

[<https://www.vagalume.com.br/anarcofunk/bixa-pobre.html>]

Linn. Retomemos o que (n)ela me afeta...

Não é apenas em *Oração* que Linn diz sobre religiosidade, embora nessa obra esteja evidente a proposta de provocar pensamentos sobre esse tema <pare tudo e se entregue, mesmo que já tenha visto: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>>. Aliás, importa destacar o que disse alguém que se identifica como *Gabriel :D*, ali mesmo nos espaços para comentários abaixo do vídeo no youtube:

DENÚNCIA: Numa live de divulgação do projeto da nova era #EstamosVivas, Linn declarou que o clipe foi gravado numa Igreja abandonada (esse lugar também já foi usado por outros artistas) e que a Linn investiu muito dinheiro contratando uma equipe pra limpar o local e criar um cenário (o piano por exemplo foi bem caro). Antes disso ela conseguiu vários documentos com a prefeitura que permitia, juridicamente, o uso do lugar. Tudo ocorria bem até o dia da gravação de fato, quando todas as travestis e mulheres trans do clipe apareceram no local e um SUPOSTO “dono” apareceu EXIGINDO QUE ELAS FOSSEM EMBORA E APAGASSEM TUDO QUE FOI GRAVADO. Ele estava com DOIS CAMBURÕES (um deles está no clipe!!!!) e disse que a polícia ia quebrar todo cenário (“porque é assim que a polícia age aqui”). A equipe da Lin conseguiu acesso a um advogado dos direitos humanos que, mesmo com a permissão da prefeitura etc, só conseguiu UMA HORINHA PRA QUE TUDO FOSSE GRAVADO. Sim. Mais uma vez a Linn e todas as travestis e mulheres trans sofreram censura, a própria Linn disse que caiu na real sobre a disputa de território, literalmente, que eles querem. APOIEM A LINN E AS ARTISTAS INDEPENDENTES!!!

E é por isso, também, que se torna um ato político de resistência a simples reprodução do clipe (mas já que vai dar o play, aproveite para orar junto).

Culto. É assim que Linn costuma chamar seus shows. Momentos de louvor e adoração às vidas bixas travestys. E de re-existência. E de produção de um mundo possível <isso me remete, de algum modo que ainda não consigo explicar, ao *Protesto e Adoração* de Euclides e das Semanas Euclidianas: ressonâncias?>.

Há tempos passo por essas discussões. Elas me atravessam desde criança, quando fui coroinha e fiz catequese, e nas tantas vezes que busquei religiões diferentes que

pudessem me oferecer algum tipo de entendimento e conforto. Hoje, pensando sobre aquele tempo, identifico alguns questionamentos que já estavam presentes lá – e são ressignificados pelo que me toca no viver-agora. Assim como a Linn, fui crescendo educado por uma ética e moral cristãs (católicas, no meu caso) – parece que esse é um comportamento comum, sobretudo até meados dos anos 2000, quando acontece alguma inflexão cultural (?) e são reforçados outros modos de enxergar o mundo e a relação com o signo do divino.

Eu: católico apostólico romano que frequenta a missa e faz terços e rezas e lê e decora partes da Bíblia Sagrada e que canta os hinos/cânticos e recita salmos e ajoelha e faz catequese para estar digno de comungar o corpo e sangue de cristo e ajuda os padres e é fascinado por crucifixos e é bajulado pelas carolas da comunidade e foi batizado por três vezes (uma na igreja, logo ao nascer, outras duas nos batismos de fogueira – prática cultural que era comum nos sertões de Minas Gerais) <e se eu contasse sobre isso, em algum momento?>... Eu, também, que passou por várias igrejas de diferentes religiões, que professou a fé congregando e estudando semanalmente [com livros, bíblia, revistinhas] com as Testemunhas de Jeová (Linn era desta religião), que fez parte de comunidades protestantes, que fazia benzeção para alguns males (tanto eu operava o benzer, quanto recebia], que já se jogou na filosofia budista, que conheceu e se dedicou a entender a doutrina espírita, que já fez oferendas e ebós aos santos do candomblé e da umbanda... Eu, inclusive, que continuo imerso em práticas afro-brasileiras, sobretudo da umbanda, e que, filho de mãe cartomante (das boas!), se preocupa em estudar algum modo de praticar a mediunidade, e, ainda, está imerso em práticas xamânicas e da medicina da floresta. *Eu sou espiritualista*, respondo a quem me pergunta. Tenho bastante ligação com aspectos das divindades, mas não acredito no Deus escrito com d maiúsculo. Talvez profanando um conceito fundamental da filosofia deleuziana, diria que minha perspectiva do sagrado é rizomática...

d'eus.

De vários eus, como afirma Linn.

[volto a essa escrita no dia 02 de fevereiro, dia reservado ao culto a Iemanjá, orixá considerada a rainha dos mares, mãe d'água – os feeds de todas as redes sociais digitais, pelo menos da minha bolha virtual, estão repercutindo as comemorações e cultos e oferendas e festas que estão ocorrendo país afora... Odoyá!]

Religiosidade. Taí um elemento bastante importante na constituição da subjetividade dos meus eus. Elemento que me atravessa ainda mais quando encontro Linn, pessoa que também o tem como relevante. É um tema “cabeludo”, como dizem quando algo é complexo. Envolve paixões, convicções por vezes cristalizadas, visões de mundo, concepções pré-concebidas... Quando se intersecciona com aspectos de gêneros-sexualidades, pode se tornar elemento de propagação de violências e exclusões – tanto que é bastante comum pessoas TLGB relatarem traumas relacionados às experiências religiosas; e, num aspecto mais teórico, há um profícuo debate sobre a presença de pessoas não-cisheteronormativas em espaços de profissão de fé.

Ressonância (ou espionagem eletrônica – porque ouvem o que dizemos perto dos dispositivos?): acabo de ver, num intervalo da escrita, uma reportagem com o seguinte título: *São Paulo terá a primeira reverenda trans de uma igreja cristã na América Latina* – Alexya Salvador é a pastora de uma congregação evangélica, a ICM – Igreja da Comunidade Metropolitana. Possibilidades.

Algo me captura a atenção: ouço, lá no fundo da sala, uma voz estranha falando sobre cartas da semana. Fico atento e logo percebo se tratar de um áudio que minha mãe ouve em volume bem alto. Há algumas semanas ela havia me enviado um semelhante, acho que recebe semanalmente de uma amiga, mas confesso que não tinha ouvido com a atenção que agora parecia merecer. Fui até lá e perguntei do que se tratava: *cartas do baralho cigano para essa semana*, ela disse. E emendou, me convocando: *ouve a do seu signo*.

Depois de uns três minutos, acaba a parte que fala especificamente de áries. Para entender, preciso ouvir um áudio anterior que fala sobre a carta da semana, pois é ela que rege a força das demais.

Chicote.

Dei um google e descobri muitas coisas. Está ligada à justiça, às tomadas de decisões, mas também pode significar algum tipo de apoio do plano espiritual. É uma carta de força, que potencializa as outras que aparecem ligadas a ela (um turbo – que, por ser uma força neutra, pode intensificar efeitos positivos ou negativos...).

Cavaleiro.

Esta é a carta para arianas <satanárias e/ou otanárias e/ou arianjas...>.

A esotérica que falava no áudio já emitia alguns significados sobre essa carta e o que ela influenciaria na vida dessas pessoas. *É preciso domar o cavalo*, ela diz, enfaticamente. Uma vez estabelecidos os objetivos, basta ter persistência que, com a ajuda do chicote, as coisas podem ser conquistadas – foi o que entendi.

Minha mãe me olha. Sorri. Dá um suspiro bem profundo. E diz: *tá vendo só, você vai conseguir escrever!* Imediatamente pensei: puxa vida, se eu sou o cavaleiro, os obstáculos são o texto e as tarefas todas do doutorado e mais as da escola... Cadê meu cavalo?

E se o cavalo fosse a pesquisa, em si. Porque eu poderia entender a pesquisa enquanto também obstáculo, não? Sim, pode ser. E também como cavalo, pensa algum eu. Cavalo me remete a ‘instintos animais’, a coisas e pessoas incapturáveis, indomáveis, do domínio daquilo que pode ser lido enquanto forças naturais. Lembro dos rodeios que frequentava quando criança, de como era uma festa (as exposições agropecuárias) que movimentava toda a região, das montarias de touros e cavalos, dos concursos de tambor [algo que eu achava mais legal e emocionante e bonito de se ver, mas nunca fiz: *isso é de meninas, oras*, me falaram]. Na montaria: são oito segundos para que os peões (sempre homens, na época) dominem o animal. Há juízes que avaliam a destreza e capacidade do peão em permanecer montado, sempre baseados num certo nível de dificuldade estabelecido a partir de aspectos físicos do animal. Ao final dos oito segundos, se o peão aguentar esse tempo ali, soa um sino e os juízes atribuem as notas. Há quem defenda, há quem repudie, há quem nem se importe..., mas aqui e agora vou me ater ao ato de domar. A pesquisa é o cavalo. Eu-pesquisador, o cavaleiro. De posse do chicote, que reforça as outras ferramentas que possuo para me ajudar nessa tarefa, tenho que me manter montado (e vivo). É preciso superar a marca dos (muitos) oitos segundos (regras, prazos, defesas,). Há uma disputa, uma briga de forças. Quem vence? Há quem vence? Antes disso, há mesmo essa luta? Há a necessidade de haver alguma luta, nesse sentido? E, se há, sempre haverá de ter alguém que perde? Só perguntas. Muitas perguntas. Me ponho a pensar.

A pesquisa, na lógica que acredito e faço e crio, ela é cavalo indomável, incapturável, que escapa. Mesmo que domesticada pelas academias, pelos métodos e técnicas e teorias e padrões estandardizados, ela escapa. Ela é relação, porque reage também ao que lhe atravessa, aos modos de trato dispensados pelo cavaleiro e pelas condições do ambiente em que está. Ela salta e relincha e gira e corre e deita e come e... Ela é imprevisível, mesmo que tenhamos definido algumas etapas esperadas, alguns movimentos que pretendemos fazer, que algum percurso já tenha sido desenhado. Ela permite ensaios, mas não garante que as coisas sairão como planejadas. Ela é infundável, persiste, persevera, é força. Ela acontece enquanto é feita-prática, inclusive as teóricas. É fluxo.

A pesquisa, ela...

<devir-animal? ou seria uma imprecisão teórica?>

Para um eu-acadêmico-que-sofre-para-escrever

Ensaio.

Pelo meio.

Escrita em modo de povoamento.

Que se faz enquanto se escreve.

Que não conclui, se faz fluxo.

Caótica.

Que expressa, ao invés de citar e explicar.

Que se mostra implicada, afetada.

Outra política de narratividade.

<Essa tese não é uma tese. Falta uma tese?>

Esses textos fragmentários se vestem de tese. E a escrita, enquanto é pensada por modos canônicos e cristalizados exigidos por determinadas pessoas fieis da “ciência régia”, produz afetos tristes. Se faz dor e medo e angústia e captura da potência de viver.

De que modo escapar? Como fazer a vida perseverar? Como sobreviver às capturas promovidas por certos tipos de academias? Como dar sentido ao que se faz? Como fazer o que se pretende fazer? Com quem fazer? O que fazer?

Ana Godoy, em 29 de setembro de 2019, no seu perfil do facebook, parece ensaiar algumas respostas:

Se usamos poucas ou muitas palavras, se usamos estas ou aquelas palavras, se citamos estes ou aqueles autores, se começamos uma frase desta ou daquela maneira, estamos mostrando o que nos importa, de que maneira nos importa, de que maneira existimos no mundo, de que é feito o mundo que habitamos, o que nos constitui e que tipo de relação buscamos criar com o outro. Tudo isso circunscreve uma posição, e quando não nos ocupamos disso, na crença de que palavras são só letras corretamente encadeadas que devem portar mensagens, escrevemos textos-palanque, quando não nos ocupamos disso, na crença de que as palavras nos garantem um emprego, um status, um título, ou reconhecimento, escrevemos textos- vaidosos ou textos-burocráticos. Quando não nos ocupamos disso porque achamos bobagem, escrevemos textos-indiferentes. Mas cada um destes textos diz de nossa posição, diz do mundo que somos, da casa que habitamos, cada um deles sendo já um mundo que pomos no mundo e que de alguma forma alcançará um leitor, que irá ler e experimentar sensivelmente o palanque, a burocracia, a vaidade, a indiferença. Cada um deles estabelecerá uma relação com esse outro mundo que é o leitor. O texto palanque tratará o leitor como alguém a ser convencido, o texto burocrático o tratará como um depósito, o texto indiferente desprezará o leitor, o texto vaidoso ignorará sua existência, tal qual o colonizador que uma vez distribuiu espelhos imaginando que ver a si mesmo pudesse ser o desejo de todos.

Ana Godoy

Em ressonância, esse é um caco de texto que compõe com tantos outros (escritos ou não). Antes mesmo de ler o que a Ana escreveu, pensava um tanto dessa forma <esse é um texto daqueles que penso: eu queria ter escrito isso!>. É como tenho me posicionado há algum tempo, enquanto pessoa-que-faz-a-academia e que passou (dentro e fora da universidade) por vários episódios provocados e/ou provocadores dos travamentos de escrita. É que me afeta não apenas a minha própria experiência, mas o cada vez mais evidente processo de adoecimento que certas regras rígidas e modelos de produção científica tem provocado em tanta gente.

As redes sociais virtuais, mesmo que com suas limitações, têm possibilitado algum tipo de contato com gentes que, sem elas, ficaria mais dificultado ou jamais existiria – e, dessa forma, encontramos muitas outras pessoas que vivenciam situações bastante preocupantes. Há um grupo no facebook, o Bolsistas Capes, que é inundado diariamente de postagens relatando as dores e angústias de pessoas das mais diversas áreas, lugares, posições na hierarquia acadêmica... Mesmo que a distância, ali acabam se formando algumas redes de apoio, algum modo de fazer perseverar a vida se ensaia por meio daquelas trocas de experiências.

Voltemos à Ana Godoy. Se pensarmos nos tais objetivos que planejei quando do início da pesquisa, não caberia falar dela. Se pensarmos nos tais modelos de produção vigentes por aí fora (e “adentro” de mim?), também não. Mas se estou inventando algum tipo outro de fazer-ciência (mesmo que seja válido apenas para mim, nesse momento), me parece um imperativo tentar narrar algumas coisas.

Conheci Neilton em um evento da ABEH – Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. Encontrar com ele me fez encontrar com muitas gentes, dentre elas, Renata Aspis. De algum modo, em confluências, esbarrei com Ana Godoy. Reencontrei, porque já ‘éramos amigos’ no facebook e, por isso, acabava vendo uma ou outra postagem dela (até àquela altura, “apenas” mais uma das pessoas [incríveis] que me fazia ter algum orgulho em dizer fazer parte das ciências sociais). Mas ela re-aparece numa conversa com a Renata, já orientadora de doutorado do Neilton, na UFMG. Por conta de alguns ocorridos não muito bons <assunto-que-ainda-machuca>, busquei algum tipo de conforto e orientação com pessoas que me inspiravam confiança e me pareciam ter o que contribuir para me ajudar a produzir um viver diferente daquele triste e desesperançoso. Desabafei à Renata, talvez até a assustando, e ela, numa atitude bastante empática [pra dizer o

mínimo], me propôs alguns movimentos: um deles, o contato com a Ana, que, segundo ela, iria me salvar dessa dificuldade de escrita.

Contato feito. Enquanto aguardava resposta, varri a internet em busca de coisas relacionadas a essa pessoa (que, agora, passa a ter outro sentido, passa a ter importância por outras razões). Encontrei alguns poucos textos. Vem a resposta ao meu primeiro contato e isso me desperta curiosidade ainda maior, uma vez que ela havia acolhido minhas angústias de uma forma que me acalantou. Esperança, eu ainda tenho salvação (porque chega um ponto da pesquisa que a gente se confunde com ela) <desde os (re)começos?>.

Ana tem se dedicado a fazer acompanhamentos de processo de escrita. É uma aposta ética e política, acredito. Valorosa e fundamental prática! E assim ela me explica a intencionalidade de sua atuação:

o princípio do trabalho é criar com a pessoa que acompanho as condições para escrever, no sentido de cada um poder perceber um estilo, um ritmo e uma maneira próprias e poder praticá-los na escrita das dissertações e teses, reduzindo a angústia ou o sofrimento para escrever, que geralmente são expressos em frases do tipo: não consigo escrever, não escrevo bem, não sei por onde começar etc.

Por alguns motivos, o acompanhamento acabou não acontecendo. Mas Ana passou a povoar ainda mais os meus pensamentos e minhas leituras. Prestei mais atenção às coisas que ela postava no facebook, onde encontrei várias passagens que, de alguma forma, me davam a sensação de que caminhávamos lado a lado. Fui percorrendo linhas que ela indicava (ou que eu sentia a partir daquilo que ela postava). Encontrei algumas

pessoas que têm lutado em trincheiras semelhantes às dela e que eu agora também me colocava como partícipe. Reencontrei textos e falas e outras produções de algumas pessoas que até já conhecia, mas não tinha me atentado a alguns pontos. Fui fincando os pés nesses territórios construídos por pessoas que inventam *outras políticas de narrativa*. E fui me permitindo ser levado. Escolhendo ser levado, criando possibilidades de caminhar desde e por essas veredas.

E fui indo... acompanhado e provocado e afetado também (e sobretudo, sempre!) pela Linn. Fui me dando conta de ressonâncias entre escritos produzidos desde a academia e as falas e músicas da Linn. Reativando uma formulação foucaultiana: se deu a ver, de maneira bastante evidente, o vigente regime de saber-poder que determina, através de alguns dispositivos, qual é e quem produz o discurso válido, a verdade sobre determinada questão.

Mas olhe só: a Linn produz e provoca e inventa saberes! Sim!

Por que parece haver alguma exigência em se estabelecer como relevante apenas aquilo que é produzido pelo e no circuito acadêmico?

É verdade aquilo que é científico?

E é ciência só o que é feito daquele modo validado de produção?

Só se produz ciência na academia?

Só se produz e provoca e inventa saberes e aprenderes em instituições escolares?



esquizografias



Curtido por **cuierparadiso** e outras pessoas

esquizografias Tem que ter uma escrita polida
Não pode desviar do que os/as filósofos/as falaram
Tem que ter uma escrita artística
Não pode usar os conceitos sem entendê-los
Tem que fazer um texto que alcance todos os públicos
Não pode ser estrangeiro
Tem que saber de onde tirou cada palavra
Não pode misturar muitas ideias
Tem que ser fidedigno ao que o autor disse
Não pode criar o seu estilo de escrever
Tem que ser inteligível
Não pode ousar

@esquizografias - 06/05/2018
arte: Fábio Magalhães

como um por-vir destinada à construir vidas inéditas?
onde os devires se produzem em alta potência e a escrita se constitui
Estariamos de fato habitando um meio como explosão de velocidades,
Entre conceito e afecção, tem um milhão de devires no intermeio
instituídas de escrever, viver, sentir, expressar?
Onde ficam as letras-navalhas que produzem fissuras nas formas
algo.

**Como se a escrita fosse um produto que se deve vender para ganhar
ou quem?**
Adequaremos a multiplicidade para caber no ouvido daqueles que nos
(TIVESSE V-I-V-O).

**(ESCREVA DE UMA MANEIRA QUE A BANCA SE AGRADE AO LER
ESCREVA DE UMA MANEIRA QUE O FILÓSOFO FICASSE FELIZ, SE
Pré-paramos uma escrita para os ouvidos que degustarão?**

O que esperar de uma esquizografia?
Qual a função de escrever?
O que é escrever?
buscamos fugir
filosofia que nos leva sempre ao **UNO aprisionante, sufocante** que tanto
Uma dicotomia infértil entre filosofia e arte, ciência e arte, e
como "não pode ser"
Se re-ferir à escrita numa lógica moral que ordena como "tem que ser" e
Sufocado
Seu foco é no valor mercadológico do texto ou na capacidade de afetar?
Sufoco

**Será que filósofo tal usaria mesmo essa palavra?
Você fala isso baseado em qual filósofo?**

Não pode usar
Tem que ser inteligível
Não pode criar o seu estilo de escrever
Tem que ser fidedigno ao que o autor disse
Não pode misturar muitas ideias **de filósofos**
Tem que saber de onde tirou cada palavra **e a tradução exata**
Não pode ser estrangeiro
Tem que fazer um texto que alcance todos os públicos
Não pode usar os conceitos sem entendê-los **completamente**
Tem que ter uma escrita artística
Não pode desviar do que os/as filósofos/as falaram
Tem que ter uma escrita polida
Escrevendo um texto filosófico

Obs.: as partes destacadas em vermelho são uma atualização feita, pela própria Esquizografias, em texto publicado com outra versão anteriormente.

Texto: perfil Esquizografias no Instagram
Arte: Fábio Magalhães

Quê **possamos resistir** ao rosto aprisionante, do regime identitário que querem nos enclausurar, que nos seja permitido experimentar, ousar, bricolar, inventar um estilo, roubar, torcer, criar, sem culpa de não estarmos sendo fidedignos a autores, nem pré-Ocupados com a capacidade da escrita ser entendida completamente.

Pouco que me importa que substâncias, matérias, cores te apoiem na construção de um texto. Se fizer dele um bom uso, para produzir multiplicidade, para afirmar a vida em sua potência maior, para criar rizoma, para inventar múltiplas saídas, para movimentar as linhas de força e produzir bons encontros...

Não existe bem e mal, existe o bom e o mau encontro, o bom e o mau uso, nos alertara Espinosa

MAS VOCE NÃO TEM QUE CRIAR NADA
JÁ FOI TUDO CRIADOR POR SÓCRATES, PLATÃO, ARISTÓTELS,
HEGEL, KANT E ETC, ETC, ETC...

de Filosofia
A academia é capaz de capturar o caráter de criação ainda que falemos
fluidas linhas artísticas
As capturas podem vir tanto do rígido academicismo, quanto das mais
Onde está a experimentação da nossa escrita?
diferença?

Será que somos papagaios de filósofos, que repetem o já-feito ou
criação de conceitos
Partindo da lógica deleuzoguatarriana que considera a Filosofia uma
identidades-escriptor?
Ou estamos buscando amenizar as acelerações dos meios buscando

Ao Leandro-que-dança

Pensei em falar sobre ensaiar. Parece haver necessidade de dar passagem a algum pensamento sobre essa prática. Talvez para tentar entender (ou justificar?), de algum modo, o estilo de escrita desses textos que devém tese.

Mas são cartas ou são ensaios?

Cartas & Ensaios.

[Ensaaios que carteiam y cartas que ensaiam.](#)

E danças...

Entregue a esse exercitar-ensaiar escrita, lembrei sobre quando meu corpo dançava.

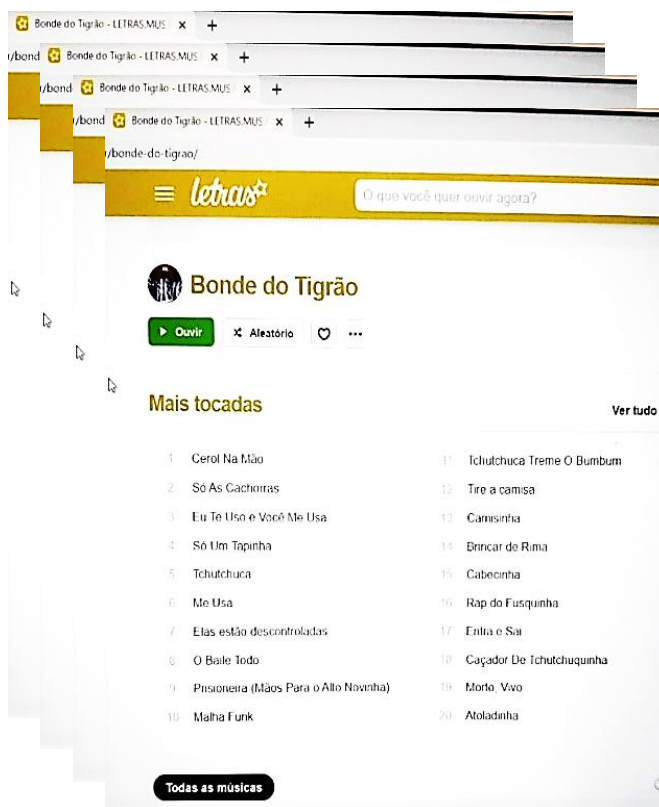
Era um Leandro-dançante desde muito pequeno. Meu corpo pulsava, bailava, se entregava aos movimentos <de um jeito que hoje, não sei por quê, já não faz mais...>.

Apesar da timidez (essa, sim, ainda bastante presente), tenho várias recordações de flashes de apresentações nas escolas que frequentei. Já ouvi muitas histórias de danças que eu inventava, das brincadeiras-de-dançar, das piruetas e espacates e rebolados [é o tchan, tchan, tchan...]. Certa vez, lá por volta dos 4 anos de idade, eu teria sido repreendido porque sai dançando 'de forma estranha' rumo ao altar de uma igreja, no momento de algum dos cânticos da missa. Aos 10, comecei a ter algumas aulas de dança na escola – um professor de educação física, um daqueles que tem algo de mais especial que os outros, resolveu nos passar fundamentos de danças e ginásticas (rítmica e olímpica).

Aquele corpo-que-dança foi sendo, apesar de algumas iniciativas como essas do querido e saudoso professor Paulinho Sudano, diminuído em sua potência: pelos dedos apontados e risos jocosos e xingamentos, pelas desconfianças sobre minha sexualidade e pela necessidade de enquadramento em um padrão de macho que não comportava aqueles rodopios 'de gente fresca', por alguma parte de mim que de alguma forma ou concordava ou não via possibilidades de contrariar tais pessoas e suas normas...

Atletismo: essa foi a ferramenta que encontramos, naquele momento, para dar vazão às expressões de um corpo que pedia por movimentações. E lá se fez uma rede de amizades que, talvez por motivos não tão nobres, resolveu constituir um grupo de dança. Para conseguirmos chamar atenção, precisava ser diferente do que já existia (Monte Alto era repleta de grupos de dança de rua, alguns com projeção até internacional em concursos e festivais).

Styles of the dance. Escrito com letras brancas, fonte arredondada, centralizado na parte frontal de uma camiseta cinza meio brilhante. Nosso nome! Éramos uns 8 ou mais adolescentes fazendo gestos estranhos ao som do Bonde do Tigrão. Era a música do momento, o que se ouvia em todo canto, o auge eram aqueles funks cariocas:



Passávamos horas ensaiando. Ou fingindo ensaiar.

Eu, além de um dos dançarinos, era também o coreógrafo. E não coreografava muita coisa, talvez apenas uma maneira de entrar e sair do espaço reservado como palco, uma marcação para os intervalos de uma música para outra... as coreografias mesmo, os gestos todos que tentavam dar algum significado às letras, eram copiadas do Bonde do Tigrão – e tinha que ser assim, pois eram aqueles movimentos que esperavam de nós quando anunciávamos quais músicas dançaríamos.

O mesmo modo de ensaiar persistia em outras atividades que fui executando ao longo dos anos. Da dança aos seminários da escola. Das conversas importantes <que eu tenho o hábito de imaginá-las antes de acontecerem> até textos a serem escritos.

Ensaio que ensaiam ensaiar.

Porque na hora a energia é outra e as coisas mudam. Então por que ficar ensaiando tantas vezes, já que só vou saber como é quando estiver sendo?

Nas aulas de jazz, de dança contemporânea, de estilo livre e até mesmo quando fiz parte do corpo de baile de uma companhia que produzia espetáculos de teatros musicais, os ensaios me soavam menos importantes e desinteressantes e maçantes e até um pouco desnecessários. Eu apenas projetava o que deveria ser feito, sem tentar fazer ou tentando com menor intensidade.

<><><><><><><><> [...] <><><><><><><><> [...] <><><><><><><><>

Ensaaios que ensaiam ensaiar? Ensaaios que ensaiam ensaiar?

<><><><><><><><> [...] <><><><><><><><> [...] <><><><><><><><>

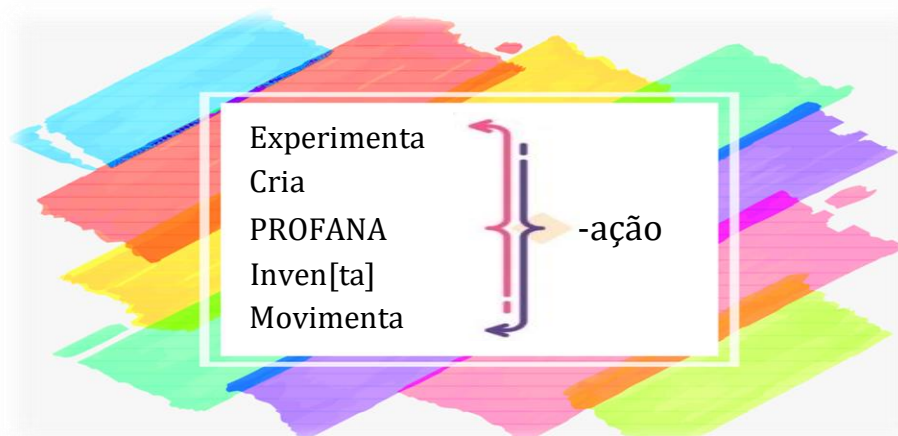
- Quais sentidos podem ter esse verbo?
- Quais sentidos posso dar a esse verbo: ensaiar?
- O que se produz num ensaio?
- Quais efeitos um ensaio produz naquele que ensaia e naquilo que se ensaia?

Esse é um verbo bastante presente em textos (escritos ou falados ou desenhados ou performados ou) das gentes que têm produzido com as *filosofias da diferença*. Mas que *ensaia*? O que se quer dizer quando se opera com esse conceito?

Já há algum tempo venho utilizando a ideia de ensaiar nos meus textos. É assim que tenho tentado caracterizá-los. Talvez buscando reivindicar certo sentido de liberdade de escrita que esse conceito parece empregar. Talvez numa tentativa de dizer que as escritas-ensaio são processos, não se esgotam, nem pretendem oferecer respostas definitivas sobre a temática que versam. Pode ser porque criam mais perguntas do que respostas <e gosto disso!>. Porque assumem se tratar de opiniões singularizadas. Talvez por pretenderem outra coisa que não o explicar, mas expressar ideias e pensamentos e impressões *E*. Pode ser porque permite seguir (e/ou inventar) fluxos.

Porque ensaiar é assumir riscos. É uma escrita que produz diferença... (ao contrário dos ensaios-para-gravar-movimentos que reproduzem, às vezes exaustivamente, uma mesma sequência).

Porque ensaiar põe as palavras e as ideias e os pensamentos e as coisas e as pessoas e os conceitos e as memórias *E*: a dançar.



Escrita como política de vida: criação de mundos!

Monte Alto, 07 de fevereiro de 2020

(embalado por *Todxs Putxs*, da Ekena)

[<https://www.youtube.com/watch?v=tVK1tlhIIUE>]

Às que caminham junto, compõem:

Algum pensamento me pedia para escrever essa carta. Algo que me provocou ouvindo alguma música enquanto dirigia de volta para casa. A propósito: dirigir só é suportável porque a solidão do carro me provoca pensar-e-sentir (mesmo povoada por mais carros e semáforos e buzinas e sinais de trânsito e pedestres e paisagens correndo-parando na janela – que gritam para serem contempladas, mas não podem).

Pensei: será preciso tentar dizer sobre texto em modo de povoamento?

Contradições:

Solidão. É isso que sinto. Uma solidão quase insuportável, que produz efeitos bastante desagradáveis no meu corpo. Solidão povoada parece ser ainda mais cruel. Escrever tem sido um pouco isso... ter que estar sozinho, quando o que mais quero e preciso é estar COM, estar junto, estar entre, dentro.

Eu não consigo escrever no meio de gentes. Quero prestar atenção nas conversas, parece. Me sinto atravessado a todo momento. Qualquer coisinha parece mais interessante do que aquele texto que precisa virar papel. Escrever é um processo solitário, repetia o Nilson, meu ex-orientador – parece que ele tem razão.

?E eu escrevo sozinho?

Lembro de algumas cenas em viagens com Neilton (amigo-da-vida, meu maior companheiro nessas andanças acadêmicas). Uma bastante pulsante é Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero, finalzinho de julho e primeiros dias de agosto de 2017. Casa do Nelson (e que casa! – e cadê um Nelson na minha vida? rs). Depois das obrigações acadêmicas, algum refresco pela ‘ilha da magia’. Michele e Murilo e Natália e mais gentes que íamos encontrando. Bebemos e comemos e andamos. Rimos muito. Quando chegamos em casa (porque era assim que Nelson fazia a gente se sentir), Neilton e eu ocupávamos a sala, deitados cada um em seu colchão. Neilton, mesmo alegre pelas bebidas e cansado pelo looooooongo dia, resolve ligar o notebook e escreve e escreve e escreve. Fiquei curioso e perguntei o que tanto ele digitava: *são pensamentos, ideias* – ou algo parecido com isso, minha memória não permite lembrar exatamente as palavras

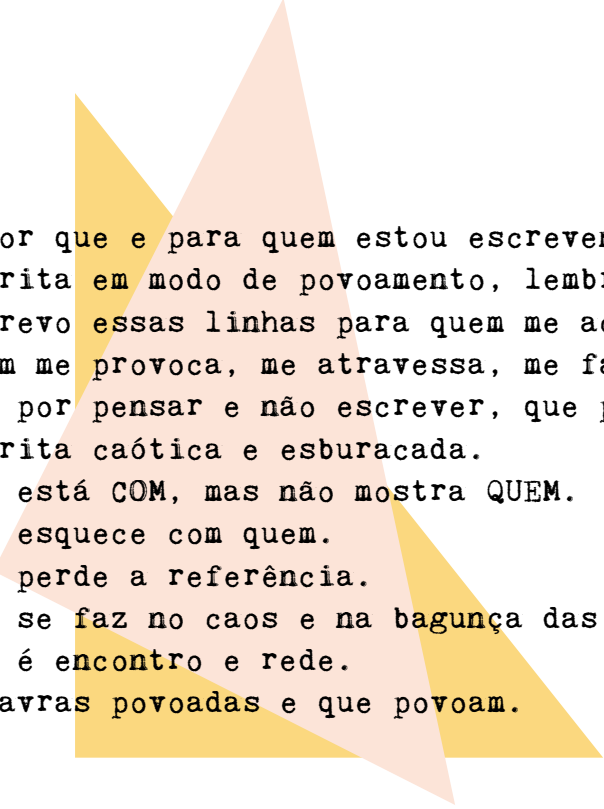
usadas por ele. Parecia que ele escrevia para não esquecer e que havia guardado aquelas ideias dos momentos vivenciados ao longo do dia – tive a impressão de que, se não o fizesse, não conseguiria dormir. Diário? Caderno de campo? Bloco de anotações? Não sei ao certo o que ele fez com aquelas escritas (não sei nem mesmo que escritas eram, porque embora curioso, não pedi pra ver do que se tratavam). O que me importa, nesse momento, é o que isso me dá a ver sobre *processo*.

A escrita dessa tese não seguiu caminhos tradicionais. Não colocou em prática as regras de escrita acadêmica, pelo menos as mais hegemônicas. Nem mesmo as pistas para uma produção de cartografia (que se dizem não-regras, por isso apenas pistas). Ignorou elementos fundamentais de registro, sobretudo em se tratando de pessoa com pouca capacidade de memorizar. Desrespeitou preceitos de uma escrita que se faz todo dia, que se faz “sozinho”, no vazio de um quarto ou no silêncio de uma biblioteca.

Faltou neiltizar a escrita.

<e, sim, ele é uma das pessoas mais potentes nesse negócio de tornar palavras as ideias e os pensares e os sentires>

Digo-te mais: a minha maior aspiração seria deixar de uma vez este meio deplorável, com as avenidas, os seus automóveis, os seus smarts e as suas fantasmagorias de civilização pestuada. Como é difícil estudar-se e pensar-se aqui!... Que saudades do meu escritório de folhas de zinco e sarrafos, da margem do rio Pardo! Creio que se persistir nesta agitação estéril não produzirei mais nada de duradouro. Carta a Escobar, escrita por Euclides da Cunha em 08 de abril de 1908, do Rio de Janeiro.



E por que e para quem estou escrevendo isso?
Escrita em modo de povoamento, lembro.
Escrevo essas linhas para quem me acompanha.
Quem me provoca, me atravessa, me faz pensar.
[e, por pensar e não escrever, que produz e esquece]
Escrita caótica e esburacada.
Que está COM, mas não mostra QUEM.
Que esquece com quem.
Que perde a referência.
Que se faz no caos e na bagunça das civilizações pesteadas.
Que é encontro e rede.
Palavras povoadas e que povoam.

Um descontentamento quase que geral: normas da ABNT. Citações e referências e recuo e itálico e até ou mais de 03 linhas... É assim porque tem que ser assim. Ou é assim ou não é produção acadêmica. Ame-a ou deixe-a.

Referências bibliográficas. Bibliografia. Sobre quem você cita em um texto acadêmico. Quem você leu, com quem estabeleceu algum contato para inspirar o texto. *Mas de onde você tirou essa ideia aqui? Cuidado com o plágio!* É preciso relacionar o maior número de textos de especialistas naquele determinado tema – *isso deixa a sua escrita mais bem fundamentada* <mesmo que você tenha lido apenas umas linhas ou talvez apenas o resumo ou simplesmente tenha gostado do título ou: cite, referencie].

Um descontentamento pessoal: se não citou, não leu. E, portanto, não faz parte efetivamente do texto.

Entendo a lógica das citações e referências. Num mundo globalizado-mundializado-informatizado, com rígido e desigual regime de saber-poder que dita quais vozes podem e devem falar e ser ouvidas <*alô, lugar de fala?*>, é mesmo relevante deixar evidenciado que aquela ideia partiu de pessoa x (sobretudo quando essa pessoa não é daquelas estandardizadas e bajuladas e renomadas no circuito acadêmico). É importante para quem está lendo poder perseguir caminhos que, ao ler, provoca algum interesse – a referência aponta um caminho mais certo. Dentre tantas outras razões que podem ser levantadas para validar a necessidade de algum modo de referenciar e também de todas as normas e regras que acabam por conformar, de algum modo, o que se convencionou enquanto conhecimento científico-acadêmico.

Mas será mesmo que só está presente no texto aquilo que foi efetivamente citado lá nas tais referências bibliográficas? Aqui nesses ensaios, por exemplo, têm uma multidão

de pessoas e coisas e saberes e pensares e sensações e artistas e memórias e poesias e filmes e músicas e fabulações e conceitos... nem todas estão palavrizadas aqui (tampouco nas referências bibliográficas).

Isso diz de um modo de escrita que parte-e-produz (d)um certo tipo de posicionamento ao mesmo tempo ético e estético e político: *escritas em modo de povoamento*. Ensaios que expressam e narram, ao invés de explicar. Que permitem lançar-se ao que não sabe, ao risco de perder-se. Encontrar o que não era procurado. Compor e decompor. Esquecer ou sonegar a referência. Deixar subentendido – ou provocar, às vezes até sem intenção, relações mais ‘livres’ de quem está lendo com o que foi escrito (seguindo fluxos impensados enquanto e por quem escrevia aquelas palavras).

Sua escrita é muito militante. Eu já ouvi isso algumas vezes. Ela é pessoal demais, muito subjetiva, isso pode?

Problema de expressão: um conceito só é validado, no texto, se estiver citado e referenciado em todas as aparições?

É preciso citar, mesmo que tal conceito pareça evidentemente expressado ali naquelas passagens?

Mas sua tese não é sobre a Linn da Quebrada? Cadê as coisas que ela disse? Só há Linn se ela aparecer entre parênteses?

Carta a:

*Que(m) me acompanha, mesmo que não esteja aqui
palavrizada.*

*Que(m) não tem materialidade senão como experiência
nesse corpo-que-escreve.*

Que(m) povoa, compõe.

Que(m) encontra.

réquiem para um texto (ou: *aqui jazem n teses*)



Nem poesia, nem conto. Um livro de parágrafos. Histórias que poderiam dar em algum lugar, mas se encerram no limite que o primeiro parágrafo impõe. Lugares, impasses e personagens que poderiam se desenvolver e ganhar as páginas, mas deixam de existir em poucas linhas. O livro traz as atrocidades e a ousadia de Eduardo Frota, jornalista formado pela PUC-Rio que espera, um dia, quem sabe, acabar de escrever um romance.

(sinopse do livro)

Paraty. Litoral sul do Rio de Janeiro.
Festa Literária Internacional de Paraty.

FLIP.

16^a: 25 a 29 de julho de 2018.

Homenagem a Hilda Hilst.

Minha primeira FLIP. Neilton me convenceu a ir (ainda bem que fui!).

Era um dos sonhos de um Leandro-rato-de-biblioteca.

Fui aberto aos encontros.

Numa das tantas e tortas caminhadas pelas ruas tropeçantes de Paraty, encontramos Rick. Ele lançaria um de seus livros numa das casas de Paraty. *Estaremos lá*, dissemos.

E fomos. Lá estavam muitas gentes.

Aquela casa abrigava muitos livros.

Um deles me chamou atenção: não sei se pelo título ou pela imagem da capa ou pelo sorriso da moça que estava atrás da banca e que me desconcertou e me fez abrir o primeiro livro que estava à minha frente e enfiar a cara dentro dele...

Aqui jazem romances.

Folheei um pouco, li a sinopse, depois passei os olhos por algumas de suas páginas.

Era bem do tipo de livro que eu estava gostando mais: com escritas curtas, sucintas, inacabadas, ensaísticas.

Não comprei. Mas ele veio comigo na minha mente.

Conversamos sobre o que aquele livro me provocou: ele me fez pensar nas tantas e diferentes teses que planejei/sonhei/imaginei/queria escrever. Algumas já nasciam mortas. *Você tem ideias demais.*

Como essas teses acabaram não vingando <e talvez nunca se materializem senão nas minhas fabulações>, esboço apenas alguns fragmentos dessas ideias – seja para servir de registro para tentativas futuras, seja para inspirar alguém que ler, seja para expressar um pouco dos modos que eu acredito também serem teses...

- zine ou cordel, outros formatos
- escrita em blog (médium.com?) – não como apoio ao texto, mas como texto mesmo, processo
- canal de Youtube: vídeos que comporiam as cartografias (outros suportes textuais)
- capítulo ou partes em áudio e/ou vídeo, disponibilizado em blog ou canal no Youtube
- partes desconexas, que poderiam ser lidas em qualquer ordem
- poesia e desenho e colagens
- performance de dança livre (experimentações corporais como parte integrante da tese)
- e a defesa toda em dança, sem apresentação oral
- hackeamento da autoria: convidar pessoas para escrever comigo e não dizer, no texto, quais partes teriam sido escritas por mim e por elas e em conjunto e só por elas (!)
-
-
-
-
-
-



Eu tentei falar baixinho mas ninguém me ouviu

Eu tentei com carinho e o sistema me agrediu

Então eu grito! elevo o meu agudo ao infinito!

Pra mim não tem dilema

Se tá difícil eu explico

(Ouça-me, de Tássia Reis)

[música favorita da Linn, que ela afirma que queria ter escrito]

Em obra inacabada, espelho e martelo transcendental, processo coletivo e vivo, ouço nossas vozes escritas gritando: Viva!

Não laudo. Que fere, que fura, que multa, que mata, mulata, mutila.

Palavra que salva

Escrita que cura

És cura. Luta. Defende com unhas e dentes suas próprias vidas. Suas próprias dúvidas. Sem dívidas.

Fêmeas ou não, sem firmas e de todas as formas. Inflamam em carne viva. Na pele. No pelo. Nos dedos. O cheiro. No rabo. Do ralo. O gosto. Do medo. No beijo. Saliva nos lábios. Nos grandes, pequenos e médios. Engolem seco o doce do próprio veneno. Lambendo do beijo, até a última gota, o antídoto.

Enfrentam padrões. Desafiando padrões. Arrebentam portões. Corpo a corpo. Rascunho. Rabisco de nós. Desatadas. Escrevem de mãos dadas. Atentas e fortes. Com ou sem cortes. Trava-línguas. Abre mentes. Transborda. Atravessa.

A traveca.

Aqui onde eram todas uma, em singularidade múltipla, me vejo, reconheço, me encanto, encontro, me perco, me berro, me borro, me melo, me lavo, me leve, me livre, me love, me luta. E então, percebo, acabo de não morrer.

Linn da quebrada

[Orelha da *ANTOLOGIA Trans*. 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017.]

Em algum lugar no espaço-tempo
[provavelmente ouvindo *músicas deprê*]

A quem se interessar:

Ainda sobre a escrita. Sobre o modo como fui escrevendo esse conjunto de *textículos*.

Após o Exame de Qualificação, que ocorreu com a valiosa e fundamental e incrível participação de Renata Aspis (da UFMG) e Alan Victor Pimenta (da UFSCar), muitas coisas aconteceram. O texto que foi apresentado para o exame era já uma obra-inacabada, já dava sinais de sua quase impossibilidade de finalização. Soava triste, meio mórbido. Era vomitante, sujo. Marcado por signos de doença – medicalizado, porque assim estava o autor. Dizia sobre partes de um processo que foi, de uns tempos antes àquela data, sofrível.

Muitas teses/dissertações/monografias costumam apresentar elementos da trajetória desenvolvida por quem as escreve. Esse ‘estabelecido’ eu não pretendo romper. Ainda mais neste caso específico, pela *política de narratividade implicada* que defendo, toda essa tese apresenta relação com acontecidos no percurso do doutorado (e da vida antes e depois e durante e através dele). É preciso narrá-los enquanto imbricamentos do texto que vai sendo produzido.

Porém, diferente de narrativas convencionais, não pretendo expor fatos e histórias cronologicamente estruturados, nem do menor ao maior grau de formação. Talvez isso faça sentido em algum outro momento, mas não agora, não aqui.

O que interessa trazer à tona é: ***o doutorado não se resume a uma pesquisa, que não se resume a uma tese, que não se resume a um texto, que não resume o doutorado, que não resume e nem define quem pesquisa e estuda e aprende e escreve...***

Por que isso tem importância de ser dito?

Em algum momento de 2018 (ou final de 2017, não sei ao certo), alguma coisa aconteceu e fez estremecer relações e planos e percursos vivenciados até então. Por razões éticas, e também por (confesso!) esquecimento de alguns pontos, não cabe relatar os ocorridos – mas eles afetaram diretamente o rumo da pesquisa e, nessa lógica de pesquisa-e-escrita que venho defendendo, também a minha vida (ou a potência de viver ou mesmo a vontade de seguir fazendo o que fazia).

Alguma coisa ali morreu.

Fez mudar de rumo. Mudar de planos, de orientação... (com alguns desconfortos, acabou decorrendo na troca de pessoa que orientava a pesquisa).

Foram meses e meses de descontentamento, desilusão, desesperança, descrença na academia, revolta com alguns modos de ação. Aquilo tudo marcou decisivamente o meu percurso. Negativamente, em grande parte. E atravessou e se expressou no texto [e no não-texto, ou seja, no modo como foi sufocante o processo de produção, a latente impossibilidade quase vital de escrita]. Efeitos sentidos no meu corpo. Que se corporificaram também nas relações que empreendi a partir dali.

E que permaneceram, a despeito do cuidado dispensado por tantas pessoas – algumas da academia e tantas que convivem mais diretamente comigo <o que seria de mim não fosse essa rede de apoio?>.

Por essa razão, talvez, eu tenha inventado alguns modos de tentativa de escrita que são pouco convencionais. Que, como já disse em algum ponto desses fragmentos de textos, impõe riscos. E que não tive sequer a possibilidade de não os enfrentar: *porque essa escrita é a que foi possível e necessária*. Não outra.

Naquela ocasião, na Qualificação, já sentia mudanças possíveis e necessárias na pesquisa, para as derivas tanto das leituras, quanto dos pensamentos provocados e, também, do plano de pesquisa, em si. Eu assumia, naquele momento, que a pesquisa havia se tornado outra. E que, ainda, eu não conseguia compreender que *outra* era.

Eu havia começado os estudos pensando a partir de questões envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade – *como o corpo e a vivência bixa travesty da Linn da Quebrada afetava a mim, os meus eus?* E essas temáticas pareciam, agora, não serem mais o foco, mesmo que estivessem ali presentificadas no corpo e no percurso do Leandro-pesquisador. O foco de análise eram as músicas produzidas pela Linn da Quebrada, especialmente as do *Pajubá* – *que efeitos eram produzidos no meu corpo a partir da afetação provocada pelas músicas da Linn?* Ali, elas apareciam como anexo e não exploradas no decorrer do texto – e nem fazia mais sentido a prática da ‘análise’. As teorias e métodos, carregados de modos de fazer e receitas a serem seguidas (mesmo que supostamente apenas sugeridas), também pareciam não ter mais relação com o que vinha sendo apresentado enquanto processo da pesquisa – não era mais potente operar com aqueles conceitos, com aquelas metodologias.

Embora eu não soubesse o que seria feito daquela pesquisa e das leituras e aprenderes e sentires e (não-)escritas, já sabia o que não-era mais. Esse parece ser um dos principais riscos de se assumir algumas táticas de pesquisa (e posturas éticas-estéticas-políticas) advindas das *filosofias da diferença*. Lembrando que risco, aqui, não tem um sentido estritamente negativo.

E como eu fui me entregando a esse processo? Como fui fazendo a partir do evento Qualificação, do encontro com as pessoas da banca e com os pensamentos provocados naquele acontecimento?

Antes, vale a pena acrescentar que, para além das mudanças no campo da pesquisa, houve também mudanças importantes na minha vida. Logo após a Qualificação, fui convocado para assumir vaga efetiva, por concurso público, de diretor de escola. Trabalho formal, renda fixa todo mês, possibilidade de resolução de pelo menos um dos problemas que mais afetam mestrandos e doutorandos: o que fazer depois da pós-graduação, como se manter sem a bolsa? Escolhi enfrentar. Ou tive que escolher, por não haver perspectivas de alguma ocupação que garantisse algum nível confortável de vida após o doutorado (já que havia exonerado dois cargos efetivos de professor para me dedicar exclusivamente aos estudos). Pelo menos 40 horas semanais NA escola – porque, sabemos, educação formal costuma consumir mais tempo do que aquele apontado nos relógios de ponto. Escola grande, 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em média 800 ou mais estudantes. Muitos funcionários. Expedientes burocráticos, além das questões pedagógicas e da mediação de conflitos e das mil e uma utilidades que pessoas da área escolar parecem precisar efetuar. Planejamento e diários de classe e ofícios e advertências e regimentos e conselho tutelar e pais-mães-responsáveis e educadoras e crianças e estagiárias e política educacional e conflitos e anotações e reuniões e htpcs e leituras maçantes e mais conflitos e sinal e sala de aula e recreio e brigas e surtos e brincadeiras barulhentas e arquitetura aprisionante-sufocante e mais regras e práticas pedagógicas e (des)inclusão e e e e e e e e e e e: *exaustão* <e isso não é desculpa para falhas na pesquisa e na escrita e no doutorado, mas elemento relevante que atravessa o meu corpo-que-aprende e afeta o que posso e consigo produzir enquanto acadêmico>.

Nesse contexto todo, desenvolvi uma tática. *Pelo meio*, como aprendi lá nas leituras de Deleuze e Guattari. Encarei o texto da Qualificação como algum tipo de disparador, de onde iam surgindo e iam sendo criadas linhas, fios soltos daquele tecido que se pretendia texto-para-uma-tese. Linhas que foram sendo percorridas e re-inventadas

nesse caminhar, produzindo outras e outras e outras. Linhas, que sendo fluxos, começam e param, que ora se prolongam, ora se escondem, ora dançam e fogem e brincam e capturam. Fiiiiios que se soltam e se conectam a outros, não se preocupando se havia ou se haverá algum sentido aparente. Que partem do meio e são fim, que se sobrepõem a algum começo e produzem meio e fim: *movimento*. Fragmentos que insistem em não virarem mais palavras, em se manterem ali sem maiores detalhamentos. E que, de repente, compõem com outros cacos. E decompõem. Ideias que escapam e vão re-aparecer noutros lugares e contextos e pessoas. Escapa e flui. Escrita-caos, fragmentária, superficial, maquinaria em processo de (de)composição. *Multiplicidade em movimento: devir: rizoma*.

Em deriva: por entre-meio àquele texto, provocar e inventar textículos-cartas-ensaios que agora tentam ganhar alguma roupa de tese, de novo.

nem precisa comentar com ninguém que a gente está nessa *viagem*, nós 2...

devir imperceptível.

r.

Vou te contar
A lenda da bixa esquisita
Não sei se você acredita
Ela não é feia - nem bonita
Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora
Desobedeceu seu pai
Sua mãe
O estado, a professora
Ela jogou tudo pro alto
Deu a cara pra bater
Pois pra ser livre e feliz
Tem que ralar o cu, se fuder
De boba ela só tem a cara
E o jeito de andar
Mas sabe que pra ter sucesso
Não basta apenas estudar
Isto dá
Isto dá
Isto dá sem parar
Tão esperta, sabichona
Não basta apenas estudar
Fracas de fisionomia
Muito mais que abusada
Essa Bixa é molotov
Com o bonde das rejeitadas

**Eu tô bonita?
Tá engraçada
Eu não tô bunita?
Tá engraçada
Me arrumei tanto pra ser aplaudida
mas até agora só deram risada**

Abandonada pelo pai
Por sua tia foi criada
Enquanto a mãe era empregada (alagoana arretada!)
Faz das tripas coração
Lava a roupa, louça e o chão
Passa o dia cozinhando
Pra dondoca e patrão
Eu fui expulsa da igreja! (ela foi desassociada)
Porque uma podre maçã deixa as outras contaminadas
Eu tinha tudo pra dar certo
E dei até o cu fazer bico
Hoje meu corpo
Minhas regras
Meus roteiros, minhas pregas
Sou eu mesma quem fabrico

{produção-junto-ao-trabalho-de-Leandro_da_Quebrada.doc}
<pedaços da escrita de Tarcísio Moreira Mendes, doutorando em Educação na UFJF>
companheiro que CAMINHA COM e que LUTA JUNTO e e e e
uma das principais intercessoras das grafias aqui apresentadas

Sigo aqui algumas linhas, alguns ritmos, produzindo ritornelos junto a Leandro-da-quebrada e ou Linn-Leal! Aqui, entradas muitas em seu texto, saídas inimagináveis. Pura produção de produção! Aqui, trato conceitos como obras, quase obras de arte. Porém, com o cuidado de não igualar o fazer da arte e da filosofia. Um conceito é uma criação, um incorporal sempre pronto para tomar corpo. Isso para dizer que podemos fazê-los funcionar para além dessa reprodução mecânica, desse trabalho morto que muitas vezes captura a Academia. Não se trata, pois, de usar conceitos para justificar perceptos e afectos, os monumentos da arte. Arte e Filosofia têm, cada uma a seu modo, meios de produzir vida! E seu trabalho se aventura nessa empreitada, lançando dados num quase indiscernível conceito-percepto-afecto. Num movimento de desterritorialização, para um depois, nesse pós-doutoramento, ainda valeria investigar a produção da Ciência que Deleuze e Guattari sugerem no “O que é a Filosofia?”, seria outro salto para um artista-pesquisador-filosofante-cientista fugindo ao caos e fazendo o caos fugir da dicotomia entre Arte, Filosofia e Ciência. Imaginável exercício de um Cientista Político, não!?

Sigo algumas linhas, assim, sem muitas conclusões... enfim, doutorar É PRECISO! Afinal, a finalização de um processo não é sua interrupção abrupta (agora tem que acabar! Agora tem que reprovar!) Nem levar ao infinito (nunca está pronto! Não pode ser agora!)... nem uma coisa nem outra. A finalização do processo é o início de outro processo, sua efetuação. Está pronto para seguir outras linhas, a cura da Cura!

Seguindo...

Seu trabalho trata para além de Subjetividades – mais que isso: processos de dessubjetivação.

14 – Pesquisa é sempre enfrentamento! SIM! Cartografar é de TODO MODO fazer ARTE, devir-traveco -> máquina abstrata Linn da Quebrada -> diagramatização (processo dessubjetivador, a-subjetivo, a-significante, a-centrado)-> agenciamento de corpo e agenciamento de expressão ou de enunciado. (Para um futuro pós-doutoramento, investigar o Mil Platôs 2 – Linn para enviadecer DeG).

Escrever é sempre PRESENTE e seu texto é VIVO! É um PRESENTE!

SIM: pensar é muito A R R I S C A D O! SIM!

Pedagogia... lá no texto “Políptico”, citado por você, de Tomaz Tadeu, ele diz “pedagogia é uma substância irrecuperável!”. E é.

Não se trata apenas de desestabilizar a “mente racional” conscientemente. Sempre se produz uma desestabilização da racionalidade pelo inconsciente! Eis a questão: que se produz nesta desestabilização inconsciente? Que se aprende? Aqui, aprender é criar! Mas ninguém sabe como alguém aprende.

Como ocupar a Escola, a Educação, a Academia com Linn da Quebrada? Ou, como Linn da Quebrada ocupa Escola, Educação e Academia, agora, com seu trabalho? Já é presente e Presença! Sua tese ocupa e ocupa com a ocupação Linn da Quebrada – pelo direito de inventar suas próprias questões!

Embora faça escolha pelo afeto provocado pelo trabalho de Suely Rolnik, penso que num outro processo merecia uma investigação dos afectos e perceptos no trabalho de Deleuze e Guattari. Uma aliança que pode levá-lo a impensáveis quebradas, de um ser sensível para um ser do sensível! Coisas que tem lá no mil platôs 5 e no “O que é filosofia?” Mas isso será um outro capítulo... por ora, suas escolhas produzem um interessante sentido, uma outra quebrada!

41 e 42. Parece-me um falso problema. “Não há método para encontrar, a não ser uma longa preparação”, disse o filósofo que nem preciso dizer o nome... Você está preparado cada vez mais para novos encontros, embora não saiba de antemão que irá encontrar! Lembro Pessoa: “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”. TEMOS EM NÓS TODOS OS SONHOS DO MUNDO!

43. SIM! Diagramatização!

44. SIM!!!

45. O nômade não tem o ponto como fim, como o sedentário. O nômade se reterritorializa na própria desterritorialização; uma desterritorialização que inventa então uma nova terra! Diogo, amigo aqui no Travessia, adooooora este filme também.

55. Como inventar ou que educação se inventa numa sensibilidade outra? Educação dos sentidos!

56. Escrita bixa-travesty -> mosaico monstruoso para uma norma -> na sua tese, bricolagem fabulosa inventando perceptos e afectos na Educação.

Pensar é criar! Escrever é criar. E escrever é pensar? Penso... (será mesmo que é mais difícil escrever que falar? Ou será que a processualidade de cada caso merece atenção? Lembro os mestres ditos populares da fala... Nenhum acadêmico poderia dizer que a fala deles/delas é mais “fácil” que escrever. No entanto, para uma academia que retém e deseja reter fluxos, a escrita se torna um desafio às vezes assustador! A questão para mim é que nenhum texto escrito, por sua natureza escritural e de leitura nasce pronto. E merece, como toda obra feita a golpes, uma lima ou uma polida; ou ainda bombas que explodem a cada leitura. Grandes autoras e autores sempre estão apaixonados por palavras e suas escolhas no fluxo da escrita às vezes soa como um processo paranoico. Enfim, há diferenças entre fala e escrita, mas não me parecem qualitativas, mas ligadas aos seus processos de composição. Fuja dessa dicotomia...

67. D E S R O S T I F I C A Ç Ã O, Linn da Quebrada máquina de desrostificação! (pois se tomos as máquinas de rostificação, temos as máquinas de desrostificação!)

A GENTE SEMPRE ESTÁ NO MEIO! Cientista Social - Diretor de Educação Básica – pesquisador – doutorando – é sempre pelo meio... uma volta que nunca é ao mesmo lugar... então era isso!!!

Escreve para fazer morrer! Algo sempre morre (ainda bem!) Mas, sobretudo, algo vive! Algo pede passagem... a vida deseja perseverar! Aqui, não se trata de pulção de morte! Aqui, é pura VIDA!

“Escrever é um pouco isso. É ir indo, sabe? É ir produzindo, se fazendo no caminho, cortando daqui e colando ali, inventando uma colagem que forma uma determinada paisagem, que desenha o conjunto daquelas palavras com tal corpo, que vai dando sentido, que apaga e refaz, que re-corta e re-cola e re-significa.” SIM SIM SIM!!!

“É sobre escrever que venho falando. E sobre a escrita poder ser cura. E escritas que são várias, que vêm e vão de vários. E escritas que corporificam e (re)significam.” ÓTIMO!

Deleuze e Guattari disseram que um dia Nietzsche disse que um dia se dirá: no final não havia literatura, apenas medicina. Linn e sua tese, podemos dizer que são uma cura da Cura! Uma cura da Cura medicalizada das normas acadêmicas, uma cura da medicalização da vida! (Leandro, você é a própria linha de fuga... imagina um diretor-doutor em Linn da Quebrada na Educação Básica, com diagnóstico de bipolaridade e que fugiu a todas às prescrições, e é posto e se põe na aventura em possíveis de inventar uma outra Educação possível?) Nem toda cura pressupõe doença. Aqui um sopro a D&G, lá no Anti-Édipo,

quando perguntam “quem nos curará da Cura?”: sua tese-Linn-da-quebrada-plena é um possível de cura da Cura! Uma invenção que só pode conVidar a mais invenções de curas da Cura possíveis!

Subversão do monoteísmo, do Deus único... “Para acabar com o juízo de Deus”, como provoca Artaud, só mesmo muitos D’eus por vir, como você e com Linn!

“Conflito é sua religião”, uma zona de conflito, irmandades unidas por um fraterno cú! Filhos enrabados! “Fazer filhos por trás” como disse Deleuze. Enrabar Deleuze e Guattari e Linn e também ser enrabado por eles! Uma suruba criativa! Diante disso, não parece nenhum pouco contraditório gospel e Linn da Quebrada... há aí ainda uma oração pela Vida! A questão talvez seja investigar estas linhas... e fugir da idealidade, seja ela qual for! Fazer que faz ao longo da tese. (um outro pós-doutoramento!!!).

Nada de “lá” distante e que distende a tensão que seu trabalho produz! É isso: Aqui-agora, presente que atualiza um passado-futuro. Suely Rolnik chama de cronogênese, invenção de tempo espaço outro, digo. E você diz:

“Cura: aqui e agora, compondo com a Linn e com as pessoas que cantam a Pensando Bem, escolho reativar sentidos positivados – que somam, que agregam, que compõem, que são positivos, mas nem sempre bons e gostosos. Escrevo pra me convencer a encarar os dias...”
p. 78.

Escreve para INVENTAR NOVOS DIAS! Uma terra por vir! Escreva!!!

Necrobiopolítica.(mereceria uma atenção a este conceito. Pois biopolítica é um conceito chave na obra de Foucault e que ajuda a caracterizar a política de controle da vida pelo Estado. Depois, temos tanto Achille Mbembe como Paul B. Preciado que cunham a necropolítica, que é o deixar morrer. Que implica uma necrobiopolítica, para além de citar a citação? Que território ou terra esta sua invenção deseja arrastar e ou inventa?) (“Em defesa da sociedade” Foucault trata da biopolítica; Já Preciado fala de Necropolítica neste artigo... <https://sxpolitics.org/ptbr/carta-de-paul-b-preciado-sobre-o-metoo/8000> e Achille tem um livro sobre isso. Aqui, se trata de um convite a pensar para onde seu conceito aponta ou que linhas dispara.

Suas construções de imagens... SÃO FABULOSAS! E as parcerias também!

Sua questão de pesquisa: não se trata, pois, de fazer algo para um outro, ou mesmo para uma academia abstrata, mas efetivamente um compromisso ético e político e estético e

econômico e de raça e de gênero e sexualidade e e e... de se dar conta de que já se tornar outro.

“A escolha da cartografia se deu nesse processo aí mesmo, ela me capturou. A ideia de olhar processos, de acompanhar, de atravessar, de perceber a construção de mapas, de territórios existenciais... daí fui ler a respeito (e tentei quebrar a mente de pesquisador de certo tipo de ciência - eu venho das sociais, ciência política), fui fazer disciplina com Silvio Gallo, me entreguei a livros de filosofia que eu já tinha abandonado.”

A pesquisa diz do próprio exercício do pesquisar em pesquisa. Expõe seus riscos e às vezes se arrisca muito ao soprar o buraco da ferida, como diria Clarissa Alcântara, no Corpoalíngua! Porém é pura potência quando dá a ver e sentir o próprio processo “tentei quebrar a mente de pesquisador de certo tipo de ciência”. Que risco! Que perigo! Nada consciente “ela me capturou”... nada de consciência segura! E quanta prudência necessária! Quando Dionísio fala a Ariadne “Sê prudente, Ariadne”. Sê prudente, Leandro. Mas que prudência é necessária para quebrar uma mente, um pensamento dogmático? Não se sabe ao certo, temos apenas pistas de Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault... e agora, Linn da Quebrada e Leandro Leal que se entregam novamente a livros de filosofia que já tinha abandonado... e se abandona! Quer coisa mais acadêmica contra-academia!? Como disse Nego Bispo, nosso quilombola que traduz o saber sintético (acadêmico) para o saber orgânico e agora se aventura em traduzir algum saber orgânico para o saber sintético: usar as armas de nossos inimigos para nos defender, e não usar nossas defesas para atacá-los! Clarissa também disse a mim: máxima de prudência com máxima de potência! Então era isso! **“No momento, este é o texto que foi produzido a partir dos atravessamentos que eu fui sendo submetido quando entrei em contato com a Linn e todos os signos que ela dispara.” P 109.** Então era isso!!!

E disso “esta é a pessoa que vou me debruçar para acompanhar, ouvir, conhecer, ver, entender, pesquisar”, acabou virando isso “quebrar a mente de pesquisador de certo tipo de ciência”. A pesquisa não é sobre um ‘sujeito objeto’. Mas a partir de “territórios existências” dos mais singulares, você vem experienciando produzir um território existencial de pesquisa na academia! Vualá! Eis a invenção de si e de mundo! Eis a diagramatização entre Linikers e Linns e camaralones e e e Deleuzes e Gallos e e e

“Se esse texto fosse mesmo uma cartografia como eu quero, ele teria sangue, teria lágrima, teria choro.” Mais!? Ufaaa... ainda bem que tem oração, ereção, e muita invenção para além

dos sopros nas feridas!!!!!! Não precisamos levar o processo a uma exasperação alucinada... sê prudente! Tem sido assim, até agora.

É isso: “Linn fala isso: não adianta falar de travesti e não dar trabalho pra travesti, eu não sou travesti, mas nesse devir-trava eu precisava trabalhar, era a maneira de eu garantir existência, um pouco de sossego à minha mãe... Eu não posso ficar quieto, não me insurgir contra um modelo que produz adoecimento. A tese é sobre isso: é sobre processo de adoecimento e como, nesse processo, caminhando com a Linn, com o que a Linn me provoca, com o que a Linn me afeta, como eu fui criando vida pra estar aqui hoje. Porque não fosse a Linn, essas outras pessoas todas, eu não estaria aqui.” P. 115 FANTÁSTICO!!!!!!

E isso: “Esse texto, essa fala, tudo que está aqui, é afirmação da vida.” SIM SIM SIM!!!!

METODOLOGIA ou CARTOGRAFIA LEANDRO: “Esse caminho investigativo, que foi sendo desenhado à medida em que eu caminhava junto à Linn, num gostoso (e por vezes assustador!) vai-e-vem, ziguezagueando entre teorias e músicas e poesias e afetos e experiências, me trouxeram para a proposta de experimentar uma pesquisa-cartografia” p. 124

“A pergunta que se impõe: mas quem é Linn?” É ser do devir. Lori quando interpelada por Ulisses a respeito de ficar tanto tempo olhando para uma pessoa, responde: “Gosto de ver as pessoas sendo” (do livro Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”, de Clarice Lispector). A pergunta que se sobrepõe: como Linn-Leal ou Leandro-da-Quebrada funciona?

Interessante que ao falar de linguagem, o Pajubá, Linn fala de corpo. Pois se há um agenciamento de expressão que é coletivo, a máquina abstrata Linn da Quebrada também é agenciamento de conteúdo ou de corpo. Corpo e expressão, cada um em sua natureza distinta, no entanto, um agenciando outro. “O corpo sempre foi algo que me instigou. E eu sentia que esse era o lugar mais apropriado para se falar. A partir do meu corpo... Eu não sou cantora, eu estou cantora. Faço música pra ser ouvida. Faço isso por mim mesma. Como se cantasse pra salvar minha própria vida. E é por acreditar nessa rede de apoio que acredito que podemos construir esse álbum juntas.” P. 142

Lembro agora um conselho famoso de Pina Bausch aos seus bailarines-atrizes e que tinha muito a ver com o processo “livre” que muitas, às vezes, relacionam o seu trabalho. Quando ela pedia para que artistas de sua companhia realizassem as ações, pedia apenas

que soubessem o sentido que iam produzindo e que ficassem menos ocupadas em tentar controlar o sentido ou influenciar espectadores. O convite dela era que fizessem com vida e não mecanicamente, e se fizer com vida, o público, mesmo que não saiba exatamente o que você faz intimamente, irá inventar, ele mesmo, um sentido! E é isso que você produz! Fico com a impressão o tempo todo você sabe o que faz. Não sabe o que querem que façam com o que faz, porque você faz! E ao fazer, obriga aqueles que leem-veem, a criar um sentido, mesmo que o sentido não seja aquele inicialmente pensado por você. E este sentido volta-se à tese que é obrigada novamente a inventar outros sentidos e assim continua a conexão dentro-fora do texto, entre as escritas de um doutor e de outros doutores avaliadores que são obrigados, inclusive, a avaliar a própria avaliação. Que banca se inventa junto a tese que pede passagem?

É uma tese: escrita juntas!!!! É uma invenção de uma escrita outra e também de uma leitura outra! Tódes são convidadas a criar! A única condição é esta: todes escritores-leitores de uma tese que se inventa e inventa possíveis de territórios existenciais na Academia. Muites D'eus! Não há eu que resista a isso! Ad'eus! Or-ação!

Peguei o mundo cisgenero heterocentrado e joguei fora.
Doei meus sutiãs as manas que ainda não se libertaram dessa amarra e coloquei meus peitos com mamilos e tudo exposto da zona sul à lapa na cara da sociedade.
Soltei meu pau/pênis/neca que vivia aprisionado dentro da calcinha e puxade pra trás libertando esse em um ato de DESAQUENDA e virou ato de resistência.
Dormi em delegacias bebade, mijei nos bancos da recepção da 12 DP em copacabana porque os policiais se recusaram a me emprestar a chave do banheiro (lembrem-se disso quando forem sentar por lá kkk).
Como dizia, peguei o mundo cisgenero e joguei fora: Suas normas, suas regras, suas "adequações" pra ser aceita.
Parei de dizer pra não se adequarem. Fiquei apenas observando as pessoas se higienizando, se se resignando pra ir se redesignando implorando e mendigando uma aceitação e reinventando um espaço, por menor que fosse no mundo cishetero: A sofrência e a necessidade em ter "alguém" pra chamar de seu, pois a cisheteronorma assim prega. A sofrência em necessitar ser aceite pela família do "parceiro ou parceira".
A sofrência por ser aceite por sua própria família (mesmo que não respeitem teu nome de escolha).
Larguei tudo, joguei fora a água da bacia e o bebe juntas.
Acho linda a frase: Se fere nossa existência seremos resistência.
Como se vc não sobrevive 5 minutos sem as regras cisheteronormativas dessa sociedade idiota e generofalovaginocentrada?
Eu só podia rir. Aí diziam que eu estava de deboche.
Se eu brigava, era taxada de violenta e agressiva.
Alguns desses que postam "Ninguém Solta a Mão de Ninguém", já soltaram a minha a muito tempo.
Mas não me importo.
Sigo em frente.
Vocês curtem Natal? Eu acho ótimo mais um feriado, ao menos pra muitos trabalhadores descansarem.
Prefiro Desnatal (tivemos a IV edição esse ano).

O ano novo pra mim passou a ser mais um dígito só que muda no calendário (existem países e culturas que já estão em mais de 4 mil anos e nem mudam o ano em 31 de dezembro pra 01 de janeiro).

Me larguei no mundo. Me encontrei comigo.

Fiquem aí reproduzindo esse mundo e essa sociedade enquanto ficam pregando padrão do que é ser mulher e feminina.

Do que é ser homem e masculino

Aí sofrem pra serem mulheres trans (reproduzir toda a mulher cisgenera que não consegue se libertar do patriarcado).

Aí sofrem pra serem homens trans (reproduzir todo o homem cisgenero que só sabe oprimir e aumentar seu patriarcado).

De que adiantou quebrar todas as regras pra depois reproduzir tudo de novo. KKKKKKK

Só posso rir.

Sou resiliência e resistência.

Sinto muito se pareço apática, indiferente, bebade e sigo rindo algumas vezes.

Mas é porque peguei esse mundo cishetero, com suas regras, religiões, emoções, padrões e joguei fora.

Se eu me libertei? Sim. De mim mesma.

Me desumanizei e isso foi tão bom.

Voltei ao meu estado animal que sempre fomos/somos e me sinto bem assim.

Me libertei de vocês.

Já não me importa mais o que dizem de mim, sobre mim. kkkkk

Olho vcs através do copo da cerveja gelada.

Vcs falam e eu quase não ouço, apenas giro o copo entre as mãos. Me interessa bem mais o líquido no copo que o papo que vcs me oferecem.

Aff é sempre massante. Sempre querem resposta pra algo.

Fui ser feliz e não volto.

Amo-me monstro.

INDIANARE SIQUEIRA – 28 de dezembro de 2018

FELIZ ANO NOVO, QUERIDO DOUTOR!!!

"COM QUE ROUPA EU VOU?"



Iturama-MG, algum dia de junho de 2019

Rancho, beira do rio – todos bebendo e dançando, eu sofrendo tentando escrever

Monte Alto-SP e São Carlos-SP, janeiro/fevereiro de 2020

Quarto escuro, sozinho, ouvindo mantras para meditação e concentração

E com que roupa / eu vou / pro samba que você me convidou?

Inspirado nessa pergunta (e na música que ela compõe) é que se iniciava a quinta ou sexta página do texto entregue para o Exame de Qualificação. Era um texto corrido, com perguntas que ensaiavam alguma subdivisão, mas sem capítulos, apenas com quebras provocadas por outros textos-imagens. E que vinha após vários cacos. Que se mantinha caco. Mas que vinha marcado com o número de página apontado no canto direito superior, como prevê a ABNT – orientando a leitura por uma ordem pré-estabelecida por quem escreveu. Tentou vestir uma roupinha de texto acadêmico – mas queria outras, tentou inventar outras. Não era começo. Mas podia ser. Não era fim. Mas podia ser, também. Se fez meio.

Meio: texto-processo, que antes e agora se veste de roupa de retalhos para a produção de uma tese porvir. É mais uma das *experimentações* no percurso de produzir uma pesquisa em educação que se permita lançar-se aos afetos, às experiências, às escritas em movimento, às multiplicidades...

Afetos? Afectos? Talvez seja importante dizer, em algum momento, sobre a escolha de grafar sem o 'c', mesmo (e talvez) por causar confusão entre sentidos emprestados às palavras.

Linn: *"Palavra que salva / escrita que cura"*.

Escrita que é dor, mal-estar, que sufoca e provoca aprisionamentos e adoecimentos. E também cura. Que se faz potência. Artistar a escrita. Fazer(-se) arte pela escrita.

Escrever: criar, inventar mundos possíveis.

E vou coletando retalhos. Cortando. Dobrando. Costurando. Rasgando. Desfazendo. Puxando fiiiiiosssssssssssss. Agrupando. Compondo. E buscando e produzindo e

roubando e compartilhando e inventando novos e outros retalhos... que são cores, sabores, cheiros, memórias, sensações, gentes,

Que são palavras, por serem feitas palavras. Que vão sendo e tornando(-se)... É, eu gosto de gerúndios. Sinto movimento: andando, seguindo, produzindo... Percebendo? [mesmo que o emprego de gerúndios cause algum estranhamento, que seu uso repetido e exagerado soe estranho aos olhos e ouvidos treinados pela gramática normativa, que prescindida da ideia de algum sujeito operante, gosto de seu uso enquanto imagem-em-movimento] <e porque estranho, incorporo às escritas>.

Escrever é um pouco isso. É ir indo, sabe? É ir produzindo, se fazendo no caminho, cortando daqui e colando ali, inventando uma colagem que forma uma determinada paisagem, que desenha o conjunto daquelas palavras com tal corpo, que vai dando sentido, que apaga e refaz, que re-corta e re-cola e re-significa.

Colcha de retalhos, imagem já evocada por Neilton e eu em alguns momentos de escrita e apresentação de trabalhos: *Como costuramos as palavras e os afetos, se deu a costura daquelas colchas a partir dos retalhos que excediam às costuras anteriores de roupas, toalhas, caminhos de mesa, cortinas e lençóis. A colcha de retalhos nos fez entender que as partes – e os afetos – se transformam e ganham novos significados a partir de novos olhares, de novos significantes. O retalho que já foi peça de tecido, toalha e excedente, agora é significado em colcha, é nova composição. Tudo isso nos traz uma potencialidade de pensar esse conjunto organizado como algo que emerge relacionado ao conceito de rizoma. É acionando essa memória que intentamos construir uma colcha de retalhos inspirada na perspectiva rizomática* (DOS REIS; LEAL, 2018, p. 3)[caco de texto-proposta para Ateliê no IX Colóquio Internacional de Filosofia e Educação, UERJ].

Crazy-patchwork, remendando-louco, como empregado por Renata Aspis (2012) em sua tese de doutorado e reatualizado na arguição da Qualificação: o texto e a pesquisa e as subjetividades e os processos.

Escrever pode ser cura. Pode sendo... (parzinho de palavras que gosto bastante, justamente por vestirem um corpo de múltiplas possibilidades, saídas outras que não aquela, mas que também pode ser aquela, essa *COM* aquela).

Escrevo cartas. E tentativas de desenhos. E alguns bilhetes. E posts nas redes sociais... que vão sendo uma importante estratégia de cura. Já gostei muito de escrever. Tive até um blog, acredita? É... ele se chamava “*bipolar, eu?*”. Uma dúvida, nunca certeza [apesar do diagnóstico médico afirmar, ainda que de maneira precipitada, que eu seria um caso desses passíveis de alguma medicalização] <e fui enquadrado num CID e sufocado por várias prescrições e recomendações disso e daquilo – um aprisionamento da subjetividade por um termo médico-medicalizante>. E me fiz *o bipolar*.

Bipolar, eu? Um eu que virou nós, porque era território onde viviam tantas outras pessoas que por ali zanzavam. Algumas eram amigas que iam se convidando para escreverem, que iam comentando as postagens, que iam me fazendo ir repensando e editando as palavras. Algumas outras habitavam este mesmo corpo meu (ou delas? ou nossos? ou de ninguém?). Estou falando de vozes, de corporificações que vão se apresentando e tomando a frente e gritando e questionando as ditas certezas e borrando as fronteiras das saídas mais convencionais e puxando para a cena outros aspectos que minha “persona pública” vinha menosprezando. *Voices d’eus*.

<eu ia falar mais do blog e das coisas que inventei nele e para ele, mas outros pensamentos atravessam e isso vai escapando, deixando de ter sentido...>

(mas voltei a alguns posts e, talvez, eu precise re-encontrar alguns daqueles Leandros...)

D’eus. Personalidades? *Não sei*. E aí está mais um agrupamento de palavras que uso com certa frequência, pelo sentido mesmo que elas produzem: eu me permito e gosto do risco de não saber, de não ter a certeza disso e daquilo, de estar se abrindo para a procura e criação e invenção <escrevo sobre o que não sei, para o que não sei, com o que não sei – e talvez nunca saberei [?]>. E gosto de ver a reação das pessoas quando são surpreendidas por alguém que afirma não saber, ainda mais quando esse alguém ocupa lugares acadêmicos-professorais que são tomados, por essas pessoas (e, confesso, algumas vezes por nós mesmos), como “bastiões da sabedoria”. Heresia pura (?) o não-saber! Retomando: personalidades? Pode ser, não pode? E podem ser tantas outras coisas. Agora eu prefiro não me enquadrar em nenhum diagnóstico ou internetístico ou psicológico ou médico ou . E nem entrar em questões teóricas sobre o conceito de personalidade. Só vou ouvindo e dialogando e sendo com essas vozes. *Fluxo*.

A personalidade dela era um tanto divida
Parece Poliana querendo um quê de Frida
Queria a parte outra da metade
O todo, tudo, a casualidade
Onde é que tá, aquela estante amarela, onde foi parar?
Rimei versos pra depois
Pra levar na rua lá do boulevard
Até penso em vir, mas se calhar, é só parar pra, viu
Lina de mim, tem mais aqui

[Lina X, de Liniker e Os Caramelows]

É sobre escrever que venho falando. E sobre a escrita poder ser cura. E escritas que são várias, que vêm e vão de vários. E escritas que corporificam e (re)significam.

Cura parece estar atrelado a um sentido positivo. Afinal, mesmo que seja dolorosa e demorada, a cura advém como um recobrar da saúde, como se livrar daquilo que adoecia <e se há cura, há doença, mas qual doença: psi, da alma, xamânica...? – indaga a Renata na Qualificação: e eu ainda não tenho resposta>.

Tem também o sentido dado ao processo de curar alimentos com sol e sal e temperos, a conservação e o apuramento de gostos – práticas bem comuns lá nos sertões de Minas Gerais, de onde parti com minha família (sobretudo com o queijo, que pode permanecer em um tempo-de-cura). E tem vários outros sentidos – aliás, é bastante interessante o exercício de buscar os significados das palavras, encontrar-se com outros e diferentes daqueles que a gente já conheceu/já fez ser.

Inventar.

Inventar-se

Inventar. Inven(-a)ção. Produzir(-se) e fazer(-se) pesquisa e pesquisador. Pesquisa(r) a dor. E as múltiplas possibilidades de re(ex)sistência. E também os afectos. Afetar(-se), apaixonar e permitir(-se) potência-paixão. Desanuviar. En-D'eus-ar. Permitir(-se) fazer romper com as rígidas formas de escrita e de pesquisa e de pensamento. Devir-pesquisa e devir-pesquisador e devir-militante e e... E?!

“e foi aí então que eu passo a reinventar onde eu mato Deus, onde eu destruo esse conceito de Deus e onde eu invento um novo conceito de Deus. Deus, que eu acho essa palavra tão linda né. Deus, que é feita de eus, né. D'eus. De vários eus. De todos os eus que eu já fui. De todos os eus que eu ainda posso ser. E de todas essas possibilidades de mim e de eus que possam vir a existir.” (Linn da Quebrada em “Liberdade de Gênero”, GNT, 2017)

{§1: *texto-baba*, exercício de escrita inventado por Sueli Rolnik, produzido para participação no laboratório “clínica da militância ou politicanálise” no II Seminário Novos Povoamentos, PUC-SP, de 04 a 06 de junho de 2018}

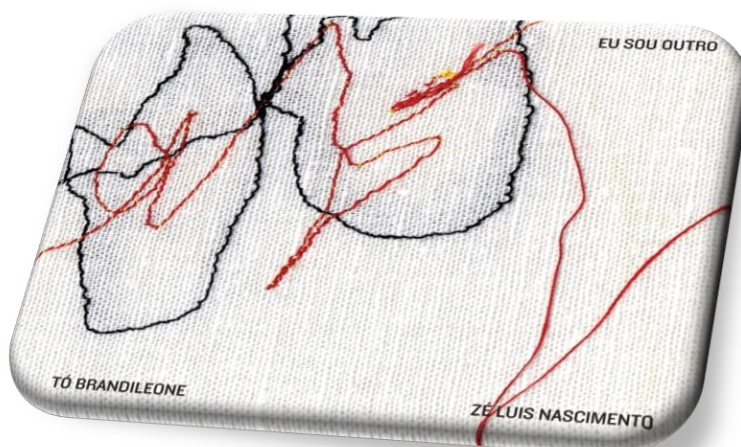
{§2: textísculo que provoca e movimenta e impulsiona a produção do texto-baba}

*Tensão. Tesão. Ter ação.
Estou no movimento para tensionar. Pressionar. Produzir ação.
Sou movimento! E sou tensão! Com muito tesão!
Essa coisa de competir, compartilhar e partilhar opressão? aqui
não.
“Fraternalmente, companheiro, vai tomar no cu!”
Oh não! porque o cu é tensão e é tesão e e e
Tu sabes qual é a minha visão?
Sou briga e sou cisão
O conflito é minha religião.*

{resultância da experimentação no Lab}



*Canto pra me convencer
A encarar os dias...*



Pensando bem
[https://www.youtube.com/watch?v=jOF33v_aVkg]

Cura: aqui e agora, compondo com a Linn e com as pessoas que cantam a *Pensando Bem*, escolho reativar sentidos positivados – que somam, que agregam, que compõem, que são positivos, mas nem sempre bons e gostosos. Escrevo pra me convencer a encarar os dias...

Escrita como cura, mas não apenas a cura-final. Escrever como processo, devir-cura. Palavras que salvam e também fazem me perder de mim e do mundo (e isso pode ser bom!). Palavras que encarnam minhas sensações, minhas memórias, meus eus. Mas que não os capturam, não os prendem, mas, sim, abrem estradas, mostram e constroem horizontes cada vez mais e mais e mais amplos: *multiplicidades*.

Vir a furo.

Essa é uma ideia que pede passagem.

<outra intervenção da Qualificação: *mas será que o que sai é tudo ruim?*>

Vejamos:

Para ficarmos ainda no campo das feridas/doenças. As do corpo físico, geralmente, mas também as outras da mente, dos sentimentos, das sensações, da alma. Vir a furo é irromper, é um nascer às vezes violento, é erupção, é remoer e revirar e explodir. É abrir caminhos. É um acontecimento brutal, por vezes forçado e que força outros acontecidos. Que pode vir com pus, com suor, com outras e várias secreções. Que pode começar mais denso, grosso, malcheiroso. Que primeiro explode a superfície que o prende e vai dando

passagem ao que vem junto. Que pode ir raleando, mudando de cor, incorporando outros aromas (e gostos?). Que pode ir curando e que também pode provocar mais infecção, mais inflamação. Que abre caminhos para saírem os fluidos, caminhos que podem permitir que outras coisas entrem (novas infecções, novos contágios? <nem sempre ruins>). Que pode, ao mesmo tempo e agora, curar e adoecer e curar-adoecer. Curar com adoecimento e com...

Este é um retalho de texto que *veio a furo*. Que está vindo a furo. E que, por isso também, está sujo, inacabado, disforme, retalhado, destroçado. É lugar onde moram certezas e dúvidas e poréns e ademais e aindas e e e... Ele está dor e está perturbação e está livramento e está medo e está susto e está correria e está conservação *e está estando um tantão de coisas*.

Aqui é preciso fazer mais uma confissão, que serve também como advertência a quem me acompanha: estas escritas estão sendo forjadas em urgência e emergência <ainda e de novo – mas será assim toda vez?>.

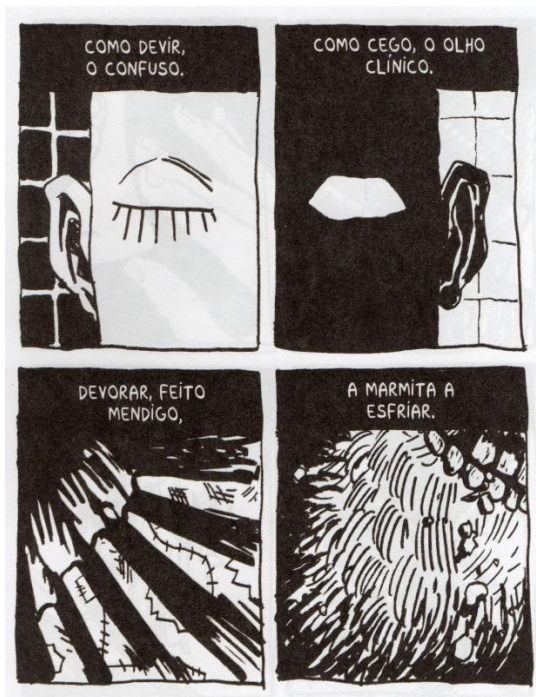
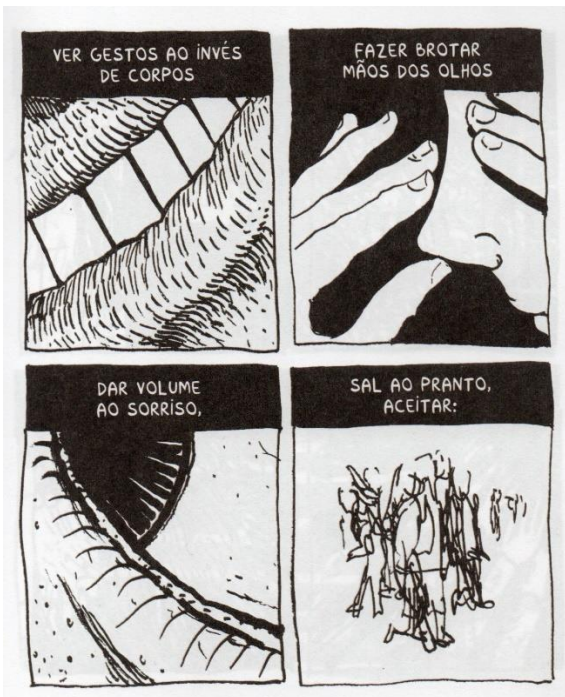
Fora do prazo.

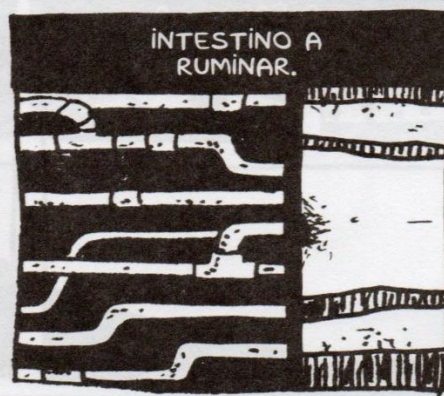
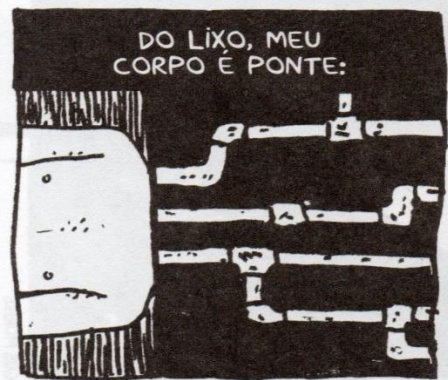
Esgotado.

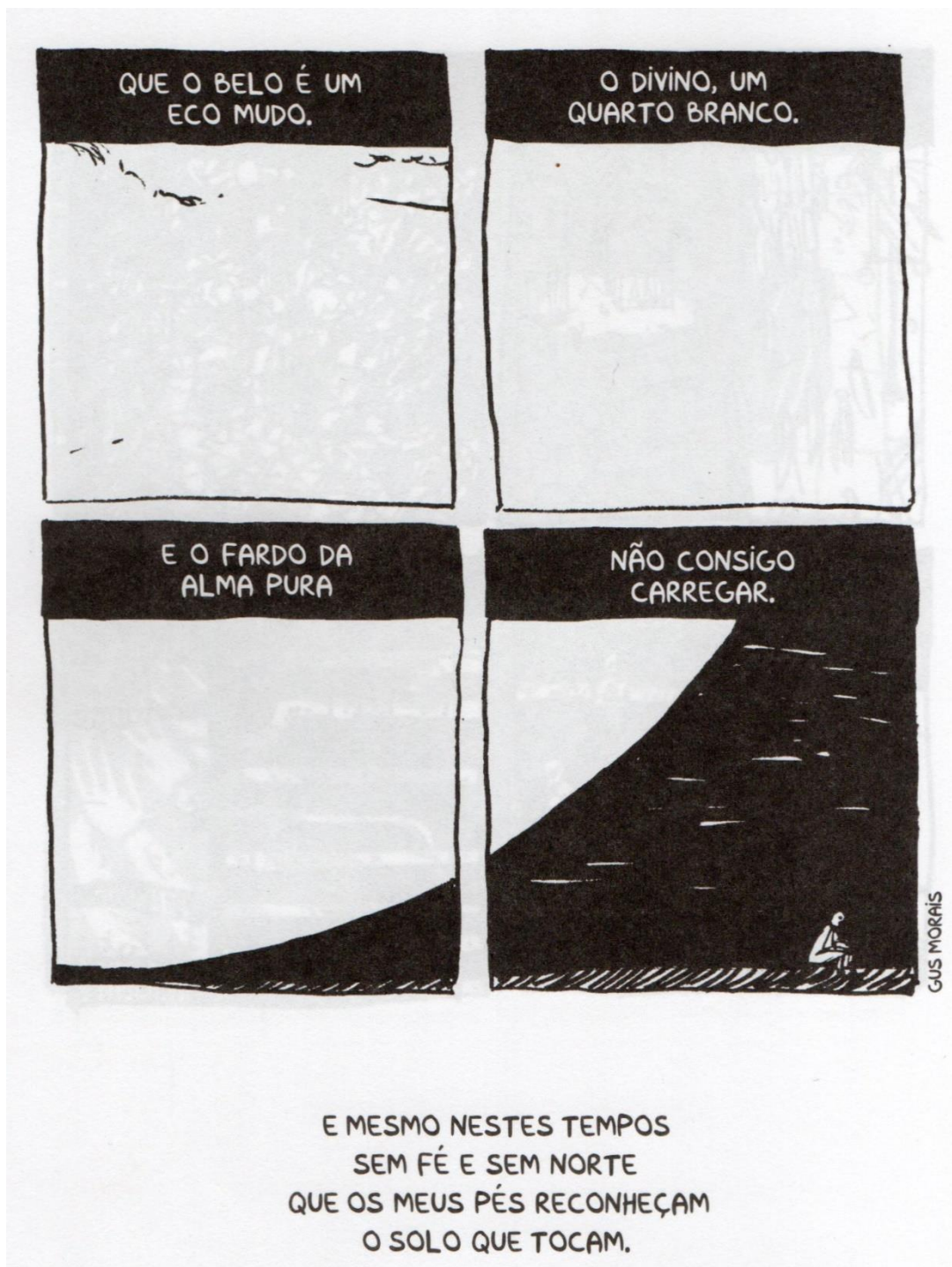
Interrompido.

Tarde demais.

Sem tempo, irmão, diz o meme.







[POEMA SOLO]

Teto Quadro Chão. Histórias em quadrinhos por Gus Morais.

Páginas 111 a 116.

E vem o vômito. Outra imagem, outra ideia que passa.

Ou ruminar?

<porque o que é vomitado não serve mais de alimento, a Qualificação faz pensar>

Antropofagia. Não é preciso explicar este conceito, tão utilizado em diversas escritas de diversas áreas. Me alimento de tantas ideias e conceitos e palavras e imagens. É preciso engolir com vontade, sem medo, o tanto que puder. Sem preconceito de origem e gostos e cheiros e aparências e tudo o mais. Apenas engolir. E ruminar <aqui!>. Como vacas e bois, por exemplo, se permitir ficar no processo ruminante de expele-engole-expele-engole. E digerir. Misturar, compor com o que já existe dentro, formando *outramentos*. Com tempo, com o tempo que as coisas pedem e precisam.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇[...]◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇[...]◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

ANTROPOFAGIA EXTRATIVISTA? PREFIRO A CHUCA

re-afirma Tertuliana Lustosa em seu
Manifesto Traveco-Terrorista

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇[...]◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇[...]◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Tempo? Tudo que não tenho agora, dadas as contingências. E não se trata de reclamar, mas de narrar mais um elemento relevante no processo de pesquisa-e-escreve. Falta tempo <e há tempo demais ocupado em buscar maneiras de fazer a vida perseverar em meio às necrobiopolíticas>.

Imperativo: *tempo...* como a relação com tempo e com tantas coisas mais foram quase que obrigadas a se modificarem a partir do confinamento e distanciamento social impostos pela pandemia do novo coronavírus.

Resgato Caio Fernando de Abreu: “Escreva então para destruir o texto, mas alimente-se. Fartamente. Depois vomite. Pra mim, e isso pode ser muito pessoal, escrever é enfiar um dedo na garganta. Depois, claro, você peneira essa gosma, amolda-a, transforma. Pode sair até uma flor. Mas o momento decisivo é o dedo na garganta”. Já que não há mais tempo. Já que o contexto acadêmico a que estou inserido exige certa celeridade, tem seus ritos próprios de acordo com uma divisão particular do tempo cronológico. Já que a ruminância vem demorando, se alongando, desrespeitando os compromissos que eu mesmo estabeleci e outros que concordei ao pleitear ser parte do circuito acadêmico... Dedos na garganta. De novo. E mais forte, agora.

Uma vez cutucado, muita coisa é excretada. *Coloque pra fora, dê passagem*, falo a mim mesmo. É hora de materializar em letras, palavras, construções frasais. *Mas e a lógica? Não vai fazer sentindo algum...* – insisto. E é preciso? Talvez seja esperável, mas...

Na dúvida, e sem conseguir encontrar palavras para dar corpo ao que estava sendo ruminado e deglutido, me resta *inventar, forjar* estratégias. E tentando produzir curas, retomo e revejo e repenso o processo todo desta pesquisa de doutorado, que passo a narrar algumas partes. E o faço em ziguezague, emitindo sons que, gaguejantes, aos poucos vão tomando corpo. Balbuciando. Deixando vir a furo. Como vômito. Encorpendo...

Que, de algum modo, produz cura.

eu determino que termine aqui & agora.
que termine em mim mas não acabe
comigo.
nem com as minhas.
que termine em nós
& desate
que amanhã seja diferente com elas.
que tenham outros problemas &
encontrem novas soluções.
& que eu possa viver nelas
em suas memórias.



@linndaquebrada - 16/11/2019
foto: Larissa Zaidan (@larizaidan)



ORAÇÃO, por Linn da Quebrada

entre a oração e a ereção

ora são, ora não são

unção

benção

sem nação

mesmo que não nasçam

mas vivem e vivem

e vem

se homens

se amam

ciúmes

se hímen

se unem

a quem costumeiramente ama

a mente ama também

não queimem as bruxas

mas que amem as bixas

mas que amem

que amem

clamem

que amem

que amem as travas também

amém

Sobre alguns pontos do percurso
- ou sobre fios que foram ficando soltos...

A quem anseia por rotas-de-história:

Então, minha pesquisa *derivou* bastante, tenho tido dificuldade em conseguir *apanhar* determinado aspecto pra *perseguir*.

Mas... a viagem tem sido pensar sobre *afetos e encontros*. Em que *efeitos* produzidos e que se produzem no meu corpo (os *blocos de sensações*) a partir dos encontros que tive/tenho com as músicas e as performances e o sujeito *viajando* chamada Linn da Quebrada. Tenho me entregado a esses *atravessamentos*, ao que desloca a minha ideia de 'sujeito eu', mas *estou perdido* (e travei na escrita, estou com prazo esgotado, troquei de orientação, qualificação marcada pro último dia de junho e defesa já programada pra fevereiro do ano que vem...).

A escolha da cartografia se deu nesse *processo* aí mesmo, ela me *capturou*. A ideia de olhar processos, de acompanhar, de atravessar, de *perceber a construção de mapas*, de *territórios existenciais*... daí fui ler a respeito (e tentei *quebrar a mente* de pesquisador de certo tipo de ciência - eu venho das sociais, ciência política), fui fazer disciplina com Silvio Gallo, me entreguei a livros de filosofia que eu já tinha abandonado...

[16/04/2019]

[tentativa de rascunhar meu plano de pesquisa. e-mail em resposta a r.]

Alguns caminhos foram percorridos. A algum dos meus eus parece relevante registrar alguns pontos, algumas paradas, certos destinos dessa rota (olhados, agora, em perspectiva temporal), mesmo que abandonados ao longo da caminhada. Esses pontos-de-reposo dizem, também, de um mapa dessa cartografia afetada pelos encontros com a Linn e as intercessoras.

Partindo de uma perspectiva considerada pós-crítica ou pós-estruturalista, buscando “criar linhas de fuga que apontem outras formas de produção de conhecimentos que subvertam as relações saber-poder e cartografem outras formas de constituição de saberes” (PEREIRA; DINIS, 2015, p. 12), o que me provocou, lá no início da caminhada da pesquisa, eram alguns processos pedagógicos sobre gênero e sexualidade que escapavam e se realizavam para além da instituição escolar – ou, ainda, que tensionavam a noção de que a escola (e a academia se inclui) seria, por excelência e definição, o lugar próprio e exclusivo da produção de conhecimento e saber.

Assim, iniciei o percurso da pesquisa sendo atravessado pelas provocações propostas pelos Estudos Culturais e pelos Estudos *Queer*, que me ofereciam uma “caixa de ferramentas” que me ajudavam a pensar e (des)aprender sobre o fenômeno que, por tanto me afetar, tenho escolhido como um plano de pesquisa: o da emergência de artistas que, articulando variadas linguagens e estéticas com propostas de ativismos políticos, têm ocupado importantes espaços públicos e midiáticos. No que se refere às dissidências sexuais e de gênero, podemos observar um considerável número de artistas que questionam, a partir de suas músicas/performances/experiências, os lugares identitários e subjetividades colocadas pela heteronormatividade, pelo binarismo de gênero, pelas questões étnico-raciais.

Focalizando a cena musical, apenas dessa ‘nova safra artista’, pedem passagem: Liniker Barros, da Liniker e Os Caramelows & Linn da Quebrada & Jup do Bairro & Urias & Pablllo Vittar & As Baphônicas & Glória Groove & Assucena Assucena e Raquel Virgínia, de As Bahias e a Cozinha Mineira & São Yantó & Mia Badgyal & Rico Dalasam & Monna Brutal & Mc Xuxu & Jaloo & Alice Guél & Lia Clark & Mulher Pepita & MC Dellacroix & Johnny Hooker & Danny Bond & Caio Prado e os Não Recomendados & Rosa Luz & Almério & Kaya Conky & Achilles & Candy Mel e a Banda Uó & Verónica Decide Morrer & Solange, Tô Aberta & Mc Trans & Potyguara Bardo & Aretuza Lovi & Danna Lisboa & Butantan & Sabrina Sister &

&

&...

& entre tantas outras que já têm sido consideradas – por pessoas dos movimentos TLBG, bem como pelas mídias de massa –, mesmo que de maneira genérica, como pertencentes a movimentos artísticos denominados como [MPBicha](#), [Rainbow Power](#), [MPBTrans](#), [Música Transviada](#), [Música Popular Babadeira](#), [Geração do Lacre e da Fechação...](#)

Aqui são necessários dois apontamentos que dizem sobre escolhas que são textuais, mas não só, pois engendram aspectos éticos e estéticos e políticos que permeiam a maneira como me coloco dentro desse regime de saber-poder que se constitui a academia.

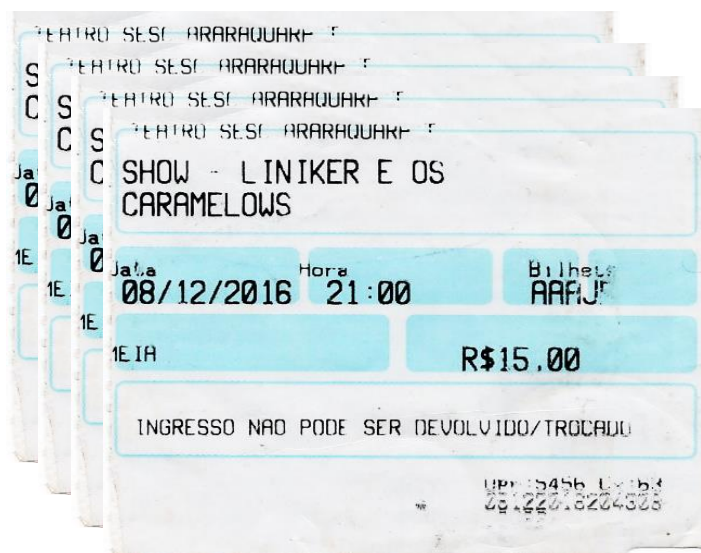
Com a proposta de provocar estranhamentos e deslocamentos, tenho utilizado, a algum tempo, a **flexão de plurais no feminino**, subvertendo as regras de concordância nominal da gramática normativa (que normatiza, enquanto linguagem e discurso, o lugar subalterno designado aos corpos que carreguem os signos do feminino). Já utilizei outras estratégias: *todxs*, *el@s*, *menines...* Fico sempre atento a outras formas de dizer e escrever que sejam menos excludentes, não descartando nenhuma, usando mais uma ou outra de acordo com o que vem. Mas tenho gostado do choque causado pelo simples uso do *a* quando me refiro a coletividades.

O segundo apontamento é a utilização do **acrônimo TLBG** em ressonância a Linn da Quebrada, que privilegia o uso desta sigla (ou às vezes TLGB) em vez de LGBTQIA+ (e outras diversas siglas adotadas como termo para identificar lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, intersexuais, *queer...*). Considerando o caráter generalista e transitório das siglas, reafirmo a postura política que pretende incluir as mais diferentes possibilidades de identidades e subjetividades desviantes da heteronorma e do binarismo de gênero, privilegiando os processos de subjetivação na/pela/com a diferença.

Voltemos às rotas-de-história.

Ainda pensando sobre e a partir do contexto histórico e das relações de saber-poder que constituem a mim e a essa pesquisa, ressalto um momento em que essas artistas e suas “artes engajadas” passam a ocupar mais fortemente os espaços públicos coletivos, notadamente as ruas e praças – em contraponto aos espaços midiáticos hegemônicos –, além de “viralizarem” em plataformas virtuais como *Youtube* e *Facebook*, demarcando um acontecimento de emergência de estratégias educativas e políticas que se dão no campo da prática cultural (COLLING, 2016; 2017).

Nessa perspectiva, ao tomar contato com algumas dessas artistas, fui primeiramente atraído pela performance de Liniker Barros, muito por conta da sua vigorosa voz com tonalidade agradavelmente grave, além das atraentes e pouco convencionais melodias e letras de suas músicas, mas, sobretudo, pelo estranhamento causado ao me deparar com um sujeito que borra as fronteiras de gênero e sexualidade socialmente demarcadas, me despertando forte curiosidade sobre tudo que envolvesse aquela pessoa, em especial os seus modos de corporalidade e subjetivação.



Era 08 de dezembro de 2016, mais ou menos 21h, quando começa o show de *Liniker e Os Caramelows*. A quadra do SESC Araraquara estava lotada, povoada de gentes com estilos os mais diversos, gentes coloridas e barulhentas, animadíssimas ao ouvir os primeiros acordes das músicas daquela banda. Ali tinha um ingrediente especial: Liniker, a vocalista da banda, é araraquarense, prata da casa. Inclusive foi ali naquela cidade que foi gravado “Zero”, o primeiro single lançado em 30 de julho de 2015, no Youtube, tendo estouro imediato. Àquela altura do show, também já havia sido lançado o “Remonta”, primeiro álbum da banda, que alcançou visibilidade nacional e internacional, inscrevendo decisivamente o nome de Liniker na música brasileira. Notoriedade e fama estavam começando a ser construídas, outra das razões dos ingressos terem se esgotado.

Duas ou três músicas do show... dentro de mim reverberava fortemente um pensamento: esta é a pessoa que vou me debruçar para acompanhar, ouvir, conhecer, ver, entender, pesquisar. Neste momento eu já tinha os principais elementos exigidos para uma (considerada) boa pesquisa acadêmica: um tema atual e de relevância teórica e social (o ativismo das dissidências sexuais e de gênero), inscrito num determinado campo do saber e com arcabouço teórico-metodológico consistente (a educação e sua intersecção com estudos culturais e *queer*), com um sujeito de pesquisa (Liniker) e alguns objetivos já delineados...

*A personalidade dela era um tanto dividida
Parece Poliana querendo um quê de Frida
Queria a parte outra da metade
O todo, tudo, a casualidade
Onde é que tá, aquela estante amarela, onde foi parar?
Rimei versos pra depois
Pra levar na rua lá do boulevard
Até penso em vir, mas se calhar, é só parar pra, viu
Lina de mim, tem mais aqui*

Confluências. Liniker cantava “Lina X” e eis que, no meio da música, entra no palco outra pessoa. E já chega cantando e gritando e chorando e abraçando... *Ela é a Lina X*, ouvia de pessoas que curtiam o show ali do ladinho.

Logo reconheci: Linn da Quebrada, a amiga da Liniker, com quem ela dividiu quarto em Santo André, enquanto estudavam na Escola Livre de Teatro. De quem Liniker falava bastante nas entrevistas e falas públicas e posts de redes sociais.



linndaquebrada
Lá Onde Deus Abençoa



Curtido por **matteusmarcello** e outras **20,7 mil** pessoas

linndaquebrada com ela eu aprendi a ser corajosa & a ter medo
aprendi a gritar & tbm a cantar
& juntas nós aprendemos a orar.
te amo tata.
ouçam & vejam Oração. 📷 @larizaidan

@linndaquebrada - 16/11/2019
foto: Larissa Zaidan (@larizaidan)

Fui fisgado, encantado, seduzido: *afetado*.

A potência transgressora de Linn, uma artista/ativista que em algum momento chegou a se autoidentificar como “Bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero” (LINN DA QUEBRADA, [2017]), me tencionou a problematizar as questões que envolvem a intersecção entre arte e política, me levando às produções que têm pensado a arte “a partir de temas como linguagem, poder, subjetividade, diferença, processos semióticos [...], pensar toda e qualquer produção artística como aquela capaz de causar efeitos de verdade, posicionar sujeitos, legitimar e normatizar as subjetividades” (THÜRLER; COLLING, 2016, p. 5).

Pronto, mudei de *pessoa-pesquisante*. Até aquele momento, parece que ainda permanecia em mim uma ideia de que faria a pesquisa *sobre* alguém. Eu pensava que isso era o esperado de mim enquanto pesquisador acadêmico, que a validação dos estudos se daria a partir da coleta de alguns dados, do cotejamento deles a partir de um marco teórico, da exposição objetiva e bem detalhada: uma tese com começo-meio-e-fim, sem muitas arestas a serem criticadas.

No exercício de imersão nessa temática, agora focalizando a Linn e o universo a que ela me apresentou, me encontrei com algumas formulações do conceito de “ativismo”, decidindo me amparar temporariamente em alguns. Passei por várias produções teóricas, caminhando com Leandro Colling, Rafael Guimarães, Paulo Raposo... que me ofereciam ferramentas que me auxiliavam a compreender as questões que martelavam minha mente: intersecção entre *arte + ativismo + estética + política + educação*. Estando pesquisador na área da Educação, senti potente ruminar sobre esse conceito e suas ressonâncias nas produções envolvendo as pedagogias. E é nesse percurso, brevemente exposto nas linhas precedentes, que se constituiu meu plano inicial de pesquisa. Por ser processo e estar, a todo instante, encontrando e afetando e sendo encontrado e sendo afetado por tantas outras linhas e ideias e sentires, se encaminhando num sentido que aproxima o texto e a pesquisa e eus, me encontro com as ideias de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, entre outras forças pensantes. Mergulhando mais, me propus a cursar uma disciplina com o professor Silvio Gallo, da UNICAMP: a sua reconhecida “Filosofias da Diferença e Pesquisas em Educação”.

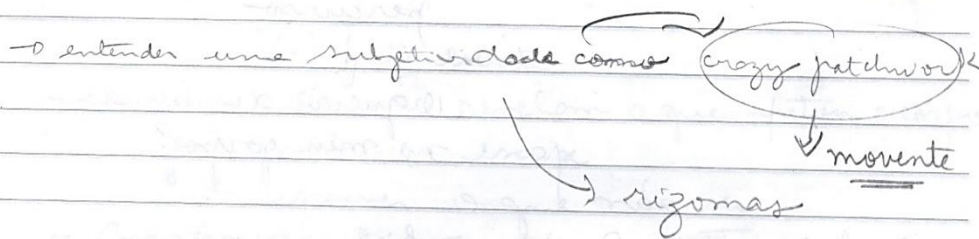
E, assim, compõe-se uma constelação de ideias e pensamentos e devires que me sinto incapaz de dar sentido único – e esse sentido único jamais existiria, aliás. **E continuam a me movimentar, a me empurrar, a me levar...**

ATRAVESSAMENTOS-DEFESA

/ /

Banca

- conceitos:
- ⊕ cartografia
 - ⊕ crazy patchwork (remendando-louco)
 - ⊕ rizoma
 - ⊕ devir / diferença
 - ⊕ agenciamento coletivo de enunciação - experiência
 - ⊕ intercessores
 - ⊕ processos educativos / educação + política
 - ⊕ minorias
 - ⊕ agenciamentos



- devir: diferenças de si o tempo todo
- forma de multiplicidade: rizoma (N-1)
- - coloca construção na bibliografia ←
- inventar uma lógica (ESTILO)
- ONDE É O LA?
- e gênero e sexualidade? → a tese se concentra nesses campos?
- minorias: entrevista pl Antônio Neri (Conversações)
- devir-minoria (não há um modelo...)
- intercessores → movimento e o devir

→ afetos / experiências / multiplicidades / rizoma
 subjetivos / resistência / processos educativos

11

- razão / multiplicidade e SUPERFÍCIE

- zoofilia - o que é filofilia

- pronomes edulcorados → ética

- o que quero encontrar? → comece com texto

como vou? e que vou?

percurso

↓
o que vai acontecendo no meu corpo?

→ falar sobre limites → limites / ressonâncias

↓
como limites se faz ouvir?

→ Como ele quer que eu ^{me} insinja? O que ele quer que eu seja?

//

- atravessar por outros maneiras de ser e estar no mundo "outros" sensações e percepções, de modo a nos constituirmos eticamente outros.

- CONFUNDIR formas, modelos, estruturas

- escrita - caos → imaginação em processo de construção / produção

- territórios da pesquisa (BRITO) Maria do Carmo

↳ linhas de escrita

↳ textos não revelam o que afetam o corpo

o ↳ promover escape

o ↳ escrever o que não sei

↳ acontecimentos e singularidades

↳ escape e flui

↳ verificar e experimentar territórios fora

↳ criar novos pontos, novos pontos

↳ deriva

- escrita fragmentaria

- deriva - d'inim

↳ texto - d'inim

↳ aprendizagem - invenção

- desclassificar / desclassificar

- fricções

- estética da existência

- falar do filme preferido →

11

- falar sobre escrever entendendo Linn, sobre
estudo entendendo Linn

- potência em variações

eu não é uma forma de identidade



potência de acontecer (algo de
inesgotável)

- variações afetivas x de sentimentos



signo que
expressa

que acontece,
potência em variações

imagem que faz do afeto



singularidade (nome próprio, não meu eu)



pluralidade de vozes / dimensões afetivas

(várias intencionalidades que se alternam e
se revertem ^{ao dizer} ~~de~~ ~~eu~~)

- multiplicidade em movimento

- Livro Renata → Percursos de uma pesquisa, Fazer
filosofia com o corpo de nós: experimentos em
resistência.

FUGA

→ coragem terrorista

- escrita: máquina produtiva de fuga / cartografias de si
- fala e aparece no texto
- e sobre a Linin? **COM**

como Linin
marca meu corpo

implicação

desvi-trava

↳ Linin é apagada?

↳ desvi - Linin

↳ Linin é provocadora / interessera

disparadora de afetos

- quem é a academia? → ciência régia

- que educação ⇒ aprender

com afetos

↳ sabi-
do-
corpo

~ não é sobre escola!

- fala de transbordar no oráculo

- conceitos roubados (Deleuze / Renata / Gallo)
↳ enxameadas

- enquadramento?

↳ é preciso adivinhar?

//

- corpo de Linn no texto pedida

- charge machista (p. 76)

- citar no resumo?

- pessoas surdas e pessoas cegas.

- ler travestis / bixos pretos

- falar é mais fácil que escrever

- ritos acadêmicos - espaço (falar Tereisa)

↳ reproduzir o que adoece?

↳ abandonar o espaço acadêmico?

- ler Deleuze/Guattari → ferramentas

- só jogar? → cartografia de si

- cartografia de resistência

- empatia é desconsiderar.
↳ outro: diferença

produz efeitos?

sempre falta

- consistência teórica-metodológica?

↓
expressar/narrar

VERBOS

- tese não diz tudo // não é pra dar respostas (cartografia)

- precisa fazer revisão teórica?

- fala sobre orientações.

* apresenta o que de novo?

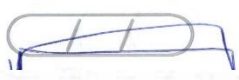
* até onde suporta? o que cabe no meu corpo?

- precisa significar? tem coerência?

* qual é a relação que quero estabelecer com esse título?

- junta pesquisa com a escrita

estilo



- aproveitar a fala pra ir ao texto
- tempo de entrega do texto
- Newton Moreno - Brearte
- + atrevimento pra dizer poesia
- apagamento do corpo dissidente de linin e de que ele foi capaz de catalisar
- vou me criando junto com a pesquisa / Como o texto
- pq não falo do anarcopunk
 - ↳ coletivo coiti
- linhas de potência → vão existindo a partir e no processo
- até onde seu corpo vibrou?
 - ↳ Capturas possíveis
- transparentizar o outro, a diferença?
 - ↳ Cade as marcas - étnico- racial / gênero / sexualidade /
 - ↳ spivak
 - ↳ marcas feitas no meu corpo
 - ↳ marcas-feridas
- factou vibrar? → vida em devir /

11

- vida em viação e incapturável
- o que afete? / cartografia? / facção aprendida?

↳ EDUCA

- ensaio de esgotamento

- artivismo - erro conceitual

↳ pg é processo,
pg era naquele momento

- roubar conceito - deterritorializar

- "sonhos em prasa quase apagada"

- onde percorrer? plano/território
↳ o tem um problema

- p. 7 - Nietzsche

- p. 13: cartografia de si /

- deambulação do pensamento

(/ /)

- políticos de narrativa
- encontrar sua turma?
 - ↳ provocamentos necessários.

- insistir em existir : re-existência

- ñ é reprodução

- criar linhas de fuga / encontrar saídas

- binarismo : texto certo ^{ou} X adeus / denúncia

↓
desviar / fugir / escapar

inventando outra coisa

↳ ñ é se contrapor

afirmação da vida!

- → repete, mas ñ reproduz e idêntico, o mesmo

- → p. 35 escrever é povoar

- oposição afirmativa / inventa outra coisa

↳ ñ ressentido - afirma / cria

↓
escreve quer / mutante

1 / 1

- n-1 - menos o sujeito

sub. com suspiro: a certeza muda de natureza, e de vir.

- cartografar o que se passa com meu corpo em encontro com Linn

- arrameou 114 e 115

- rigor conceitual = desdobrar as palavras



como usar de modo que se crie algum sentido?

→ (deriva) forma e conteúdo

- triar incompletude

- glossário - abecedário

explicar os conceitos

- para quem eu escrevi? qual a contribuição?

- pesquisa-experiência

→ aprender

Defesa – 20/02/2020
14h até por volta das 19h30
Auditório UEIM-UFSCar
São Carlos-SP

Participantes todas conectadas via internet, cada uma em um cantinho do país e do mundo: Tati em Paris, França; Adriana em Cuiabá-MT; Megg em Rio de Janeiro-RJ; Rafael em Itabuna-BA; Renata em Belo Horizonte-MG; Ana Cristina, eu e minha família ali no auditório.

>>>

elementos das minhas falas, tanto na exposição inicial, quanto nas arguições da banca

Defesa é parte do processo, não fim. Embora os ritos acadêmicos determinem oficialidade no sentido de encerramento, a aposta de pensar-fazer pesquisa cartográfica desde a experiência reivindica um status outro também para o momento de Defesa: que é produção coletiva, de povoamento <processo>. Essa defesa é também um modo de estar, é um modo de produzir. Por isso o convite a cada uma das pessoas. Cada uma apresenta um signo de diferença, que tem que ser incorporado, trazido para o texto <ou, caso não seja possível fazer parte do texto para impressão, já tem seu valor efetivado por nos forçar a pensar de outros modos, por outras óticas, a partir de experiências atravessadas por diferentes elementos>.

Defesa vai disparar muitos afetos, provocar muitos pensamentos <nos forçar a pensar, violentar o pensamento>.

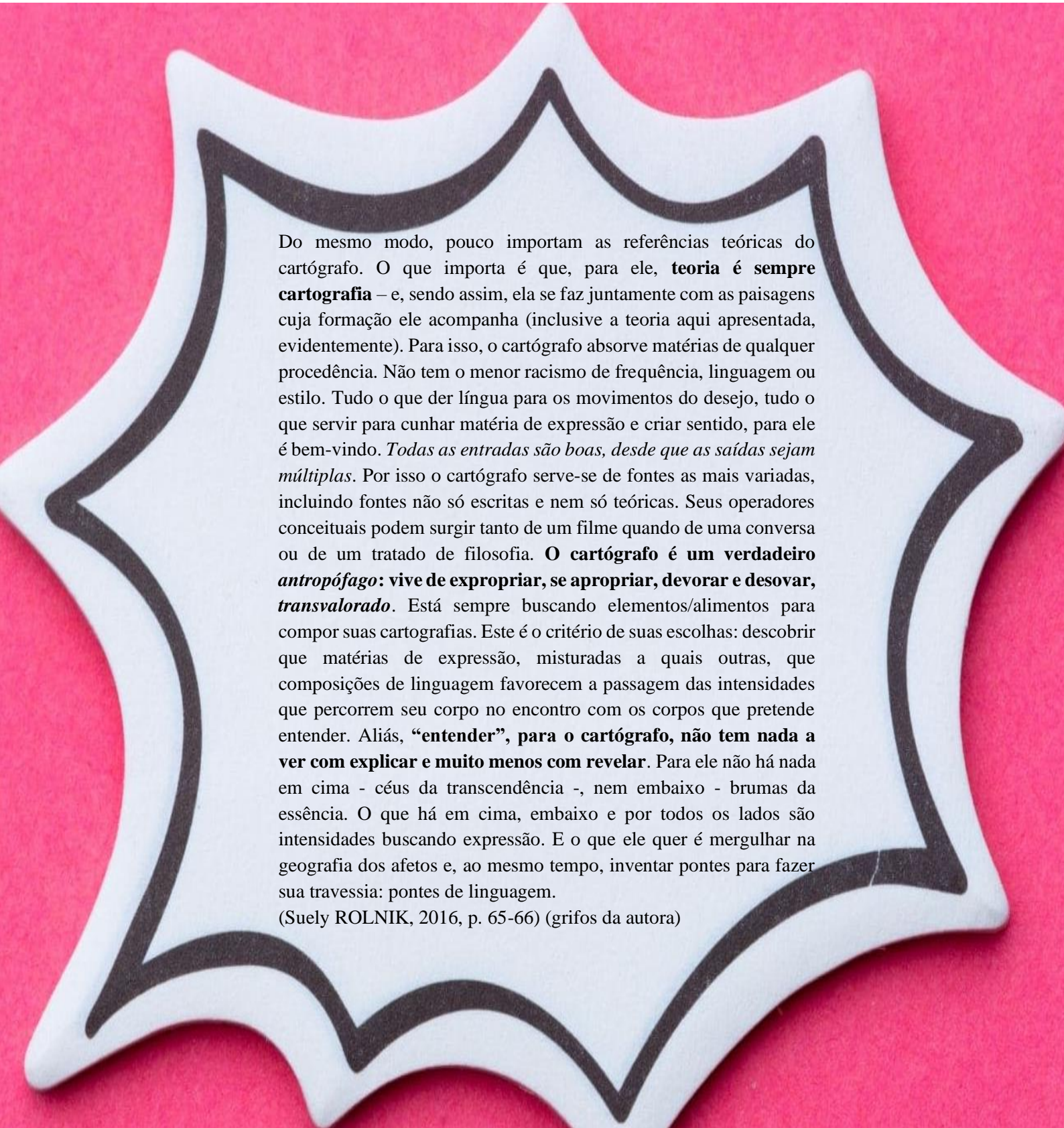
A aposta <na forma e conteúdo> do texto é arrojada, <pode ser considerada> subversiva. É escolha, mas também não havia outras opções. <A partir desta lógica de pesquisa-experiência> não faz sentido defender um texto falando sobre os efeitos que uma pessoa, uma “subjetividade rizoma” insere sobre mim, <utilizando-me, para tanto, de> um modelo tradicional, com texto clássico. O próprio texto é um marcador político.

Tese em devir-trava.

Tem tese dentro, mas não é uma tese num modelo clássico. Produz tese, é uma tese em porvir.

Se constitui em um processo minoritário, produzido num âmbito macro, mas buscando modos de produção de vida.

Suely Rolnik: várias entradas e saídas. O texto busca, mais do que responder, mais do que representar, ser uma experimentação cartográfica. <Faço referência, com essa fala, a uma passagem escrita no Cartografia Sentimental, que escolho reproduzir agora justamente pela relevância que ela adquire na experimentação que propus...:>



Do mesmo modo, pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, **teoria é sempre cartografia** – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (inclusive a teoria aqui apresentada, evidentemente). Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. *Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.* Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quando de uma conversa ou de um tratado de filosofia. **O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado.** Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, **“entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar.** Para ele não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.

(Suely ROLNIK, 2016, p. 65-66) (grifos da autora)

Percebo uma espécie de “luta” no campo teórico para delimitar o que é cartografia. O conceito vem passando por diversas capturas que buscam, cada uma a seu modo, expressar o que pode ser considerado cartografia. Cartografia é “muitas coisas” <assim mesmo, no plural, ainda que em discordância gramatical>.

A experimentação que efetuo é fortemente amparada nos afetamentos <provocados em mim a partir> das produções da Renata Aspis, que fez me encontrar com muitas pessoas que têm feito cartografias semelhantes à que tenho proposto/realizado.

Essa forma do texto é uma aposta ética-estética-política, de produção de mundos, de criação de mundos possíveis. Eu só posso existir como doutorando, numa defesa de tese, com este texto. No momento, este é o texto que foi produzido a partir dos atravessamentos que eu fui sendo submetido quando entrei em contato com a Linn e todos os signos que ela dispara.

Rolnik, novamente: “Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas”. Esse texto tem várias entradas e várias saídas; ele não fecha nenhuma saída. Ele tem mais entradas do que saídas e as saídas vamos construindo ao longo da leitura... (ou não).

Provavelmente esse texto não tenha afetado algumas de vocês. Os signos que estão enxameados ao longo do texto podem não ter afetado quem leu <ou até mesmo podem ter afetado de modos outros aos que, ao escrevê-lo, eu pretendia disparar>. Deleuze fala que se um livro não afetou, não violentou, não fez produzir pensamentos, se não me fez criar diferença, produzir diferença, então tenho que deixá-lo para lá. <Aqui, porém, por se tratar de texto que obrigatoriamente precisa ser avaliado, fazendo parte de um rito acadêmico imprescindível, inclusive sendo uma obrigação legal-burocrática para obtenção do título de doutor, esse texto não poderia ser deixado para lá. Por essa razão, faço à banca mais um apelo>. Peço *atenção sensível* na leitura desse texto, que é uma tentativa de expressão da caminhada no território que a Linn produz junto comigo e as intercessoras.

Escrita que tem relação com a ideia de **devir-trava** <ideia, conceito, composição que tento dar sentido a partir das grafias...>.

O texto, nessa perspectiva, tem que criar disparadores, não respostas. Uma cartografia, pelo menos a partir do que tenho compreendido e inventado para mim, tem que efetuar potência de matilha, criar saídas múltiplas. Nessa “luta” pelo que é cartografia, existem váriasssssssssssssss <penso luta, aqui, mais como defesa mesmo da perspectiva e das experimentações que cada pessoa escolhe e se permite operar>. Essa tese poderia ser só sobre o que é cartografia, sobre que tipo de cartografia estou fazendo, sobre como essa cartografia é um rizoma e me faz produzir outros territórios, outros mapas etc.

Já encontrei com muitas cartografias. Muitas e tantas, dos mais variados formatos e com linguagens e experimentações também diversas. Muitas afirmam um processo cartográfico de pesquisa, mas se apresentam, enquanto texto, de modos mais próximos aos clássicos. Esse texto, do modo como ele está, é uma aposta por uma experimentação também textual. Ele intenciona expressar não só a subjetividade rizoma da Linn, aquilo que consegui capturar e transformar em palavras, mas também a subjetividade rizoma dos Leandros, afirmando e re-inventando **OUTRA POLÍTICA DE NARRATIVIDADE.**

Aproveito e refaço um convite proposto numa carta que enviei para a banca: hackeamento da escrita. De algum modo, que ainda precisaria ser inventado ali pelo coletivo, a proposta era a de que as pessoas da banca pudessem participar da escrita do texto. Povoar o texto também com elas. <De um modo ou de outro, a escolha em fazer esses apontamentos da defesa segue um pouco essa ideia – mas está ainda a se inventar formas outras de se efetivar esse hackeamento...>.

Funcionou. O texto afetou, violentou no sentido positivo e no negativo. Não era a intenção, mas violentou negativamente também. Isso é um pouco a intenção dessa escrita que é colocada como uma máquina produtora de fuga. Fuga não na perspectiva do não enfrentamento, mas na perspectiva de DG é enfretamento. A linha de fuga é enfrentamento.

Texto é processo, possível de ser rasgado e recortado muitas vezes.

Capa: linhas, disparadores de afetos.

Disparou afetos tristes que faz colocar a necessidade de repensar. Isso é produzir educação pra DG. É violentar o pensamento, violentar o corpo e fazer que dessa violência se produza pensamentos outros.

Que academia é essa? Ciência régia. Conceito de D.

Essa tese é sobre a Linn? Não. Ela é disparadora, ela é quem me violenta e me faz produzir. Linn é a maior intercessora nesse processo. D vem depois, é ferramenta, vem pra ajudar a entender o que vai acontecendo no meu corpo quando estabeleci contato com a Linn. Essa é a minha tese: o que vai acontecendo no meu corpo que vai sendo mapeado cartograficamente na pesquisa, na escrita e tenta se materializar no texto, o que acontece no meu corpo quando eu estabeleço contato com esse signo que me violenta. Vem a Liniker, depois a Linn, vai numa coisa meio rizomática.

Cartografia pode ser um modo dolorido de fazer. Porque a gente sente os efeitos de tudo isso que atravessa a gente, cada um de um modo. Eu sou afetado pela questão da travestilidade, mas acabo não a incorporando por não ser travesti. Eu sou afetado por questões raciais... me identifico enquanto negro, mas tenho pele clara e, por isso, experiencio raça de modo diferente de outras negras... Eu não me sinto confortável pra dizer sobre isso, agora.

A ideia da tese, que é essa produção de mapas, funcionou porque ela faz pensar, enquanto lê, nessas rostidades que são fundamentais pra entender o nosso corpo, a nossa subjetividade.

É uma tese sobre a escola? Não, é sobre educação. É uma educação que se aprende a partir da violência que os afetos produzem. A Linn fala isso várias vezes, mas não aparece muito. Crio a pesquisa e a tese e as grafias e a vida COM A LINN, com algo que ela e outras são portadoras. Ela está presente o tempo todo. Alguns desses eus não são eu Leandro, são um eu Linn, é um devir Linn, é um devir trava.

Devir-trava: no sentido de potência da travestilidade.

Duas doutoras travestis na banca – um posicionamento político, um marco, uma vitória. Não é sobre quem falo, é com quem falo. Anunciar mais sobre a tática de pesquisa que escolhi, que não é uma cartografia que vai lá fazer entrevista, que não vai na rua, mas é uma cartografia que tenta mapear e transformar em texto o que vai acontecendo no meu corpo enquanto estabeleço contato com a Linn e todo esse território que ela produz.

A Linn é a grande intercessora!

Dizer como? É descrever? Não. É disparar o que a Linn provoca no meu corpo, não é descrever a história de vida da Linn, não é analisar elementos da existência e produção da Linn.

Não vou ser capaz de enquadrar a Linn dentro da tese. Por que? Porque ela é uma subjetividade rizoma. A Linn escapa, foge de toda e qualquer denominação. Ela tem rostidades que são importantes? Sim. Ela é bixa preta, periférica, etc, sim, essas dimensões estão enxameadas ao longo do texto pra isso. Mas ela fala (no Bixa Travesty): “transtorno pras suas teses”.

Que educação estou falando? Não é sobre escola. É um aprender com, sobre, a partir, com relação aos encontros, aos afetos que são produzidos com os encontros com essas subjetividades rizomas, ela diz sobre um saber do corpo (Suely Rolnik).

Cito o programa Transmissão, que passou a ser apresentado por Linn e Jup. Entrevista com Erica Malunguinho: “Eu li Deleuze, mas li a Creuza”.

Minha Creuza é a Linn!

Linn é quem de fato me faz aprender sobre escola, mas não só sobre escola; sobre educação, mas não só sobre educação; sobre gênero e sexualidade, mas não só sobre gênero e sexualidade; sobre corpo, mas não só sobre isso.

A Linn me faz estar vivo hoje. Se estou vivo hoje, em parte, é por conta dos afetos produzidos pela Linn.

Serei A: continua atravessar, continue o atraveçar. É dali que surge a ideia do devir-trava. Eu li e ouvi e senti muitas travestis, tenho incorporado essas epistemologias travestis. Boa parte das pessoas que produzem os excertos, poemas, são travestis, pessoas trans...

Maia, Saimon, Zago. Tentei incorporar pra tentar sustentar esse devir-trava.

A pesquisa não se reduz ao texto. O texto é incapaz, seja qual modelo for, de capturar, de expressar, de resumir uma pesquisa. Seja a pessoa mais potente na escrita, ela vai ser incapaz de dizer num texto sobre todos os elementos de sua pesquisa.

Linn diz que ela produz o que ela não lê, o que ela não ouve, pra que ela mesmo ouça e leia, antes de tudo.

Trago o conceito de cartografia de si, que é um conceito que está sendo reivindicado em literatura colocada no início da defesa. Quem diz a verdade sobre o que é cartografia? (saber-poder de Foucault).

A Linn aparece através de eus. Não um eu unívoco, central, mas um eu que é eus, por isso cartas d'eus.

D'eus aqui é uma fala da Linn. É um roubo meu. As ideias são roubadas, capturadas e elas vão dizendo, no dizer, pelo dizer, de onde foram roubadas. Linn reinventa esse d'eus, que é de vários eus que fazem com que ela seja uma obra inacabada.

Falo das dores, da violência do processo. Essa tese foi escrita baseada em dor e sofrimento. Se esse texto fosse mesmo uma cartografia como eu quero, ele teria sangue, teria lágrima, teria choro.

Relação com o título de doutor: re-existência.

Falar é mais fácil que escrever. Dica do Nilson: gravar as falas. Valiosa.

Cartografia pede o presente, não ficar muito retomando o passado.

Ritos acadêmicos: eu não acredito numa academia que eu vá, a partir da minha posição, reforçar um rito que me machuca, que me exclui, que me faz dor, que impede a existência inclusive de vocês. Eu não acredito em um texto que, mesmo que pra criticar a ciência régia, seja feito sob os signos dessa ciência régia.

Eu não vou abandonar o espaço acadêmico porque ele tenta me repelir. É aí mesmo que vou fincar meus pés. Como diz Foucault: onde há poder, há resistência.

Não é necessário dizer, pra essa política de narratividade, de onde é que veio aquele conceito. Porque ele passa a funcionar, a partir de agora, pelo uso roubado que estou fazendo.

Quais são os verbos que dizem sobre essa pesquisa?

Representar? Explicar? Analisar? NÃO.

Acompanhar. Cartografar. Expressar. Narrar.

Significado positivo vai vir, só vai ter sentido em si mesmo, a partir do momento que passarmos a trabalhar com essa ideia de máquinas expressivas.

Isso diz de um estilo. Eu não tive coragem, força, fôlego, pra escrever uma tese no estilo utilizado pela Linn. Ela usa no lugar do *e* aquele *e* diferente: &. A Linn usa o *y* em alguns

lugares. Por conta dessa cobrança de uma gramática normativa, me senti não muito confortável em usar o estilo da Linn. Ou, talvez, meu estilo seja mesmo outro.

Alguns pontos que são considerados erros são, antes, meu estilo. Exemplo da vírgula usada pra reforçar um sentido, pra dar outra pausa à frase. Isso é importante na escrita, é importante no modo como eu faço esse texto existir em mim.

Sempre vai faltar. Sempre vai faltar gente, sempre vai faltar coisas... Ou sobrar. E.

Eu produzo *com*, mas não produzo *só a partir de*.

Dentro desse modo de habitar o território, que é a cartografia, dentro dessa cartografia que eu estou tentando sugestionar, sugerir, a tese nunca vai dizer tudo. Vão ter falhas, vão ter cacoss...

A leitura desse texto por essa galera que está aí dominando o país pode gerar desconfortos. Disposto a re-pensar sobre isso, porém algum desconforto ele vai gerar... Porque meu lugar nessa cadeira também está sendo questionado o tempo todo, assim como o de vocês, embora de formas diferentes.

O conceito de ativismo aparece no texto daquela forma porque tentei falsear o menos possível o processo. Existia uma falha, mas era aquele o conceito que existia naquele momento. Hoje ele não me afeta mais, não consigo operar, hoje ele não me diz mais sobre o que estou olhando.

Se esse momento é processo, não é fim, a defesa também é importante. Se não posso dizer isso agora, quando vou poder dizer? Graduação, especialização...?

Cartografia: *as vezes até o próprio texto vai me trair, vai produzir signos que eu não imaginava. Nada garante que vocês vão entender do jeito que eu quis passar...*

Leitura de 3 frases do Conversações, de DG:

‘cartografia marcar processos, dose de sorte e perigo’

‘mais importante do que o pensamento é o que dá a pensar’ – intenção realizada, efetuada, 4 falas diferentes, embora tenham coisas q vão aparecer em todas as falas. Linhas que são múltiplas, são rizomas...

Dominar o conceito, capturar o conceito pra mim, tornar meu, que é usar... Renata chama de ‘uso roubado’.

Boa parte da base teórico-metodológica é o livro da Renata, ainda não publicado.

Não foi minha intenção transparentizar, mas por que pra mim não soou assim? Porque estou dizendo sobre marcas-feridas, mundos possíveis sobre o meu corpo, minha existência...

Se esse texto não é fim, é processo, e se é um processo sempre inacabado que vai sendo puxado, rasgado e levado a partir dos encontros que estabelece com outras pessoas, com outras subjetividades também rizomas, é perfeitamente aceitável que ele seja atravessado por outras formas de ler... Por que elas não aparecem no texto? Talvez porque, no momento da escrita, essas coisas não estavam pulsando em mim, me afetando.

O que esse texto mostra? O que estava me afetando nesse momento: a dor, o ressentimento... O que precisava vir nesse texto, o que era necessário. Era o único texto que eu seria capaz de oferecer no dia 10/02/2020. Esse texto vai passar por reformulações, pode deixar de existir, pode surgir um outro.

Outra frase: 'pensar é experimentar, o que é sempre atual, em vias de se fazer'. Essa tese está em vias de se fazer... Eu não posso defender que é uma tese em vias de se fazer e apresentar uma tese pronta, feita, que não cabe interferência, que não cabe inclusão, que não caibam vocês dentro do texto. Faltou vibrar? Vibrou muito, mas essas questões, nesse momento.

É isso que tentei fazer: expressar. Tentei fazer algo que é arriscado, que é expressar e não dizer objetivamente.

Esse texto tem um modo de endereçamento que, pra mim, parece evidente, que vai produzir afetos, choques, rupturas, linhas..., mas não garante que todas as pessoas que lerem esse texto vão ler da mesma forma que eu.

Pesquisa em povoamento. Foi aparecendo, da maneira que pode...

Escrita como forma de estar.

Aposta em cartografia: o texto também é cartográfico.

[Política de vida \(Ana Godoy\)](#).

Se o texto é cartográfico, tem que ser lido como cartografia. Com cacos, ecos...

Esse texto é processo, faz parte de tudo isso.

Forma e conteúdo são indiscerníveis. Não acredito numa escrita clássica pra algo da 'natureza' que aconteceu nesse processo que vivenciei.

Em algum momento eu fugi da academia. Precisava trabalhar, precisava me manter vivo. Linn fala isso: não adianta falar de travesti e não dar trabalho pra travesti, eu não sou travesti, mas nesse devir-trava eu precisava trabalhar, era a maneira de eu garantir existência, um pouco de sossego à minha mãe...

Eu não posso ficar quieto, não me insurgir contra um modelo que produz adoecimento.

A tese é sobre isso: é sobre processo de adoecimento e como, nesse processo, caminhando com a Linn, com o que a Linn me provoca, com o que a Linn me afeta, como eu fui criando vida pra estar aqui hoje. Porque não fosse a Linn, essas outras pessoas todas, eu não estaria aqui.

Esse texto é deriva, nunca vai esgotar, nem se sentar juntas e reescrever nós todas.

Esse texto é mais pra produzir perguntas do que resposta. Isso é o modo de fazer tese? Não sei, mas é um modo de fazer tese que estou tentando sustentar aqui. É um modo condizente com aquilo que eu sofri, com aquilo que vivi.

Em vez de ficar ressentido, afirmar, criar. Não ficar só pedindo desculpas.

Isso é um texto que se pretende tese.

Riscos que vivencio diariamente, desde criança, por ser viado (nessa parte bato na mesa, porque isso me afeta violentamente).

O que defendo hoje é uma possibilidade de existência...

Pra quem eu escrevi: pra mim, pra minha mãe, pra quem quiser ler...

Eu não posso naturalizar, não posso reproduzir essa violência num texto que está falando dessa violência. Não é um embate, não é uma briga, mas é importante falar disso.

Esse texto, essa fala, tudo que está aqui, é afirmação da vida.

É o meu corpo, é o meu território existencial que está sendo colocado em prova, que vai pra biblioteca da faculdade, que vai ser disponibilizado, analisado...

Pra quem escrevi? Pra quem interessa a subjetividade rizoma.

Eu preciso dar uma resposta. Como é um rizoma, uma cartografia, está aqui, tenho produzido...

Qual seria minha contribuição? O que apresento de novo? Talvez seja reativado a ideia de aprender: um aprender que se desmancha, que se abra para a diferença, que ativa o saber-do-corpo, que acolhe, um aprender que está sendo realizado aqui agora.

A fala reativa não é contra as pessoas de vocês [da banca]. É contra essa ciência régia, contra essa ciência que faz dor. Que formas podemos encontrar pra fazer a vida perseverar dentro dessa academia?

Nós todas somos *o corpo* que está sofrendo isso.

É uma pesquisa implicada, pesquisa-experiência, ela impacta na minha vida. De que forma agora está afetando a minha vida? Sou diretor de uma escola de educação básica pública... desde sempre, aluno de escola pública...

Valorizar um aprender fluido, que explora os possíveis, que se abre pra diferença.

Não estou falando de escola, mas posso oferecer pra escola. O que estou oferecendo? Um modo outro de pensar a educação a partir da aprendizagem com afetos, com o saber-do-corpo.

Linn me ensina como pesquisar.

Linn diz se sentir incomodada por estar sendo trazida pra academia sem participar dela, das pesquisas (inclusive porque não tem esse interesse). Por isso é sobre os efeitos no meu corpo a partir da Linn.

É escrever COM A LINN.

Com por que ela está escrevendo junto comigo? Não, mas um com que ela está o tempo todo presente nesses afetos, nessas linhas, nessas dobras que estão presentes aqui.

Contato mais próximo e de forma prazerosa com Deleuze foi a partir do Nilson, por ler o que ele produzia, ouvir o que ele falava, pelas indicações de leitura que ele fazia... Ele é parte!

Rede de afetividade. De apoio, de re-existência. Chamar as nossas, mesmo. Quem ressoa no meu corpo, quem afeta no meu corpo.

>>>

alguns elementos das falas das pessoas da banca, registrados em áudio e por escrito, como também por meio de pareceres (que podem, nesse sentido, terem excertos utilizados aqui)

Propor trabalho sobre travesti preta é algo revolucionário, necessário, imprescindível. Minha fala se mostrou mais potente do que o texto.

A obra da Linn permite uma série de questionamentos no espaço educativo. E mesmo nos espaços não formais de educação. <No parecer escrito, que tive acesso após a defesa, Megg fala, dentre outros elementos: da relevância do tema; apresenta uma breve análise sobre a potência da Linn e de suas obras; cita alguns trabalhos que, na avaliação dela, buscam “escritas subversivas, porém acadêmicas”, além de realizarem boas e importantes análises sobre as temáticas que eu aponto>.

É necessário sustentar teoricamente. Indicar quem é essa academia que critico. Discutir educação.

Para quem é escrito um texto acadêmico? Essa produção precisa dar pistas.

Ser acadêmico não é um defeito, não é um problema, nunca foi. Principalmente pras travestis, que a academia sempre fechou as portas. Não pode usar o mesmo tipo de contexto pra todo mundo. Pra uma travesti se casar, isso é revolucionário. Faltam essas questões.

Foi muito intenso.

A fala apresentou muito mais questões potentes do que o texto.

Traquejo refinado com a escrita poética.

Linguagem de resistência, fluida, mas que transborda, que escapa o rigor acadêmico.

Quando opto por acessar esses locais, sei que precisarei cumprir com esses ritos. Academia não foge disso. Se eu não concordo com esses ritos, preciso buscar outros espaços.

Proposta é no mínimo potente. É instigante.

Talvez seria a proposta de uma cartografia de resistência?

Crítica a certas posições na academia. Criticar certas posições de produção teórico-metodológicas que não estão pela vida.

Você suporta o que? Até onde você vai suportar essas nossas provocativas?

O que cabe no seu corpo? Até onde seu corpo suporta? O que você está disposto a fazer?

Psicanálise nos ensina que se algo se repete tanto, isso faz algum sentido.

Suas cartas me deram vontade de responder em cartas. Desde os afetos que me causaram.

Os afetos de incômodo, de tristeza, de acolhimento.

Forma é conteúdo. A forma me diz muito. A forma da sua tese me alegra. A maneira como você optou.

Bodyarte – texto. Poesia é cicatriz na pele das meninas. Poesia também é dor.

Precisa ter mais atrevimento para defender que o texto é poético.

Silencia certas coisas. Apagamento do corpo dissidente da Linn e do que ela foi capaz, num determinado momento histórico, de catalisar.

Anarcofunk, coletivo coiole, coiotagem. Coletivo coiole não tem rosto, não tem líder, é coiotagem. Elas fazem, sempre fizeram cartografia e intervenção cartográfica nas nossas existências. Se é possível, nesse momento histórico, Linn estar neste lugar é porque houve coiotagem, porque houve anarcofunk.

Identificar linhas de potência que foram sistêmicas que vão se dobrando, redobrando, desdobrando, vidobrando nessas existências.

Não é só a Linn que faz falta [no texto]. São as teóricas trans feministas. Que revolucionam a academia.

Corpo vibrátil: até onde seu corpo vibrou? Ele vibrou? O que é vibrar?

Podia ter falado de tantos jeitos...

Caiu numa armadilha. Armadilha da própria filosofia, como a Spivak coloca, você transparentizou a diferença. Não tem marca étnico-racial, não tem marca da transgeneridade, não tem marca de afetação, não tem marca de cu. Como a gente permite que o subalterno fale, se o deixamos transparente?

Consciência mestiça da Anzaldúa. Em cartas também ela estava dizendo: irmãs, vou dar as mãos a vocês, não vou repetir esse padrão, não vou mais entrar num evento sem levar vocês comigo.

Você está escrevendo cartas pra você mesmo e está levando quem contigo? Que tipo de cartografia é essa, que é uma cartografia solitária, que transparentiza, que esquece muitas marcas. Como você pode trabalhar, não no sentido de só conceituar pra explicar o conceito que você usa, mas pra argumentar, questionando os próprios conceitos?

Roubar o conceito e usar de outro modo, fazer sua criação com isso.

Parece uma coisa sem fundamento. E é. É superfície, sem profundidade, não tem fundamento, não está fundada, é movimento, é rizoma: tentativas de conexão, tentativas de conexão, tentativas de conexão... por enquanto são tentativas, parece que está no vácuo, ninguém ouve seus chamados, tentativas de conexão, rodopia sobre si, linhas vão se configurando nesse movimento de busca.

De uma certa forma, toda a cartografia, como metodologia de produção de conhecimento, é uma cartografia de si, já que nessa forma de conceber a pesquisa não se acredita em objetividade, em universais, em leis gerais.

Tentativas de conexão: Ana Godoy: a invenção de outras políticas de narratividade.

Esses são os povoamentos necessários para a sobrevivência da vida, a gente vai se conectando para criar esses territórios de outras políticas de narratividade, outras formas de ocupar a academia e de dentro, fazer resistência. Fazer (re) existência, isto é, insistir em existir, reincidir, re, re, re existência. E o que é existência senão criação? Senão constante movimento de diferenciar-se de si mesmo?

A cada nova captura, porque, sim, somos capturados muitas vezes, nem sempre é possível desviar, então a cada captura, uma reincidência, uma insistência na vida, no movimento de criação de si, sempre diferente de si mesmo, em movimento, por isso repetição, diferença e repetição.

Não é reprodução, reprodução é a morte, é a captura, é o universo fechado do Mesmo, do idêntico, da reprodutibilidade técnica da obra de arte (Walter Benjamin), mas também da reprodutibilidade técnica do humano, da vida, pela indústria, o marketing, os memes...reprodutibilidade técnica da produção de conhecimento, na academia: captura. Desviar, então, Leandro, criar linhas de fuga, como se disse, encontrar saídas.

Aquilo que Leandro Godoy e Ana Leal chamam de “invenção de outras políticas de narratividade”. Trata-se de uma posição política.

Sobre os d'eus. Sim, são vários eus porque nenhum deles é eu. N-1, isto é tudo e qualquer coisa, menos o uno. Menos a identidade, a essência fixa e imutável, menos o sujeito. Subjetividade como rizoma: sistema a-centrado que muda de natureza a cada nova conexão. Muda de natureza, não tem essência, é movimento, é devir.

Não se trata de “operar corretamente” os conceitos. Não existe UM modo correto. Você deve desterritorializar eles e reterritorializar em seu problema. Você os usa como quiser, não tem “uso errôneo e inapropriado”. Tem uso sem intenção, uso leviano e débil, isso existe e é isso que temos de evitar.

E PARA ONDE ESTOU INDO?



Não sei. E continuo sem saber.

Dados os encontros e ressonâncias, a pesquisa, que insiste em desdobrar-se em multiplicidades, sendo outra e outra, tinha a intenção de atender a pelo menos dois “objetivos”: compreender e problematizar o conceito de “ativismo”, pois ele estava ressoando quando ouvia e olhava e sentia e deglutia esse plano real de observação tomado pelas artistas que me tocavam; e analisar as letras das músicas da Linn, em especial do álbum autoral *Pajubá*, num exercício de compreender como se dão os modos e processos de subjetivação engendrados por e a partir delas. Ambos foram sendo abandonados ao longo da caminhada, visto não ecoarem mais à cartografia que se estava sendo agenciada.

“O ato criativo se faz sempre a partir de um encontro, de algo que involuntariamente nos desloca e nos afeta, desestabilizando nossas próprias certezas, abrindo em nós um espaço para o impensável do próprio pensar” (IAFELICE, 2015, p. 20). É nesse sentido que, caminhando nos rastros de Deleuze e suas intercessoras, apresentados a mim através do livro de Henrique Iafelice, nos encontros com a subjetividade-rizoma-Linn e com a rede de sentidos disparados e mobilizados por ela, me vi num lugar de dúvida, de suspeição constante dos métodos e teorias e formas de abordagem já cristalizados, do percurso mesmo que eu havia desenhado anteriormente (de início, pensava em utilizar os operadores conceituais e metodológicos da arqueogenealogia foucaultiana – porque essa parecia, dado aquele plano de pesquisa, a ferramenta mais adequada).

Esse caminho investigativo, que foi sendo desenhado à medida em que eu caminhava junto à Linn, num gostoso (e por vezes assustador!) vai-e-vem, zigzagueando entre teorias e músicas e poesias e afetos e experiências, me trouxeram para a proposta de experimentar uma *pesquisa-cartografia*.

<eco da Qualificação a advertência: *cuidado, cartografia não é estar perdido* – a esse respeito, ensaiei algumas considerações num dos fragmentos>

E a escolha de operar com/na cartografia se dá no contexto em que esse procedimento ou plano de composição ou operador teórico-conceitual-metodológico-processual ou tática de pesquisa(-implicação) se impõe diante do processo que venho me permitindo realizar, que venho criando, inventando. É a cartografia, e não eu, quem escolhe viver na pesquisa – e eu, enquanto um devir-cartógrafo, só pude escolher dar

passagem a essas forças, a essas ideias, me entregando aos devires (o próprio movimento de não estar sendo, sendo). Mas essa escolha me impôs desafios, e o primeiro deles é conhecer e me alimentar das autoras que trabalham nessa perspectiva.

Caminhando nas trilhas e pistas e problematizações apresentadas por Henrique Iafelice, no seu “Deleuze Devorador de Spinoza: teoria dos afectos e educação”, vou entendendo que o aprendizado “se produz por meio da decifração de signos, de encontros e de afectos que nos forcem a pensar” (IAFELICE, 2015, p. 17). Componho com sentidos de cartografias sentimentais de Sueli Rolnik, em que “o ‘sentimental’ aqui tem mais a ver com afetos: cartografia do afetar e do ser afetado dos corpos vibráteis de uma geração. Devir desses corpos.” (ROLNIK, 2016, p. 231).

Está ganhando corpoS, sentidoS, tornando-se línguaS esse encontro com Linn e suas músicas, numa cartografia aberta, com diversas linhas que se cruzam, se chocam, separam e se fundem, ganham outras linhas e escapam e retornam, me oferecendo um caminho que, baseado nos encontros, operando na e a partir de uma atenção sensível (KASTRUP, 2007), me leva a um pensamento nômade, de escrita em movimento, que escolhe deglutir sobre meu plano de pesquisa, ressoando alguns termos, ideias, conceitos e afetos. O que me afeta são as intensidades que buscam expressão, no sentido sugerido por Rolnik (2016, p. 66), intensidades que me permito sentir, pensar, me alimentar delas. E é no encontro com essas intensidades que me rendo aos processos ancorados em experiências de subjetivação agenciados por eus (os Leandros) em ressonância com Linn.

ideias e conceitos que se rebatem em mim...
rizoma & afectos & perceptos & encontros & corpo
vibrátil & antropofagia & micropolítica & políticas
de subjetivação & políticas de narratividade &
estratégias do desejo & simulação &
atravessamentos & intensidades & composição &
pensamentos e ideias & contingências &
ressonâncias & implicações & fabulação &
contágio & profanação & deambulação &
reeducação das sensibilidades & ecos &
afrofuturismo & singularidade & feminilidade &
religiosidade & políticas anais & negritudes &
africanidades & mulheridades & decolonização &
& & & & &...

sobre alguns **inegociáveis**

2 páginas.

76 e 77, na versão do texto para defesa.

reprodução de uma história em quadrinhos.

excluída, agora, da versão para impressão.

advertência da Megg, professora participante da banca: sentido fortemente

machista.

inegociável!

para ela, para mim e imagino que para muitas.

Mas o que faziam ali aqueles quadrinhos? Qual sentido eles me provocaram, me fazendo decidir pela sua inclusão no texto?

Abaixo das indicações de título e produção, incluí a seguinte frase, no canto da página: *“e quando coexistem em mim o eu que corta e o eu que é cortado?”*.

Havia a intenção de compor com a arte.

O sentido que busquei expressar, o qual reverberou em mim quando encontrei com tal produção, era algo bastante pulsante em meu corpo.

Das impossibilidades de conversar. De algumas estratégias que inviabilizam diálogos. Do impedimento mesmo de troca, de encontro, de reciprocidade...

Do silêncio forçado.

Silenciamento.

Imagens fortes, tanto quanto os desenhos dos quadrinhos. Tanto quanto alguns eventos vivenciados ou presenciados por mim em diferentes espaços. E, é preciso admitir, alguns até provocados por mim – ou dados a ver com esse sentido, como neste caso, um uso que evidencia e reforça um sentido machista.

Ao ser questionado, de pronto afirmei: eu não havia lido tais quadrinhos por essa ótica. Pedi desculpas, imediatamente, e balbuciei algumas ideias que vieram. A primeira, de que talvez minha leitura tenha sido desta forma por performar, de algum modo, um ethos macho. Talvez, e isso me atravessa fortemente, por não habitar o território das mulheridades. Ao contrário, encarnar, às vezes mais e às vezes menos, uma performatividade masculina (mesmo que, isso sempre, bicha). Se fez necessário, uma vez mais, reconhecer privilégios – mesmo que, por vezes, oscilantes.

Também pensei, naquele momento, em algumas alternativas para solucionar essa questão que, já de imediato, se tornara inegociável. Talvez fazer uma intervenção nos desenhos, tirando marcas de gênero dos bonecos? Talvez escrever faixas de protesto, usar imagens que deem sentido de interdição, colocando-as em cima das figuras? Talvez tirar os quadrinhos, como se eles nunca tivessem estado ali, como se tal postura não tivesse sido questionada? Talvez manter apenas a frase escrita por mim – e nada mais?

Escolhi fazer isto: uma espécie de *‘mea-culpa’*.

Inegociável!

E tem de ser!

E COM QUEM EU CAMINHO?

TRAVA COM LÍNGUA

Saco de fardo aquendado
mostra os corte e não mostra os calo não falho,
mas é velho o dilema do caso
caso já casado com placa censura que fala
com a foto do sangue, mas esconde quem tá com a navalha?!
Navalha que corta
que risca
mas meu cu
pisca pisca
e senta e faísca
rebola na pista que trava
que trava
que Trava
que Trava a língua
que trava mais linda
que Trava com rima
com língua
com gíngua
trava as esquina
trava as milícia
trava as Polícia
que trava as pista
já bem específica
com a cor melanina

quem preta
quem pobre
perifa quem é Byxa
mas toma cuidado
tomamos a pista
no dia a dia
no corre
nas rima
chegamos mais perto
e é nosso
eu posso
e o vosso
é o senta e chora agora
e eu posso
no trato
no alto
e não desço
do salto.
Jogo umas verdade
na cara dos macho
e só paro
quando eu quiser
...

[por Luna Souto Ferreira]

[*Mem(orais): poéticas de uma byxa-travesty preta de cortes*, p. 63]

A pergunta que se impõe: mas quem é Linn?

Está é uma das perguntas mais difíceis de responder, até agora.

De início, reivindiquei uma estratégia a partir do verbo descrever. Parte da pesquisa seria essa tentativa de descrever Linn – o que, naquele momento, requeria assumir um ponto de vista que exigia reunir e selecionar determinados fatos da vida da artista, o que só seria possível após conhecer ‘a fundo’ o quanto mais pudesse de elementos daquela trajetória. Porém, mesmo que fosse partindo dos efeitos provocados no meu corpo a partir do encontro com ela, não se tratava de descrição – portanto, empregar o verbo descrever para realizar esse processo não fazia mais sentido a partir da escolha de operar cartograficamente.

*Acompanhar. Narrar. Construir. Inventar. Expressar <relembrar e reativar o conceito deleuziano de *agenciamentos coletivos de enunciação*>.*

Mas de que forma posso fazer isso? Como tentar capturar elementos de uma subjetividade rizoma, pessoa que escapa, que foge, que escorre em meio aos dedos, que assume para si a ideia de multiplicidade, de invenção e criação de múltiplas Linns? Como fazer isso a partir da ideia de vários eus, de Leandros que operam e aprendem na diferença e continuam num processo de diferenciar-se de si mesmo a todo tempo?

LINN DA QUEBRADA

LINNDA / QUE / BRADA

LINNDA / QUEBRADA

LINA PEREIRA

LARA

LINO PEREIRA DOS SANTOS JÚNIOR

<importante ressaltar que aqui só figura o Lino porque a própria Linn o cita como processo relevante de constituição de quem ela se encontra hoje>

“Já fui Lino, já fui Lara, já fui Linn, sou Linn também, sou Linn da Quebrada, sou Lina. Eu me dou a possibilidade de ser muitas e de olhar para o espelho e não ter necessariamente a certeza. De deixar que essa superfície, essa casca, se forme sozinha. Em algum momento, quando ela endurecer, ficar velha e partir, que surja uma outra.” (Linn)



[Em um dos capítulos, Linn conta, em primeira pessoa, como que em um bate-papo entre amigas, alguns elementos do seu percurso de vida.]

[“Vozes transcendentais: os novos gêneros na música brasileira”, lançado em 2018 por Larissa Ibúmi Moreira. Livro produzido a partir de entrevistas, as quais figuram escritas em primeira pessoa, tendo nomes como Liniker, São Yantó, Luedji Luna, Paula Cavalciuk, Tássia Reis... Capa de Rebecca Barboza]

COR, PÓ

Meu corpo.
Meu copo de soco.
Um soco que no saco dói.
Não pelo soco.
Nem pelo saco.
Mas pelo caco de certeza.
A certeza que meu corpo,
se declarado por uma palavra,
poderá ir para o saco.
Fala! Fala sem fala,
com fala, com falo!
Deixe que essa palavra nasça.
E assim, mesmo sem certeza,
sua identidade teça: Byxa, Travesty, Mulher, Preta (?!).

[por Luna Souto Ferreira]

[*Mem(orais): poéticas de uma byxa-travesty preta de cortes*, p. 47]

Falar de Linn é também falar de Jup do Bairro, amiga inseparável, companheira de palco e de tantas aventuras da vida. É falar de Lilian Anjos, sua mãe, com quem tem uma relação de muito amor e compreensão. É falar de Liniker, de Thiago Felix, de Herderu...

Sobre rede de afetividade e cuidado.

É falar de tanta gente, *com tanta gente...*

Não consigo, e assumo aqui textualmente, ensaiar qualquer descrição que seja.

Linn não cabe nessas e noutras folhas.

Linn não se deixa capturar.

Linn tem MUITA voz...

E fala por si, com o corpo todo!

Mas...

Se aceita uma dica, tio Lêh fica feliz em apontar algumas pistas:

Quaisquer que sejam as trilhas, penso ser imprescindível sentir e ouvir e ver e degustar e ruminar e dançar com ***Bixa Travesty***, o filme.

Pode ser um bom provocador inicial...

No percurso com a multiplicidade-Linn, pelos caminhos tortos e atravessados e fragmentados que fui singularmente construindo, encontrei com algumas referências que aparecem enxameando essas grafias.

Aproveite-as. Acompanhe-as.

Devore-as.

Se joga, pintosa!

Linn nos convida a dançar...

E... E... E...

E viver...

Re-existir!

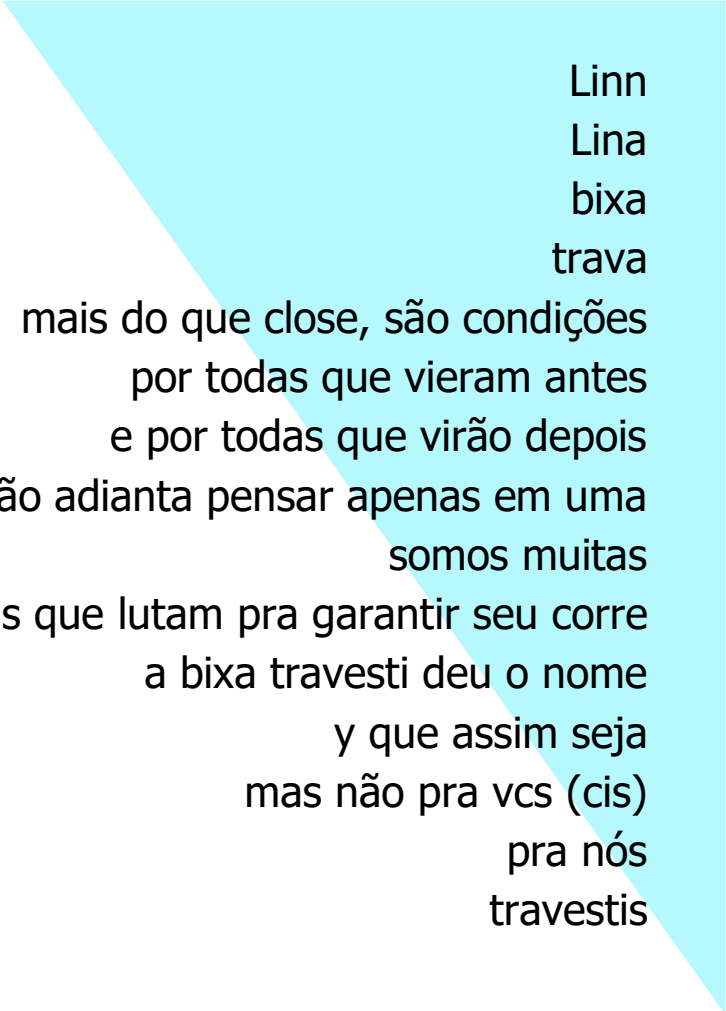
Ser ou não ser:

essa não deveria ser a questão.

Ser trans pra mim é libertar-se. É não ser ator nem atriz: é ser atroz. É ir atrás. Estar à frente. É enfrentar. É atuar sobre si mesma. É assumir riscos. É ter a dádiva de duvidar da vida. Ser Trans é ter peito. E também é não ter. Ser Trans é genial, não genital. Não é do caralho, nem de xoxota. É de corpo inteiro. É reinventar-se e criar sobre a própria existência. Ser Trans é confuso, é borrar os limites, é rascunho. Ser Trans é poesia. É assumir-se corpo. Ir além. Ser criação e criadora. A médica e a monstra. Ser Trans é divino. É obra de d'eus. De todos os eus que me constituem. Não é obra das trevas. É obra das travas. Ser trans é um ato de coragem. É um campo de batalha. Ser trans é entregar-se. É não abrir mão de si. O que pode ser, algumas vezes, solitário. Mas tenho me encontrado em outras solidões. E tenho percebido que não estou sozinha. Não estamos. Eu soul Trans. E celebro minha existência. Celebro as nossas vidas, nossas conquistas. Se eu não fosse Trans, gostaria de ser.

Linn

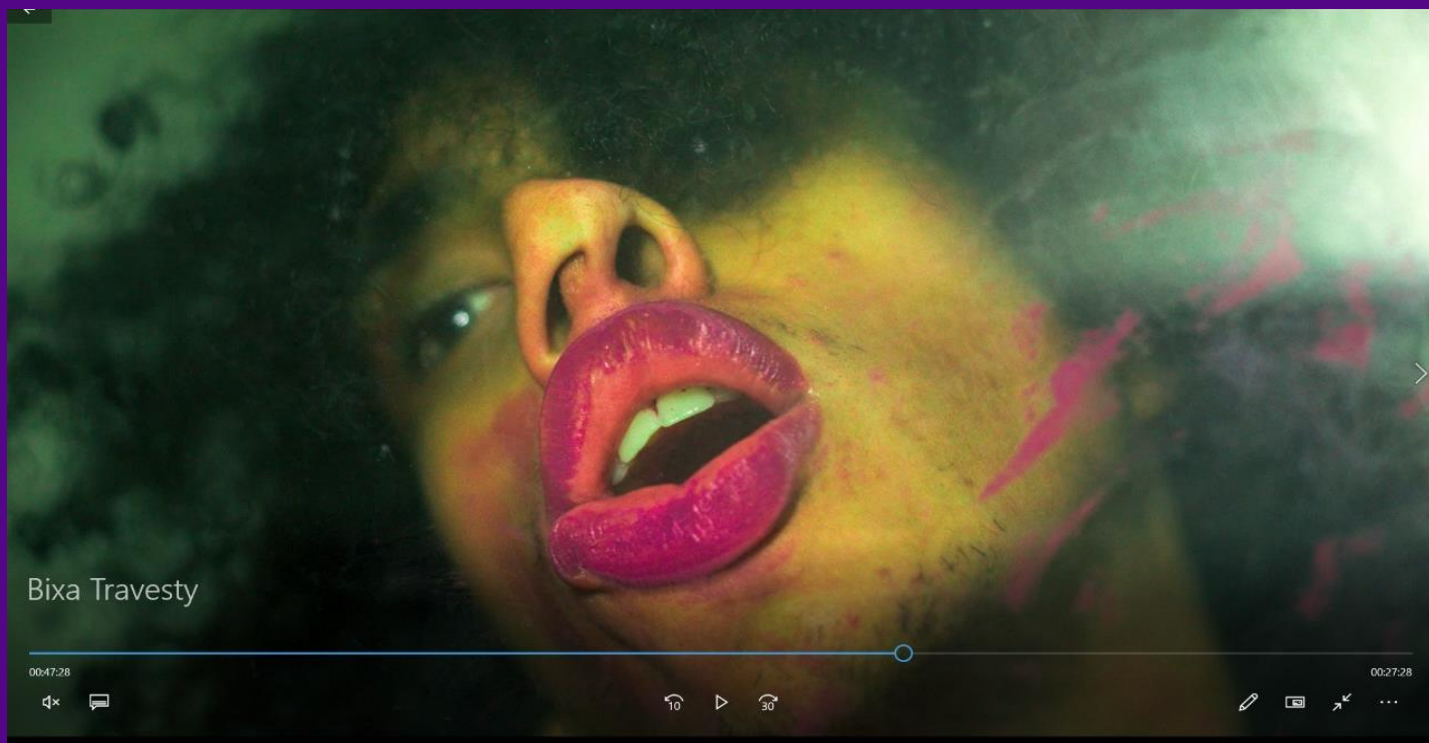




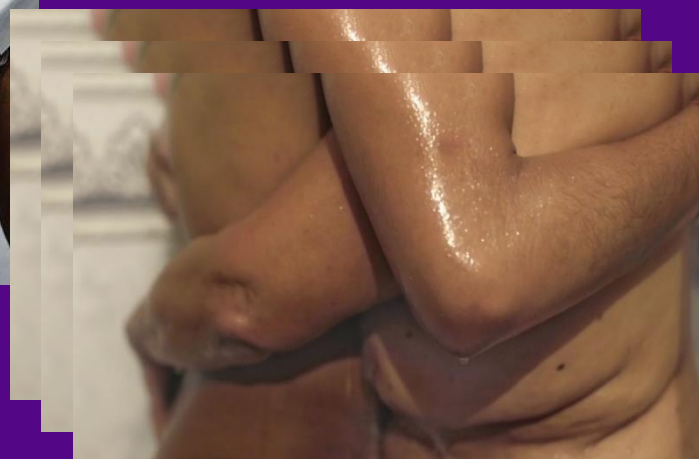
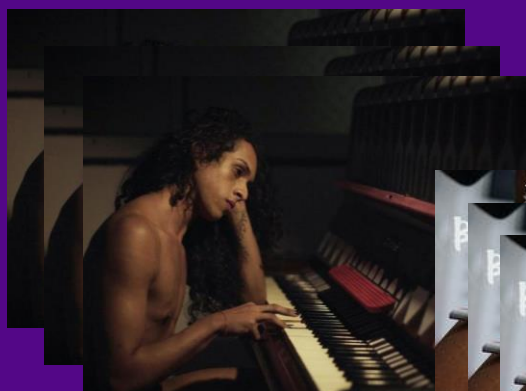
Linn
Lina
bixa
trava
mais do que close, são condições
por todas que vieram antes
e por todas que virão depois
não adianta pensar apenas em uma
somos muitas
assim como todas que lutam pra garantir seu corre
a bixa travesti deu o nome
y que assim seja
mas não pra vcs (cis)
pra nós
travestis

[por Maia Jaci Sakai Caos]

[produção feita, a meu pedido, especialmente para esse texto-tese]



O corpo político de Linn da Quebrada, cantora transexual negra, é a força motriz desse documentário que captura a sua esfera pública e privada, ambas marcadas não só por sua presença de palco inusitada, mas também por sua incessante luta pela desconstrução de estereótipos de gênero, classe e raça.



Direção: Claudia Priscilla e Kiko Goifman
Roteiro: Claudia Priscilla, Kiko Goifman e Linn da Quebrada
Produção: Evelyn Mab e Kiko Goifman
Fotografia: Karla Meneghetti
Trilha Sonora: Linn da Quebrada
Estúdio: Paleotv, Válvula Produções
Montadora: Olivia Brenga
Distribuidora: Arteplex Filmes

Linn parece apostar num operar enquanto/na/pela diferença, onde os posicionamentos dualistas são colocados em cheque em prol dos “indecidíveis”, isto é, unidades de simulacro, ‘falsas’ propriedades verbais, nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na” (DERRIDA, 2001, p. 49-50). Indecidíveis enquanto terrorismo, enquanto resistência, enquanto composição de um sistema rizomático. A invenção de si guardando “consigo o ato de resistir, de inventar uma nova resistência e de criar linhas de fuga que abram brechas nas territorialidades fechadas e dominadas” (SEGURADO, 2007, p. 56). Inventar novas formas de habitar o gênero é, assim, um próprio (re)inventar-se, de resistir e de pensar em outras formas de se movimentar simbólica e socialmente.

No campo da Educação, pensar junto ao conceito de invenção e máquina de guerra é potente por sinalizar que não se pretende criar formas, métodos, soluções ou receitas, mas justamente focar nos devires que estão nos meios dos processos educativos. Pretender-se máquina de guerra é coexistir com a máquina de controle do educar (para o gênero, também). É, de dentro da área da Educação “opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades” (GALLO, 2009, p. 176). É construir problemas de pesquisa e discussões que vão minando, desterritorializando, retirando os órgãos, rizomatizando.

[DOS REIS; LEAL, 2018, p. 5-6]

[excertos de um trabalho apresentado em congresso]



[por Sérgio Castro]

Sobre o *Pajubá*

Entregue aos devires agenciados nesse encontro em Linn e eu, foi cada vez fazendo menos sentido *dizer sobre* o disco *Pajubá*, em específico. Os afetos disparados por ele, que lá no início do processo eram o foco mesmo da pesquisa, passam a dividir espaço com as ressonâncias do encontro entre a Linn, enquanto subjetividade rizoma, e os meus eus – o que busquei expressar, de algum modo, nos ensaios-cartas. No entanto, por se tratar esse texto também de uma cartografia, por pretender expressar pontos-de-parada percorridos na caminhada de pesquisar-e-aprender com Linn, escolho manter uma pequena descrição (aqui, sim) sobre o disco, o apresentando por completo logo após – e o faço, sobretudo, porque as imagens contidas no encarte são disparadoras de muitos afetos... Antes, porém, lemos a própria Linn dizendo sobre si e sobre o processo de criação do disco, convocando as pessoas a “colarem junto” e participarem do *Pajubá* (com contribuições solidárias por meio de um financiamento coletivo).



[Capa e contracapa do *Pajubá*]

A bixa pode fazer um pedido?

Pajubá é linguagem de resistência, construída a partir da inserção de palavras e expressões de origem africanas ocidentais. É usada principalmente por travestis e grande parte da comunidade TLGB. Eu chamo esse álbum de pajubá porque pra mim ele é construção de linguagem. É invenção. É ato de nomear. De dar nome aos boys. É mais uma vez resistência.

Pra mim é muito importante conseguir materializar esse álbum por reunir nele uma série de ideias. Cada música pra mim é uma ação. E elas têm papel fundamental na minha própria vida. Eu sempre me perguntei se a vida imita a arte, ou a arte que limita a vida. E eu acho que existe uma retroalimentação de ambas as partes. E me incomodava muito não me sentir, mais do que representada, mas apresentada, nem nas novelas, filmes e também nas músicas que eu ouvia. Não era sobre mim que elas falavam. Eu não cabia ali. E então eu descomprometidamente começo a compor, a fazer músicas que contavam parte da minha história. E mais do que isso, começo a inventar, através delas, minha própria história também. Já que a arte não necessariamente apenas reproduz, mas também produz nossos afetos, relações, eu encontro na música uma ferramenta de produção e invenção e intervenção sobre as minhas relações.

Não canto histórias pra boy dormir. Mas grito para tirá-los do lugar. O corpo sempre foi algo que me instigou. E eu sentia que esse era o lugar mais apropriado para se falar. A partir do meu corpo. Dos meus afetos, das minhas relações, dos meus desejos. E foi no corpo e pelo corpo que pude encontrar no que era apontado como fragilidade as minhas maiores potências. Como por exemplo, o feminino. E passo a falar a partir desse lugar. Bixa travesti, preta, da quebrada, filha de empregada doméstica. Aqui encontro minha potência. Encontro na minha pele preta o meu manto de coragem. Encontro no espelho a força de resistir. Encontro na música, voz. Encontro no funk poesia. Movimento. Me encontro comigo mesma. E encontro com outras solidões. E passo a perceber que não estava sozinha, que haviam muitas que também compartilhavam das mesmas sensações. E encontro e produzo força a partir do nosso encontro.

Eu enxergo na música essa capacidade de religar, de conectar. O funk já habita um lugar que me interessava que é o de justamente falar e produzir sobre sexualidade. E eu queria produzir um espaço que fosse de intervenção sexual. Onde não mais continuássemos voltadas somente ao macho. Mas que pudéssemos construir entre nós uma rede de apoio e fortalecimento - entre o feminino - independente de em que corpo estivesse localizado. Uma rede de apoio emocional, psicológica, sexual e até econômica.

E eu acredito muito nisso. Acredito muito nas minhas músicas, por isso tenho tanta vontade de ver esse álbum ser realizado. Para que outras pessoas possam ouvir e que ele seja motor de outras ações. Eu não sou cantora, eu estou cantora. Faço música pra ser ouvida. Faço isso por mim mesma. Como se cantasse pra salvar minha própria vida. E é por acreditar nessa rede de apoio que acredito que podemos construir esse álbum juntas. Cada uma do seu território, como pode. A partir do momento que isso está no mundo já é nosso. Eu não sou uma diva. E não quero construir isso sozinha. Produzir música é caro, mas juntas podemos somar nossas forças e dividir as responsabilidades e fazer disso nosso ponto de encontro.

[Linn]

[o financiamento arrecadou R\$ 49.980,00, 111% da meta estipulada]
[<https://www.kickante.com.br/campanhas/linn-da-quebrada-bixa-pode-fazer-um-pedido-0>]

Pajubá, definido por Linn como um disco de “afro-funk-vogue”, foi lançado no dia 06 de outubro de 2017. Com uma pegada que acrescenta ao funk alguns “elementos sonoros vindos de diferentes partes do mundo, dialogando diretamente com as principais tendências da música eletrônica mundial recente, entre elas o global gueto e o vogue” (LINN DA QUEBRADA, 2017a), o disco tem dezesseis faixas: (+muito) Talento; Submissa do 7º dia; Bomba pra caralho; Bixa Travesty; Transudo; Necomancia (com participação de Gloria Groove); Coytada; Pare Querida; Dedo Nucué (com participação de Mulher Pepita); Enviadescer; PiriGoza; Tomara; Serei A (com participação de Liniker); A Lenda; além de Bixa Preta e Mulher, que aparecem como bônus track na versão física do CD.

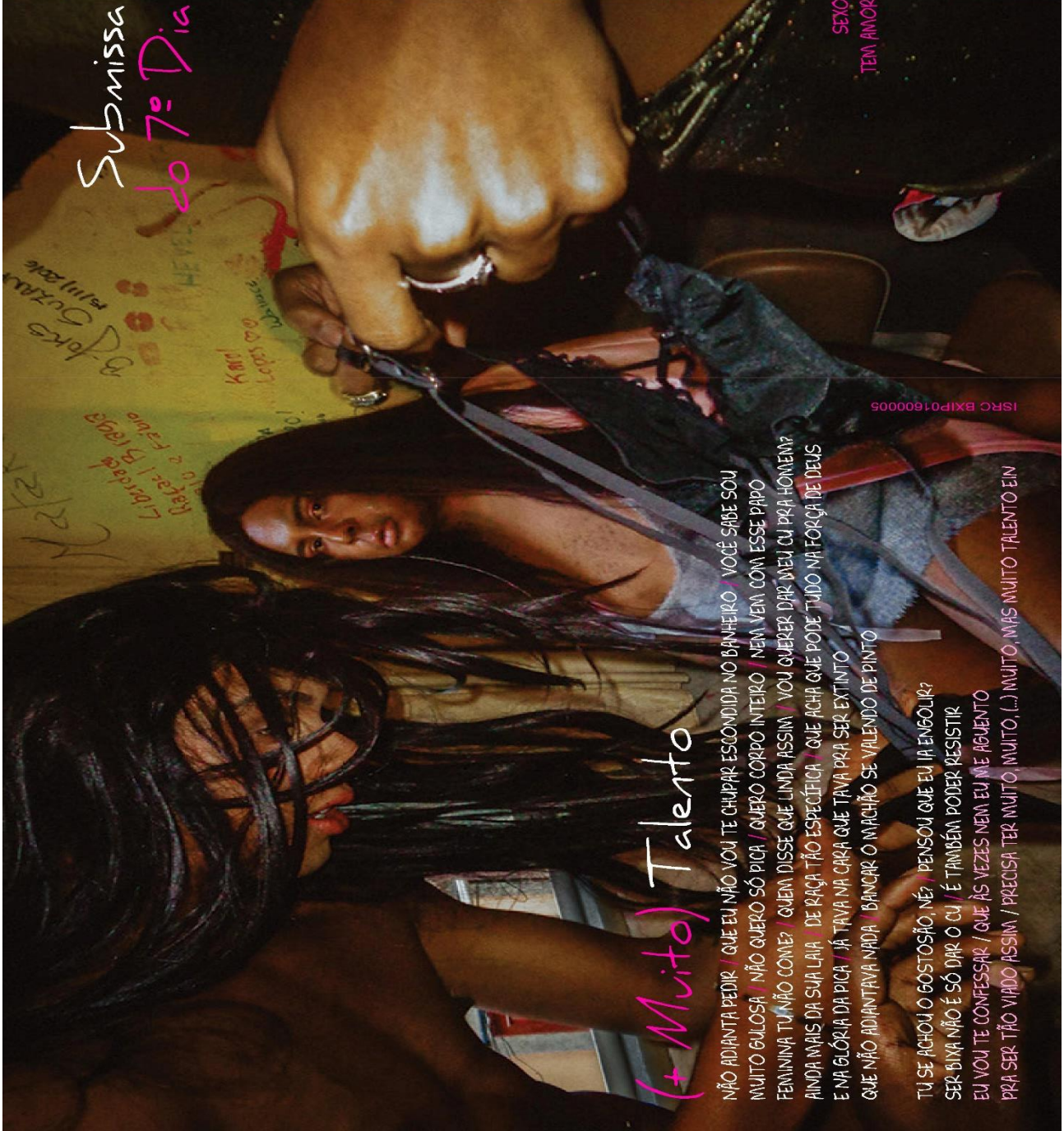
“De forma suja, nojenta, baixa, vulgar, sombria e verdadeira” (AUGUSTO, 2017), *Pajubá* é um espaço de resistência, de criação de novas linguagens e de novos espaços de re-existência para as translebianas, as bichas travestys, as transviadas... “Eu falo de mim, mas em essência falo também de várias questões ligadas ao feminino e ao que sinto dentro da comunidade TLGB. Solidão, erro, afeto, corpos preteridos, eu queria um novo vocabulário para tudo isso”, nos ensina Linn da Quebrada (2017b).



[O álbum pode ser encontrado em disco físico ou em diversas plataformas digitais, além de poder ser ouvido/assistido no canal da artista no *Youtube*, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCje0RwqumaW8Be1c1YKL7DA>].

Print do Instagram da Linn
Pajubá – CD físico

Submissa do 7º Dia



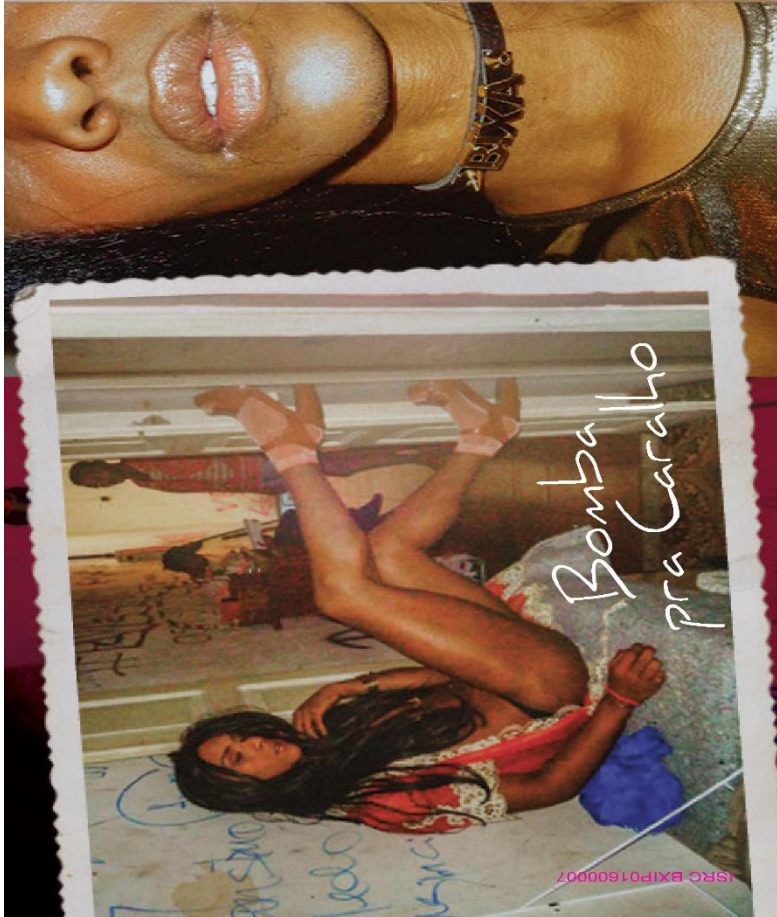
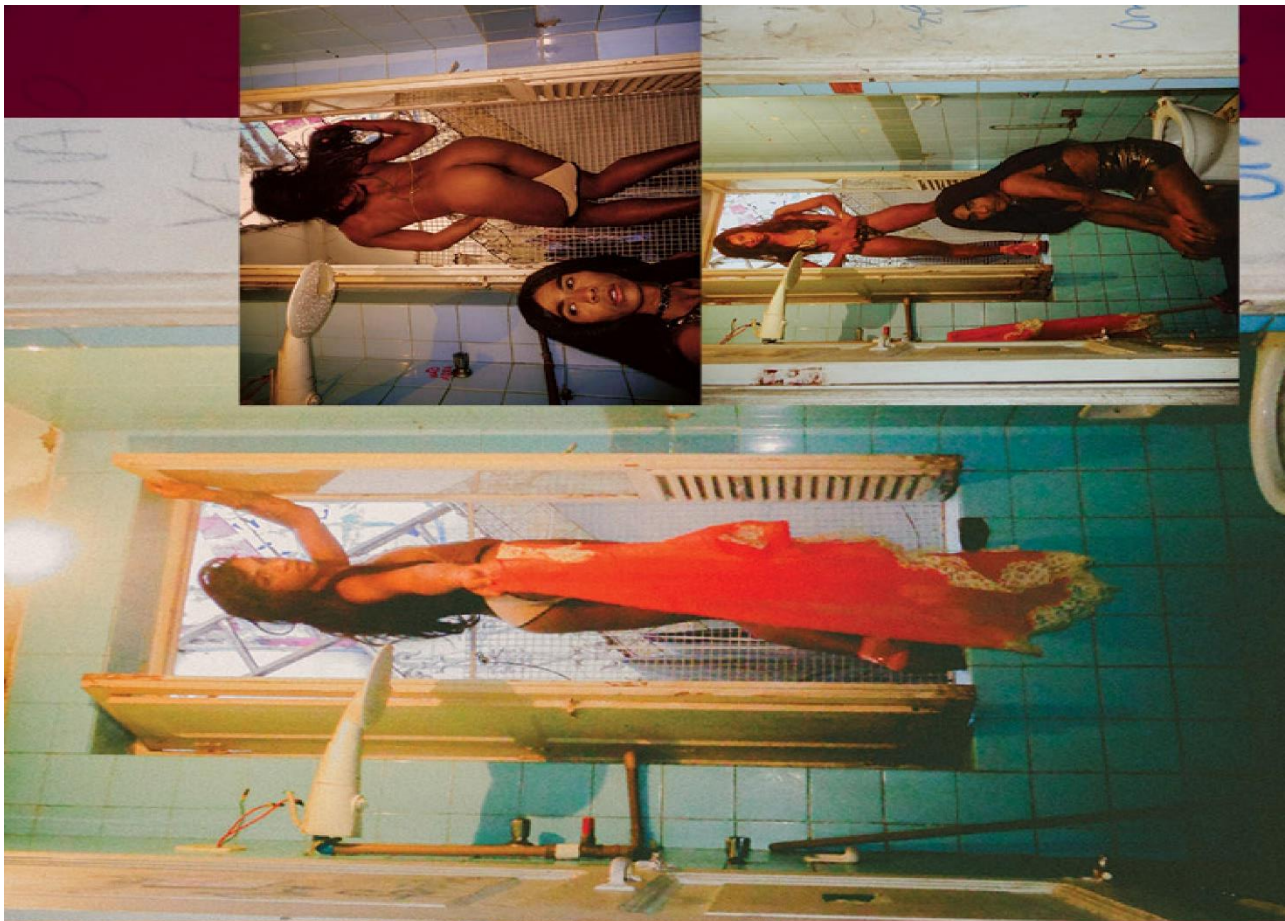
(+ MUITO) Talento

NÃO ADIANTA PEDIR / QUE EU NÃO VOU TE CHUPAR ESCONDIDA NO BANHEIRO / VOCÊ SABE SOU MUITO GULOSA / NÃO QUERO SÓ PICA / QUERO CORPO INTEIRO / NEM VENI COM ESSE PAPO FEMININA TU NÃO COMEZ / QUEM DISSE QUE LINDA ASSIM / VOU QUERER DAR MEU CU PRA HOMEM? ANDA MAIS DA SUA LHA / DE RAÇA TÃO ESPECÍFICA / QUE ACHA QUE PODE TUDO NA FORÇA DE DEUS E NA GLÓRIA DA PICA / JÁ TAVA NA CARA QUE TAVA PRA SER EXTINTO / QUE NÃO ADIANTAVA NADA / BANCAR O MACHÃO SE VALENDO DE PINTO TU SE ACHOU O GOSTOSÃO, NÉ? PENSOU QUE EU IA ENGOLIR? SER BIXA NÃO É SÓ DAR O CU / É TAMBÉM PODER RESISTIR EU VOU TE CONFESSAR / QUE ÀS VEZES NEM EU ME AGUENTO PRA SER TÃO VILDO ASSIM / PRECISA TER MUITO MUITO (...) MUITO, MAS MUITO TALENTO EIM

ISRC BXIP01600005

ESTOU PROCURANDO
ESTOU TENTANDO ENTENDER
O QUE É QUE TEM EM MIM
QUE TANTO INCOMODA VOCÊ
SE A SOBRANCELHA / O PEITO / A BARBA
O QUADRIL SUEITO
O JOELHO RALADO, APOIADO NO AZULEJO
QUE DEIXA NA BOCA O GOSTO
O BEIJO / SALIVA DESEJO
SEGUEM PASSOS CERTOS
ESCRITOS EM LINHAS TORTAS
DENTRO DE ARMÁRIO SUADOS
NO CIO DE SEU DESESPERO
UM OLHO NO PEIXE / OUTRO NO GATO
TRANÇADOS ARRANHAM PORTAS
IDORESI NOS MAXILARES
CÂNCERES, TUMORES / UJADOS QUE PROLIFERAM
EM LOCAIS FRESCOS E AREJADOS
DE MENDIGOS A DONTORES
CERCADOS POR SEUS PUDORES
CANINOS E MECANISMOS AFIADOS
FAZEM SUAS PRECES
DIANTE DE NICTÓRIOS: TÊ EM PELE DE VÍCIO
AVOELHAM / REZAM, GENUFLEXÓRIO
ACORDAM PRA CUSPIR PLÁSTICO
E FOGOS DE ARTIFÍCIO
SEXO É SEXO
TEM AMOR E TEM ORGIA
CADELA CAJADA NA NOITE
SUBMISSA DO SÉTIMO DIA
ESTOU PROCURANDO (SEXO, SEXO)
ESTOU PROCURANDO (SEXO)

ISRC BXIP01600006



BASEADO EM CARNE VIVA E FATOS REAIS / É O SANGUE DOS MEUS QUE ESCORRE PELAS MARGINAIS
 / E VOCÊS FAZEM TÃO POUCO MAIS FALAM DENÁIS / FAZEM FILHOS IGUAIS / ASSIM COMO SEUS
 PAIS / TÃO NORMAIS E BEMIS / EM PROCESSOS MENTAIS SEM SISTEMA DIGESTIVO / LUTAM PARA
 MANTER VIVO / O MORTO-VIVO / MORTO / VIVO / MORTO / MORTO / MORTO / VIVA / BOMBA
 PARA CARALHO / BALA DE BORRACHA / CENSURA FRATURA EXPOSTA / FATURA DA VIRTURA / QUE NÃO
 ATURA POBRE, PRETA, REVOLTADA / SEM VERGONHA / SEM JUSTIÇA / TEM MEDO DE NÓS / NÃO
 SUPORTAM A AMEAÇA DESSA RAÇA QUE PARA SUA DESGRAÇA / A GENTE ACENDE (D)PONTA / NATA
 A COBRA ARRANCA O PIRU / TEM FOGO NO RABO / PASSA, FAZ FUMIÇA, FAÇA CHUVA OU FAÇA SOL
 / É UÓ O ÓCIO DO COMÍCIO / EM OFÍCIO QUE POLICIA O COMÉRCIO DE LUGROS / E LOUCOS QUE
 AOS POUCOS ARRANÇAM O COURO DOS OUTROS / MAIS PRETOS QUE LOUROS / OS MOIROS
 / MORENOS MILITATS PARDOS DE PAPEL PASSADO / PRESENTE FUTURO-MAIS-QUE PERFEITO EM
 CIMA DO MURO / EMBaixo DE MURRO, NO MORRO, NA MARRA / QUEM MORRE SOU EU? / OU SOU
 EU QUEM MATAR? / QUEM MATAR, QUEM MUITA, QUEM MATAR SOU EU? / OU SOU EU QUEM MATAR?

Bomba pra Caralho

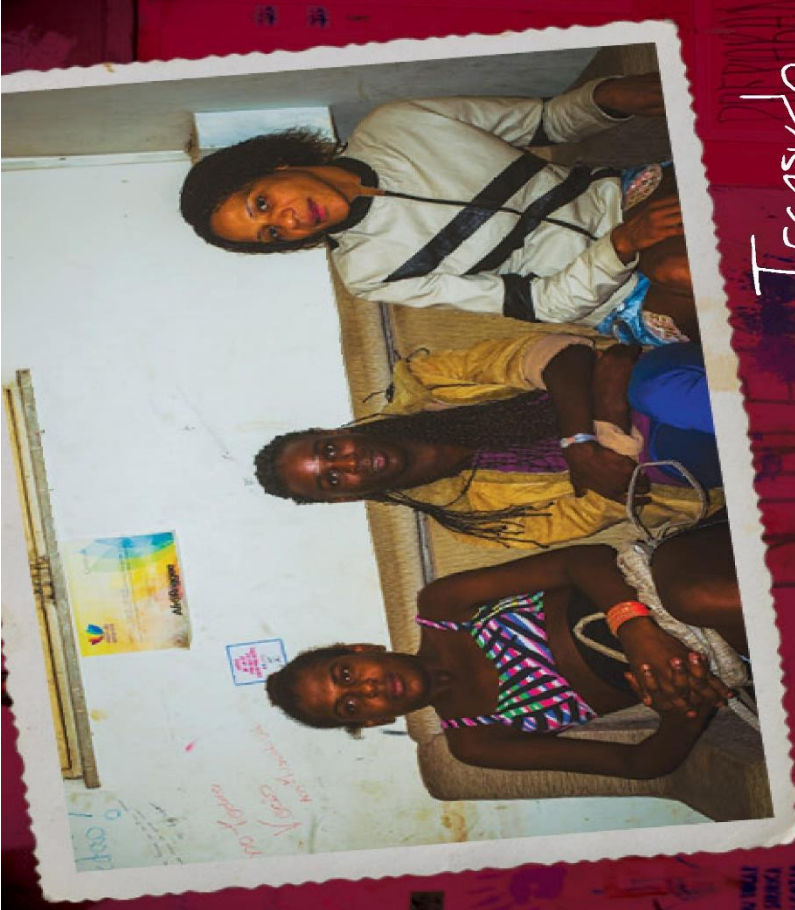
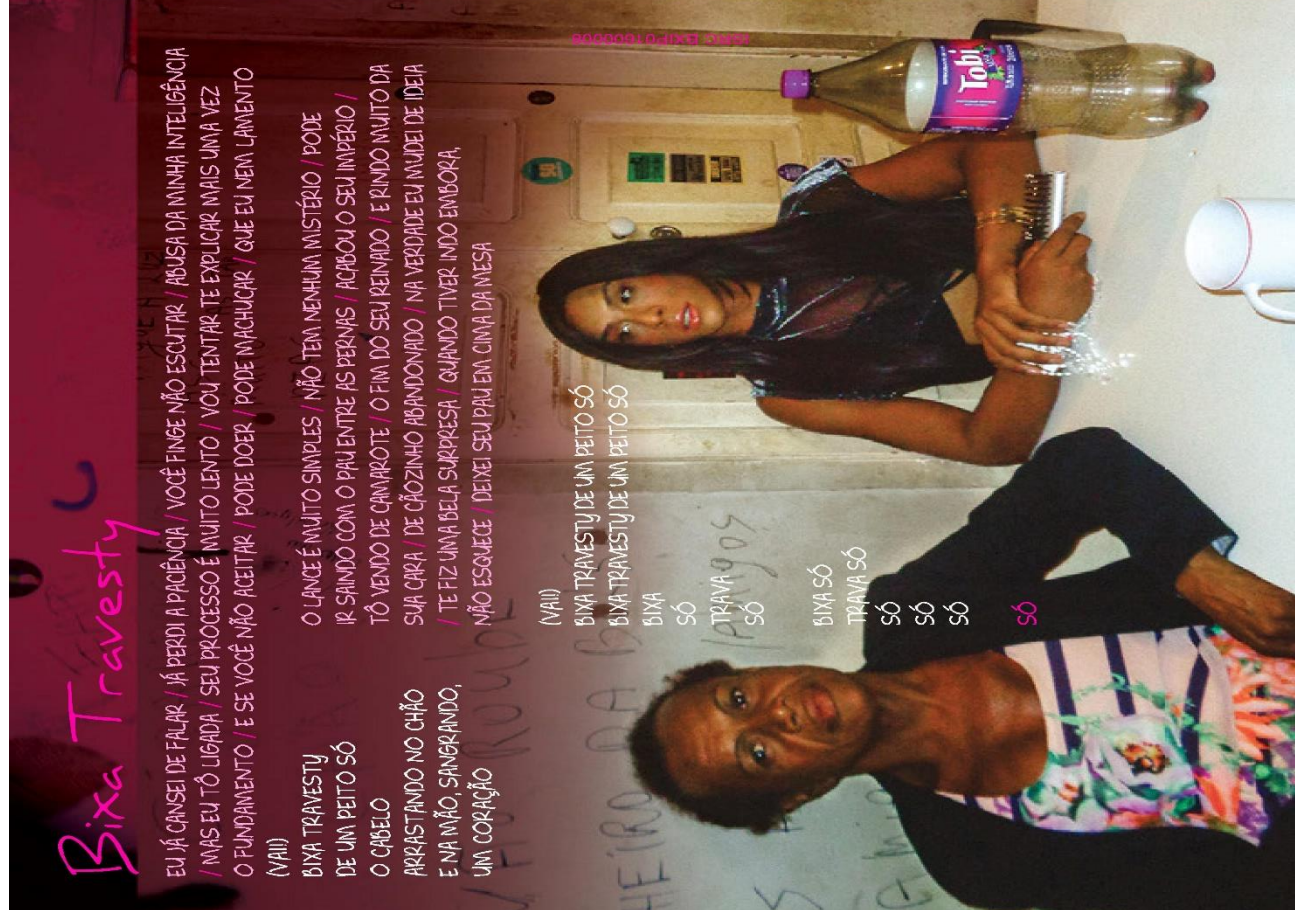
ISRC EXIP01600007

Bixa Travesty

EU JÁ CANSEI DE FALAR / JÁ PERDI A PACIÊNCIA / VOCÊ FINJE NÃO ESCUTIR / ABUSA DA MINHA INTELIGÊNCIA / MAS EU Tô LIGADA / SEU PROCESSO É MUITO LENTO / VOU TENTAR TE EXPLICAR MAIS UMA VEZ O FUNDAMENTO / E SE VOCÊ NÃO ACEITAR / PODE DOER / PODE INCHUCAR / QUE EU NEM LAMENTO (NANI)

BIXA TRAVESTY DE UM PEITO SÓ / O LANÇE É MUITO SIMPLES / NÃO TEM NENHUM MISTÉRIO / PODE IR SIRINDO COM O PAU ENTRE OS PEIÇOS / ABROU O SEU IMPÉRIO / TÔ VENDO DE CARROTE / O FIM DO SEU REINADO / E RINDO MUITO DA SUA CARA / DE ÇOZINHO ABANDONADO / NA VERDADE EU INDEI DE IDEIA / TE FIZ UMA BELA SURPRESA / QUANDO TIVER INDU EMBORA, NÃO ESQUECE / DEIXEI SEU PRU EM CIMA DA MESA

(NANI)
BIXA TRAVESTY DE UM PEITO SÓ
BIXA TRAVESTY DE UM PEITO SÓ
BIXA SÓ
SÓ
TRAVA SÓ
SÓ
SÓ
SÓ
SÓ



Travésdo

TÁ PRAGANDO DE TRAVÉSUDO / SE ACHANDO O MAIOR VILÃO / QUER ENGANAR QUE PEGA TODAS / QUE VIVE NO LUXO, SÓ NA OSTENTÇÃO / NÃO CHAO NA SUA LÁBIA / SAU QUE ISSO TIM COMODA / SE NÃO QUER PISSAR VERGONHA / ME POUPE DOS SEUS VELHOS CONTOS-DE-FODA / TU PODIA TER VÁRIOS PINTO, UM PINTO GIGANTE QUE BATE NA TESTA / QUEM C AXA Q ENGANA / SE TU GOSTA DE MULHÉ, PÓ / SÓ FILA DE PIROCHA A GRANAR / NEM GASTA A SUA SALIVA / QUE A MIM VC NÃO INTERESSA / EU GOSTO MTO D FUDER / * GOSTO D FUDÉ M PRESSAI / QUANDO EU PERO EU DÓ EU SENTO EU QUICO EMPURRO COM VONTADE / NÃO SOUL D CONTRA MINTIRA MAS INVENTO MINHAS VERDADES / TENHO PENA D VC / COM O PAU APRONTADO PRA PRÓPRIA RÔÇ / REFÉM D SUA FRÁGIL MASCULINIDADE / SE EU QUISER EU VO SENTAR SE TU PEDIR EU VO SENTAR / + VO SENTAR ATÉ EU CANSAR / VO SENTAI VO SENTAI / VO SENTAR CÁ NÃO NA SUA CARAI SENTAI SENTAI VO SENTAR SENTAI SENTAI VO SENTAR CÁ NÃO NA SUA CARAI SENTAI SENTAI SENTAI SENTAI SENTAI SENTAI SENTAI SENTAI SENTAI SENTAI

ISRC BXIP101600099

Necomancia (part. Gloria Groove)

ISRC: BXP01600010

PORRA LIND BOTOU PRESSÃO / E EU VOU CAIR PRA CIMA / TÁ FUNCIONANDO A ILUSÃO / ME FIZ
 FEMININA / DÁ PRA VER NA CARA DESSA BIXA O QUE ELA TEM / ALÉM DE BELA E PERIGOSA / NÃO
 DEVE NADA A NINGUÉM / ELA É RÍVOSA, SEDENTA E VAI AMALDIÇOAR VOCÊ / NÃO TÁ BONITA, NEM
 ENGRAÇADA, TÁ BOCA DE SI FUDÊ / OLHA PRA CARA DA MONA QUE FALA DAS MANA QUE TRAVA BATALHA
 PUXANDO NAPALHA NA VALA DA RUJA TOMOU BORDADA QUE ELA NÃO SE CALA SE VINGA NA VARA E NÃO
 PÁRA / BUMBUM NÃO PÁRA / AFEMINADA, BONITA E FOLGADA / LUGAR DE FALAR / ELA QUE FALA / PEGOU
 VERDADÉ E JOGOU NA SUA CARA / E DISSE AÍ AI QUE BIXAI AI QUE BIXAI AI QUE BIXAI / ISSO AQUI É
 BIXARIA / EU FAÇO NECOMANCIA!!!!
 BARRAS POSTICAS ESMALTADAS / A INQUÍETEM
 BORRADA / EU ANDO PRONTA PRA ASSUSTAR / MAS ISSO NÃO É HALLOWEEN / A GENTE TÁ TÃO BONITA
 / SÓ PORQUE É DRAG QUEEN / AI QUE BIXA / AI QUE BIXA / AI QUE BIXA / ISSO AQUI É BIXARIA / EU
 FAÇO NECOMANCIA / ENTÃO DEIXA SUA PIROÇA BEM GUARDADA NA CUECA / SE VOCÊ ENOSTAR EM MIM
 / FAÇO PICADINHO DE NECA / IHH AIIII / O MACHÃO FICOU COM MEDO / MAS PRA QUE EU QUERO SUA
 PICA / SE EU TENHO TODO ESSES DEDOS / EU DISSE AI QUE BIXA / AI QUE BIXA / AI QUE BIXA / ISSO
 AQUI É BIXARIA / EU FAÇO NECOMANCIA / EU TENHO FOGO NO RABO / MELANINA, POUCOS REALS
 / EU SOU TÃO MISTERIOSA / OCULTA SENDO VORAZ / OCULTA SENDO VORAZ / OCULTA SENDO
 / EU SOU TÃO MISTERIOSA / OCULTA SENDO VORAZ

Coytada

ISRC: BXP01600011

TU PODIA TÊ SER ÚLTIMO BOY DO PLANETA / QUE EU VOU DAR PRA DEUS E O MUNDO
 / VO DAR ATÉ PRO CAPETA / MAS SE DEPENDER DE MILIMIMMM / TU VAI MORRER
 NA PUNHETA TAAAAH / SUA BIXINHA SAFADA / (TU VAI MORRER NA PUNHETA) / CÊ SÓ QUER
 DAR PRA S EU BOMBADAAA / (TU VAI MORRER NA PUNHETA) / A EU SOUL MUITO
 AFEINADAAA / (TU VAI MORRER NA PUNHETA) / VO DÁ PRA TODES NA BALADA / MANHÃ,
 TARDE, MADRUGADA / DAQUI ATÉ MINHA QUEBRADA / EU SENTANDO VC SENTADA / DE
 SANTA EU NÃO TENHO NADAAA / SEU VACILAIM, TÔ VACINADA / GRAÇAS A VCS SOUL
 ARROMBADAAA / E TU VAI CONTINUAR TADAAA / EU VO TIRAR MINHA CAMISETA / VO
 MOSTRAR AS MINHAS TETA / CHUPO CU CHUPO BUCETAIH / COY COY TADAAAA / TÔ
 SENTANDO C TÁ MORTADA / E TU VAI MORRER NA PUNHETA / SOUL NOVA EVA SOUL TIETAIH
 / VO DÁ PRA TDS NO PLANETA / VO DÁ ATÉ FICAR CANSADA / A PREU CANSAR... OHH...

(presta atenção que essa podia ser pra você)



Dedo Nuvé (part. Mulher Pepita)

ISRC BXP01600013

QUE COOL, QUE COOL É ESSE? / QUEM QUER CAIR DENTRO DELE? / PRIMEIRO PÔE UM PÉ, O OUTRO
 / DEPOIS CAI DENTRO / MAS QUE COOL, ACONCHEGANTE / PARECE UM ACAMPAMENTO / PRIMEIRO
 PÔE UM PÉ, O OUTRO / DEPOIS CHI DENTRO / MAS AQUI TEM TANTO ESPÍGO / TÁ MAIS PRA UM
 APARTAMENTO / HOJE EU VOU TRAIR HEIN / DEDO NUQUÊ TÃO BOM / DEDO NUQUÊ TÃO GOSTOSO
 / EU VOU BATER UMA CURRICH / E VOU LAMBER O MEU PRÓPRIO GOZO / DEDO NUQUÊ TÃO BOM
 / DEDO NUQUÊ TÃO GOSTOSO / EU COMECEI SÓ COM UM DEDINHO / AGORA EU Tô COM O BRAÇO
 TODO / DEDO NUQUÊ TÃO BOM / É TÃO GOSTOSO / DEDO NUQUÊ TÃO BOM / MAS COM A LÍNGUA
 É MAIS GOSTOSO / COMIGO NÃO TEM TEMPO BUIM / DEVAGAR E COM CARINHO / SEMPRE CIBE
 MAIS UM E MAIS UM. / MAIS UM, MAIS UM / AGORA EU CANSEI O DEDO / SÓ VOU MEXER O
 BUMBUM / BUIM BUIM. / NÃO PARA NÃO / Tô VICIADA / EU QUERO MAIS / QUERO DE NOVO
 / SÓ MAIS UM POUQU / COM DEDO NO BÊTO
 / DEDO NUQUÊ TÃO BOM



Pare Querida

TU VEM ME DIZER / QUE SÓ TREPA COM HOMEN BOMBADO / APENAS PARE, QUERIDA / VEM FUDER
 COM OS VJADO / CÊ SABE, EU NÃO SOU SARRADA / E NEM FAÇO ACADÊMIA / MAS ARRASO NUNHA CAMA
 / INVENTANDO PORNOGRAFIA / E SE TU ME DESSE BOLA / EU DAVA / EU DAVA DAVA / EU DAVA MAS TE
 CONHA / MAS EU SEI QUE TU SÓ GOSTA / DE BOY VIRIL, BLANQUOSO / VEM AQUI ME DÁ UMA CHANCE
 / E VANO FUDER GOSTOSO / ESSES OCO SÓ QUER FUDÊ / QUANDO NÃO TEM NINGUÉM MAIS VENDO
 / COMIGO É DIFERENTE / VEM AQUI / BORA FAZENDO / ELES SÓ QUER SOCAR COM FORÇA / SEM CARINHO
 E SEM CUIDADO / CONIGO VAI SER COM JEITO / VEM FUDER COM OS VJADO / E NÃO TEM PROBLEMA
 SE NÃO ENDURECER TUA VARA / MANA, RELAXA, VEM / SENTA AQUI NA MINHA CHRA / NÃO PARA, RELAXA
 VEM / SENTA AQUI NA MINHA CHRA / LAMBE A MINHA ORELHA / MORDE A MINHA NUCA / ABERTA A
 MINHA CINTURA / DEVAGAR ABRE A BRAGUILHA / SE LAMBUZE NA VIRILHA / QUE EU LAMBO TUA ORELHA
 / MORDO TUA NUCA / APERTO A TUA CINTURA / DEVAGAR ABRO A BRAGUILHA / ME LAMBUZO NA VIRILHA
 / NÃO PARA / RELAXA / VEM / SENTA AQUI NA MINHA CHRA

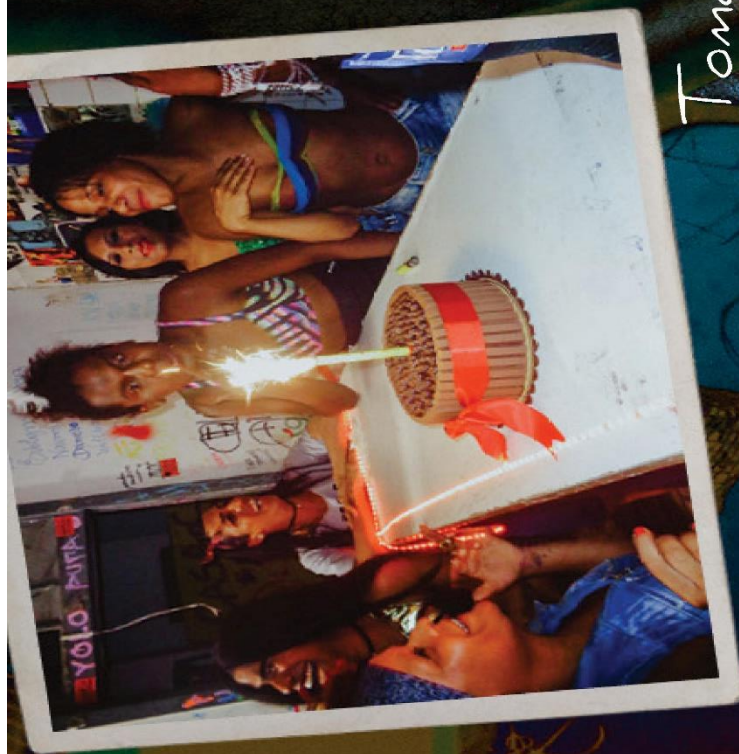


Sereia (part. Linker)

SEREI A DO ASFALTO / RAINHA DO LUAR / ENTREGA O SEU CORPO SOMENTE A QUEM POSSA CARREGAR
 / E ONDE HA MAR / TRANSBORDAR / EM ÁGUA SALGADA LAVAR / E ME LEVAR / LIVRE, ME LOVE, ME LUTA
 / MAS NÃO SE ESQUEÇA / LEVANTE A CABEÇA / ACONTEÇA O QUE ACONTEÇA / CONTINUE A
 NAVEGAR / CONTINUA A NAVEGAR / CONTINUE A TRAVECHAR / CONTINUE A ATRAVESSAR



ISRC BKXP01600017



ISRC BKXP01600016

Tomara

APRENDO AMAR NOS CANTOS / RAPIDINHO PELA RUA / NEM TIRAVA TODA A ROUPA / QUASE VOU DEPARA
 NUA / SUA CONVERSA AFADA / CONVERSA PRA BOY DORMI / VOCÊ TÁ CERTO / EU TAVA ERGADA
 / NÃO ADIANTA EU INSISTIR / COM TODOS SEUS PENSAMENTOS / COM TANTAS PALAVRAS TORTAS
 / JÁ CAINDO DE MADURO / JÁ NASCERAM TODAS MORTAS / DE QUE ME ADIANTA A NECA SER MATTI OU
 ODBRA / SE NA HORA DO VAMO VER / TOMARA / QUE NO RALA E ROLA TENHA MUITO MAIS QUE SÓ
 ENTRA E SAI YARA / QUE NO RALA E ROLA TENHA MUITO MAIS / QUE SÓ ENTRA E SAI / DE PERNAS PRO
 AR / TUDO DE CABEÇA PRA BAIXO / TROQUEI OS PAUS PELAS MÃOS / AQUI O BURACO NÃO É PRA MACHO
 / PASSA BOY / PASSA BOYADA / JÁ TÔ MAIS QUE ACOSTUMADA / E SEMPRE A MESMA COISA / PERNINHA
 DO MESMO SACO / NÃO FAZEM NADA COM NADA / CHUPA AQUI / CHUPA CULÁ / SÃO TRÊS POSIÇÕES
 / TÃO PRONTOS PRA GOZAR / SÓBRESSE EU QUE ERA SÓ ISSO / NEM TINHA PRA QUE COMEÇAR
 / POIS... // E DIZ QUE DEI / ME DISCUIDEI / ME DISCUIDEI / DIZI QUE EU NÃO DOU / A CARA BATER
 (DIZI QUE EU NÃO DOU) / O BRAÇO À TORCER (DIZI QUE EU NÃO DOU) / O RIBO PRA TU COMER E PRA
 TU CUSPIR DEPOIS / O MUNDO DÁ VOLTAS (MAS EU DOU) / O MUNDO DÁ VOLTAS, MAS EU DOU MAIS
 / O MUNDO DÁ VOLTAS, MAS EU DOU A VOLTÁ NA RIMA / SER VIBADO NÃO É SÓ CLOSE, BATOM, GUTTER
 E PURPURINA / SE EU QUISER EU DESÇO DO SALTO / SENÃO TE ENFRETO DE CIMA



Um agradecimento especial para
Bianca K-alutor, Hillary Openheimerken,
Luiza França, Ana Cláudia, Eva Mac-Peyson,
Leona Prado, Danny Santos, Mel Resendes,
Michele Santos, Renata Silva, Alana,
Leithyca Nicolily Siqueira, Fernanda Souza,
Iraniana Siqueira e a cada trava que travando
batalhas travam linguas e abrem mentes



Alenda

VOU TE CONTAR / A LENDA DA BIXA ESQUISITA / NÃO SE SE VOCÊ ACREDITA / ELA NÃO É FEIA - NEM
 BONITA / ELA SEMPRE DESEJOU TER UMA VIDA TÃO PROMISSORA / DESOBEDECEU SEU PAI / SUA MÃE /
 O ESTADO, A PROFESSORA / ELA JOGOU TUDO PRO ALTO / DEU A CARA PRA BATER / POIS PRA SER LIVRE
 E FELIZ / TEM QUE RALAR O CU, SE TUBER / DE BOBA ELA SÓ TEM A CARA / E O JEITO DE ANDAR / MAS
 SABE QUE PRA TER SUCESSO / NÃO BASTA APENAS ESTUDAR / ISTO DÁ / ISTO DÁ / ISTO DÁ SEM PARAR
 / TÃO ESPERTA, SABIÇONIA / NÃO BASTA APENAS ESTUDAR / FRACA DE FISIONOMIA / MUITO MAIS QUE
 ABUSADA / ESSA BIXA É MOLÓTOY / COM O BONDE DAS REJEITADAS

EU TÔ BONITA
 TÁ ENGRAÇADA
 EU NÃO TÔ BUNITAP
 TÁ ENGRAÇADA
 ME ARRUMEI TANTO PRA SER APALADADA
 MAS ATÉ AGORA SÓ DESTRAMI SADA

ABANDONADA PELO PAI / POR SUA TIA FOI CRIADA / ENQUANTO A MÃE ERA EMPREGADA / (ALGO ANA
 ARRETTADA) / FAZ DIZ TRIPS CORAÇÃO / LAVA A ROUPA, LOUÇA E O CHÃO / PISSA O DIA COZINHANDO /
 PRA DONDOÇA E PATRÃO / EU FUI EXPULSA DA IGREJA / TELA FOI DESSASSOCIADA / PORQUE UMA POBRE
 MAÇÃ DEIXA AS OUTRAS CONTAMINADAS / EU TINHA TUDO PRA DAR CERTO / E DEI ATÉ O CU FAZER BICO /
 HOJE MEU CORPO / MINHAS REGRAS / MEUS ROTEIROS, MINHAS PREGAS / SOU EU MESMA QUEM FABRICO

ISRC BXP01600018



Mulher

DE NOITE, PELAS CALÇADIAS / ANDANDO DE ESQUINA EM ESQUINA / NÃO É HOMEM NEM MULHER /
 É UMA TRAVA FEMININA / PAROU ENTRE UNS EDIFÍCIOS / MOSTROU TODOS OS SEUS ORIFÍCIOS /
 / ELA É DIVA DA SARJETA / SEU CORPO É UMA OCUPAÇÃO / É FAVELA, GARAGEM, ESGOTO / E PRO
 SEU DESSGOSTO / TÁ SEMPRE EM DESCONSTRUÇÃO / MAS RUAS, PELA SURDINA / É ONDE FAZ O SEU
 SALÁRIO / ALUGA O CORPO A POBRE, RICO / ENVIDIADO E MILIONÁRIO / NÃO TEM DEUS, NEM PÁTRIA
 ANADA / NEM INVARIDO, NEM PÁTRIO / O MEDO AQUI NÃO FAZ PARTE / DO SEU VIL VOCABULÁRIO
 / ELA É TÃO SINGULAR / SÓ SE CONTENTA COM PLURAIS / ELA NÃO QUER PAU / ELA QUER PAZ / SEU
 SEGREDO IGNORADO / POR TODOS / ATÉ PELO ESPELHO / MULHER, MULHER, MULHER / NEM SEMPRE
 HÁ UM HOMEM PRA UMA MULHER / MAS HÁ DEZ MULHERES PRA CADA UMA / E UMA MULHER É SEMPRE
 UMA MULHER / ELA TEM CARA DE MULHER / ELA TEM CORPO DE MULHER / ELA TEM JEITO, TEM BUNDA,
 TEM PEITO / E O PAU DE MULHER / AFINAL / ELA É FEITA PRA SINGRAR / PRA ENTRAIR É SÓ CUSPIR
 E SE PAGAR, ELA DÁ PRA QUALQUER UM / MAS SÓ SE PAGAR HEIN / QUE ELA DÁ VÍU / PRA QUALQUER
 UM / ENTÃO EU BATO PALMAS PRA AS TRAVESTYS / QUE LUTAM PRA EXISTIR / E A CADA DIA
 CONQUISTAR / O SEU DIREITO DE: VIVER & BRILHAR / BATA M PUMVISI / PRA AS TRAVESTYS /
 QUE LUTAM PRA EXISTIR / E A CADA DIA BATAHANDO, CONQUISTAR / O SEU DIREITO DE: VIVER &
 BRILHAR & ARRASAR... / ELA É AMAPO DE CARNE E OSSO / SILICONE INDUSTRIAL / NAVALHA NA BOCA
 E CALÇINHA DE FIO DENTAL / EU TÔ CORRENDO DE HOMEM / HOMEM QUE CONSUME / SÓ COME E
 SOME / HOMEM QUE CONSUME / SÓ COME, FUDEU E SOME / SOME!



Preta

Bixa

BIXISTRANHA, LOKA PRETA DA FAVELA / QUANDO ELA TÁ PASSANDO TODOS RIEM DA CARA DELA
 / MAS, SE LIGA MACHO / PRESTA MUITA ATENÇÃO / SENTA E OBSERVA A TUA DESTRUIÇÃO / QUE EU
 SOU UMA BIXA, LOKA, PRETA, FAVELADA / QUICANDO EU VOU PASSAR / E NINGUÉM MAIS VAI DAR RISADA
 / SE TU FOR ESPERTO, PODE LOGO PERCEBER / QUE EU JÁ NÃO TÔ PRA BRINCADERA / EU VOU BOTAR É
 PRA FUJER / KISS BIXISTRANHA, ENSANDECIDA / ARROMBADA, PERVERTIDA / ELAS TOMBA, FECHA, CAUSA
 / ELAS É MUITA LACRAÇÃO / MAS DRAQUI EU NÃO TOU TE OUVINDO BOY / EU VOU DESCEER ATÉ O CHÃO
 / BIXA PRETA! / TRÁ-TRÁ-TRÁ-TRÁ-TTTRRRRRRRRRÁÁÁÁ
 A MINHA PELE PRETA, É MEU MANTO DE CORAGEM / IMPULSIONA O MOVIMENTO / ENVADECE A VIADAGEM
 / VAI DESCE, DESCE, DESCE / DESCE A VIADAGEM / SEMPRE BORRALHEIRA COM UM QUE DE CHINRELLA / EU
 SAO DE SALTO ALTO / MACHO NA FAVELA / MAS SE LIGA MACHO / PRESTA MUITA ATENÇÃO / SENTA E
 OBSERVA A TUA DESTRUIÇÃO !!! SEMPRE BORRALHEIRA COM UM QUE DE CHINRELLA / EU SAO DE SALTO
 ALTO / MACHO NA FAVELA / MAS QUE PENA, SÓ AGORA VIU QUE BELA ABERRAÇÃO? / É MUITO TARDE,
 MACHO ALFA! / EU NÃO SOU PRO TEU BICO... NÃO!!

ISRC BXIP01600003

Agradecimentos

Agradeço a todas que de alguma forma fazem parte desse álbum e somaram forças para que ele acontecesse: à todas que atravessaram minha vida e fazem parte das minhas experiências, algumas delas que se materializaram nessas músicas. Àquelas que tem me dado apoio e suporte nessa caminhada. Agradeço à Nicole Rueda, Lázaro Villela (Verrij), Lino Gabriel, Jol Novaes, Nill Faria, Dig Coelho e ao Farley Eduardo. Agradeço também à Coletive Friccional, Coletive Zozoom, Periferia Trans, Escola Livre de Teatro de Santo André. A minha equipe que tem trabalhado arduamente junto comigo. Agradeço em especial às travas da Casa Nem, que foram extremamente generosas e parceiras. E não podia deixar de agradecer especialmente à minha mãezinha e a gordona de um caramba Jup do Bairro, que são parte fundamental de tudo isso que vem acontecendo. E a cada uma das colaboradoras do Kickante que possibilitaram que este álbum viesse ao mundo.



E mona, caso eu tenha esquecido da senhora, não foi por ingratidão, foi falta de memória! meishimu vyada.

Pajubá

TALENTO produção: BadSista & Sants | vocais: Jup do Bairro **SUBMISSA DO 7º DIA** produção: BadSista | percussão: Valentino **BOMBA PRA CARALHO** produção: BadSista & Maffalda | vocais: Liniker **BIXA TRAVESTY** produção: BadSista & Maffalda **TRANSUBDO** produção: Nelson D. **NECOMANCIA** produção: Carlos Nunez | participação: Gloria Groove **COYTADA** produção: Pininga, BadSista e Sants | vocais: Jup do Bairro e Liniker **PARE QUERIDA** produção: BadSista **DEDO NUCUÉ** produção: BadSista & Sants | participação: Mulher Pepita **ENVADESCER** produção: BadSista | percussão: Valentino | vocais: Jup do Bairro **PIRIGOZA** produção: Carlos Nunez **TOMARA** produção: BadSista & Sants | vocais: Jup do Bairro, BadSista, John Halles e Nu Abe **SERE A** produção: Vincenzo | participação: Liniker **A LENDA** produção: BadSista | percussão: Valentino | vocais: Jup do Bairro, John Halles e Liniker **BIXA PRIETA** produção: BadSista **MULHER** produção: BadSista | todas as composições de Linn da Quebrada exceto verso de Gloria Groove em *Necomancia*

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Linn da Quebrada

DIREÇÃO MUSICAL: BadSista

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Juliana Melo

PRODUÇÃO: Thiago Felix

Gravado em agosto de 2017 no Estúdio YB Music, São Paulo/SP **TÉCNICO DE GRAVAÇÃO:** Diego Tcherá **MIXADO POR SANTS** **MASTERIZADO POR Cesar Pierrri** | Estúdio Flap4 **MAQUIAGEM:** Raíza Holland **FOTOGRAFIA:** Nu Abe **DESIGN GRÁFICO:** Kako Arancibia **FIGURINO:** Brechó Replay **AGRADECIMENTOS:** Estúdio YB Music, Sítio Cultural Alsácia, Kickante e Casa Nem



CAIXA DE FERRAMENTAS:

Como e quando se cria uma caixa de ferramentas?

No meu caso, na cartografia que fui aprendendo a fazer enquanto ia inventando e compondo com outras cartografias que encontrava, fui construindo ferramentas a todo tempo. E quanto mais próximo chegava dos conceitos, das ideias, quanto mais ia sendo provocado a pensar, mais ferramentas iam sendo necessárias. E ia roubando. Re-criando. Me aproximando e tentando capturá-las, aprimorar seus usos.

Se elas são todas sempre usadas? Não são.

Se elas são iguais às de outras pessoas pesquisadoras? Também não.

Talvez o meu principal problema, enquanto pessoa que se coloca a operar cartograficamente, seja o rigor conceitual. A falta dele. Ou o entendimento de certa ideia de rigor que foge às grafias que construo. Assumir essa falha parece imprescindível. Ou seria o caso de repensar a ideia mesma de rigor? Penso que, de algum modo, tenho feito isso...

No Exame de Qualificação foi dito, com exatidão, que me faltava dominar melhor os conceitos que escolhi utilizar. Que meu problema era o da expressão, que acabei encontrando ressonância com o que Deleuze vai chamar de agenciamento coletivo de enunciação. Acredito que esse é, ainda, um problema pulsante. E que tantas outras leituras e escritas serão necessárias até que, talvez algum dia, eu possa dizer que consiga operar com alguns dos conceitos (sobretudo os deleuzeguattarianos) <por quê? >.

Assumo essa incompletude. Ou não, porque pode ser que não caiba esse ideal de completude... <é incompleto aquilo que não se pretendia honrar tal ideal, que não se pensa a partir dele?>. Pode ser que tenha havido alguns usos de conceitos que parecem “inapropriados” – ou, talvez dizendo mais adequadamente: usos diferentes dos que habitualmente vemos. Pode ser que tenha cometido o sacrilégio de tomar ideias e conceitos como se fossem meros jargões. No entanto, acredito que aprender é um pouco isso: *ir se fazendo enquanto se faz; (de)compondo; reinventando; criando mundos possíveis.*

Maria dos Remédios

Patrícia

Meggy Rayana

Patrícia

TRAVAS

Patrícia

Alice Guel

Cláudia Alcântara

Kentura

Brihana

Nilton Reis

Patrícia

Pro Cybelle

Alan Pimenta

Maria Clara Araújo

Zozé

Érica Malunguinho

Dimken

Dedé

Vita Pereira

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Ana Flôr

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

LINNN

(((intercessoras)))

Sup

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Ed. Monte

mat

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

Patrícia

ABREU, Lua Lamberti de; MAIO, Elaine Rose; PARPINELLI, Roberta Stubs. PINTANDO BOCAS MONSTRAS POR MEIO DA PE-DRAG-OGIA. Doi: <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i7.5104>. **ODEERE**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Ano 2019, Volume 4, número 7, Janeiro – Junho de 2019.

ALCANTARA, Clarissa C. **Corpoalíngua**: performance e esquizoanálise. Curitiba, PR: CRV, 2011.

ALCANTARA, Clarissa de Carvalho. **corpoemaprocesso / teatrodesessência**. 2005. 217f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2005.

ALCANTARA, Clarissa de Carvalho. **O poema avoluma.doc**. Teatro de essência/Poema processo. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2000.

ALMEIDA, Vinicius Santos. **Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Geografia Humana. Universidade de São Paulo, 2019.

ALVES, Nilda. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. In: **I Congresso brasileiro de história da educação**. Educação no Brasil: história e historiografia. 6 a 09 de novembro de 2000. Disponível em http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/124_nilda_alves.pdf.

AMORIM, Frederico Levi. **Gestos performativos como atos de resistência [manuscrito]**: corpos monstro na cena contemporânea. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Cênicas, Universidade Federal de Ouro Preto, 2019.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; NERY, Vívian Carla Reis; SILVA, Priscila Ledoux Costa. Corpos (s)em educação: des-a-fios em (des)ocupação. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvio Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

ANTOLOGIA Trans. 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017. Prefácio de Amara Moira. Orelha de Linn da Quebrada.

ASPIS, Renata Lima. Notas esparsas sobre filosofias da diferença e currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 429-439, set./dez. 2016.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **Percursos de uma pesquisa**. Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em resistência. [Livro em processo de editoração, a ser publicado em 2020 – a autora gentilmente permitiu acesso a algumas partes do livro].

ASPIS, Renata Pereira Lima. **Ensino de filosofia e resistência**. Tese (Doutorado) em Educação – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Faculdade de Educação. Campinas, 2012.

BARROS, Gustavo de Almeida; MUNARI, Silvio Ricardo; ABRAMOWICZ, Anete. Educação, cultura e subjetividade: Deleuze e a Diferença. **Revista Eletrônica de Educação**, v.11, n.1, p.108-124, jan./maio, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271992186>.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In. KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.52-75.

BIXA TRAVESTY. Direção: Claudia Priscilla e Kiko Goifman. Roteiro: Claudia Priscilla, Kiko Goifman e Linn da Quebrada. Produção: Evelyn Mab e Kiko Goifman. Fotografia: Karla Meneghetti. Trilha Sonora: Linn da Quebrada. Estúdio: Paleotv, Válvula Produções. Montadora: Olivia Brenga. Distribuidora: Arteplex Filmes. 2018.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. Vários autores. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: o Núcleo. Vários anos, várias edições.

CAMPOS LEAL, abigail. **escuirecendo: ontografias poéticas**. Uberlândia (MG): O sexo da palavra, 2020.

CORRÊA, Mirele; CABALLERO, Allan; VERDÚ, Mateus (orgs.). **Do caos ao caos e vice-versa: intersecções entre filosofia, ciência e arte**. Livro do evento [recurso eletrônico] - (2019: Campinas, SP). Campinas, SP: FE/Unicamp, 2020.

CORRÊA, Tulio Colombo. **Queerlombos: afetos, encontros e (re)existências**. 11 out. 2019. Facebook: [Freddamorim](https://www.facebook.com/frederico.amorim/posts/2879883238688637) Odara. Disponível em: <https://www.facebook.com/frederico.amorim/posts/2879883238688637>.

COSTA, Alan Victor Pimenta de Almeida Pales. **Lugares no avesso do deserto**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Faculdade de Educação. 2007.

COSTA, Camilo Floriano Riani. **Caricaturas: arte-rostho-humor-experiência**. Tese (Doutorado) em Educação. UNESP. Rio Claro. 2016.

COUTO, Mia. Escrever e saber. In: **Incerteza Viva: Processos artísticos e pedagógicos – 32ª Bienal de São Paulo**, 2016.

DAROS, Raphaella Fagundes. Escrever como quem coleciona cacos: uma aposta metodológica. **Arcos Design**. Rio de Janeiro, V. 11 N. 1, julho 2018, pp. 53-73, ISSN: 1984-5596. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DE BRITO, Maria dos Remédios de. Cartografia... uma política de escrita... **Rev. Polis e Psique**, Belém, PA, Brasil, v. 7, n. 00, p. 167-180, 2017.

DE BRITO, Maria dos Remédios de; COSTA, Dhemersson Warly Santos. **Variações Deleuzianas: Educação e pensamento e política e fabulação e**. Belém: EditAedi/UFGA, 2019.

DE BRITO, Maria dos Remédios; COSTA, Dhemersson Warly Santos. A maquinaria da escrita como desmontagem dos órgãos: atravessamentos por entre Clarice Lispector e Deleuze. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvio Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

DE BRITO, Maria dos Remédios; COSTA, Dhemersson Warly Santos. Atos de criação: o corpo e a escrita. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII**

Seminário Conexões [recurso eletrônico]. Sílvio Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

DE BRITO, Maria dos Remédios; SANTOS COSTA, Dhemersson Warly. POR UMA PEDAGOGIA SEM IMAGEM: PARA PENSAR UM PROGRAMA DE EXPERIMENTAÇÃO EM UMA SALA DE AULA. **RevistAleph**, [S.l.], n. 33, p. 157-173, dec. 2019. ISSN 18076211. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39760>.doi:<https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i33.39760>.

DE BRITO, Maria dos Remédios; SANTOS, Helane Súzia Silva dos (orgs.). **Variações deleuzianas**: educação, ciência, arte e. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017. (Vários autores).

DELEUZE, Gilles. **Conversações** (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013 (3ª Edição - 2013 / 1ª Reimpressão - 2017). 240p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (1ª Edição / 3ª Reimpressão). (Filô/Margens).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011a (2ª Edição - 2011 / 2ª Reimpressão - 2017). 128p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011b (2ª Edição - 2011 / 1ª Reimpressão - 2015). 128p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a (2ª Edição - 2012 / 1ª Reimpressão - 2015). 144p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b (2ª Edição - 2012 / 1ª Reimpressão - 2017). 200p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012c (2ª Edição - 2012 / 1ª Reimpressão - 2017). 264p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011c (2ª Edição - 2011 / 2ª Reimpressão - 2017). 560p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª Edição - 2011 / 2ª Reimpressão - 2016). 272p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; PARNET, C. (1988). **O abecedário de Gilles Deleuze**. Recuperado em 18 janeiro, 2017. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+D+deleuze.pdf>.

DERRIDA, Jacques. Posições. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

DIAS, Ney Borges; REINALDO, Gabriela Frota. QUEBRANDO A COSTELA EPISTEMOLÓGICA DE ADÃO: uma revisão bibliográfica queer de estudos sobre as obras audiovisuais e a performance de Linn da Quebrada. In: **4º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO**, 4.

DOS REIS, Neilton; LEAL, Leandro. Costurar afetos, produzir sentidos em retalhos. In: Aline Pessanha; Daniel Gaivota; Fabiana Fernandes Ribeiro Martins. (Org.). **IX Colóquio Internacional de Filosofia e Educação** - Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar. 1ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2018, v. 1, p. 1-8.

DOS REIS, Neilton; LEAL, Leandro. 'É uma coisa que você tem que construir': invenções, transgressões e terrorismos nas resistências ao binário de gênero. In: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, 2018, Rio Grande-RS. **Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade**, 2018. v. 1. p. 1-8.

DOS SANTOS, Ariel Dorneles. DUQUE, Tiago. "Eu gosto mesmo é das bixas". Reflexões sobre identidade ao som de Linn da Quebrada. **Redoc**. Rio de Janeiro v. 3 n.1 p. 13 Jan/Abr. 2019 e-ISSN 2594-9004.

DURAN, Gisele Caroline Ruiz. **Atravessamentos visuais e arteiras infâncias**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSCar São Carlos, 2020.

DURAN, Gisele Caroline Ruiz; GENUÍNO, Renata Reis. Por uma pesquisa crianciera, por uma escrita desobediente. **Cadernos da Pedagogia**, v. 14, n. 28, p. 42-50, Maio-Ago/2020.

GAI, Daniele Noal; FERRAZ, Wagner (orgs). **Parafernalias I: diferença, artes e educação**. Porto Alegre: INDEPIN, 2013.

GALLO, Sílvio. As múltiplas dimensões do aprender. In: **CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO**. UNICAMP, 2012, p. 1-10. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.

GALLO, Sílvio. **Notas de aula** sobre o tema: "cartografia e pesquisas em educação". Ministrada em 18 de junho de 2018, na Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas – SP.

GALLO, Sílvio. "Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença." **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2009.

GIOVANNI, Julia Ruiz di. Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. In: **Cadernos de Arte e Antropologia**. Dossiê Artivismo: políticas e performances políticas na rua e na rede. Vol. 4, n. 2, 2015, p. 13-27.

GUIMARÃES, Rafael S.; BRAGA, Cleber. **Vidobras dissidentes na música pop brasileira**. Revista CULT, São Paulo, p. 28 - 31, 01 ago. 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IAFELICE, Henrique. **Deleuze devorador de Spinoza: teorias dos afectos e educação**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2015.

IMPÉRIO E ANONIMATO. MATERIAIS PRELIMINARES ÀS INSURREIÇÕES. CIDADÃOS, VOLTEM PARA CASA! #1. São Paulo: GLAC edições. autores: anônimo; abigail campos leal; comitê invisível; denise algures; duarte ferrín; giorgio agamben; leonardo araujo beserra; miguel carmo; nathalia colli; peter pál pelbart; roberto winter; TIQQUN; 9 de tarnac. 2019.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, abril 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em junho de 2018.

LAROSSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 29, p.27-43, jan/jun. 2004.

LAROSSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (orgs). **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Lamparina, Rio de Janeiro, p.17-30, 2016.

LEAL, Dodi. **Encontra de Pedagogias da Teatra: afetividades do saber riscar e arriscar**. cartografias. MITsp - Revista de Artes Cênicas, v. 7, p. 22-23, 2020.

LEITE, César Donizetti Pereira. POLÍTICAS DE ESCRITA: um tecido de movimentos de leitura em modos de apresentação. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, vol. VII, núm. 13, 2013, pp. 4-10, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87923777001>

LIMA, Flávio Lourenço Peixoto Lima. **Acontecimentos para além da denotação: linguagem, memória, educação**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2013.

LIMA, Renata Moraes. Uma carta como aposta de seguir se fazendo professora: prezada Maria. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvio Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

LIMONGELLI, Rafael Moraes. **Horta da vida: uma cartografia entre adolescentes em conflito com a lei e uma experiência educacional**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, 2017.

LINIKER E OS CAMELOWS. **Lina X**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/liniker/lina-x/>.

LINN DA QUEBRADA. Linn da Quebrada: 'Uso a música como arma. Como arma voltada para mim mesma'. **HuffPost Brasil**. Entrevista concedida a Amauri Terto [06 de outubro de 2017]. 2017b. Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/2017/10/06/mc-linn-da-quebrada-uso-a-musica-como-arma-como-arma-voltada-para-mim-mesma_a_23234549/?ncid=fcbklnkbrhpmg00000004. Acesso em out. 2017.

LINN DA QUEBRADA. **Página da artista no Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/>. Acesso em junho 2018.

LINN DA QUEBRADA. **Release**. Site Oficial da artista. 2017a. Disponível em: <https://www.facebook.com/mclinndaquebrada>. Acesso em out. 2017.

LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (orgs.). **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. (Coleção Outros Diálogos, 8).

LOPES, Herbert de Proença. **Cartografias de vivências trans: experimentações teatrais e modos de subjetivação**. 2018. 245 f. : il. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-terrorista. **Concinnitas**. ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.

MARTINS, Fabiana. POR UMA PEDAGOGIA DOS AFETOS: o aprender como decifração de signos. **Childhood & Philosophy**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v. 15, n. 8, p. 83-104, jun. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5120/512051606005.pdf>.

MENDES, Tarcísio Moreira. **Uma Educação esquizita**. Uma Formação bricoleur – processo ético e estético e político e econômico. 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. **Piseagrama**, Belo Horizonte, número 11, p. 20 - 25, 2017. Disponível em: <https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/>.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo à uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. São Paulo: Fundação Bienal (32a. Bienal de São Paulo – Incerteza Viva) e OIP – oficina imaginação política, 2017.

MOREIRA, Eduardo Frota. **Aqui jazem romances**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017.

MOREIRA, Larissa Ibúmi. **Vozes Transcendentes: os novos gêneros na música brasileira**. São Paulo: Hoo Editora, 2018.

MOSSI, Cristian Poletti. **Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições**. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?. (Tese de Doutorado). Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. “Sábados com Deleuze”: imagens na escrita e escrever pelo fora entre arte, pesquisa e educação. **Revista Teias** v. 20, n. 56, Jan./Mar. 2019. Universidade e democracia: para quê? Para quem?.

MOURA, Natália de Sousa. **Fim de mundo**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, 2017.

NASCIMENTO, Tatiana. **Lundu**. 2a. ed. - Brasília: padê editorial, 2017.

NETO, Vitor Janei. **DE TOCAIA NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA TOCA DO FUTURO**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSCar São Carlos, 2017.

NEVES, Claudia Abbês Baêta. Desejar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (orgs). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, p. 69-72, 2015.

NEVES, Thiago Tavares das. Coração Afetado: afetações sonoras e uma ética da alegria nas festas de música eletrônica. In: **XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2016, Universidade do Rio Grande do Norte. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. São Paulo: Intercom, 2016.

NEVES, Thiago Tavares das. Fervografia: fervo, comunicação e “bons encontros” num show de Linn da Quebrada. In: **42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 42., 2019, Belém. Intercom, 2019.

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. **childhood & philosophy**, rio de janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez. 2018, pp. 625-644.

NOVIKOFF, Cristina; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Conjectura: filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, set./dez. 2015.

NUÑEZ, Marcela Bautista; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Máquinas de guerra, intentos de produzir escritas a N-1. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

OLIVEIRA, Kris Herik de. **De encontros, verdades e afetos: cartografias da sexualidade**. 2019. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Limeira.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. – Curitiba, 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

ORLANDI, Luiz Benedicto. DESEJO E PROBLEMA: articulação por reciprocidade de aberturas. **História e Perspectiva**, n.º 03, jul./dez., Uberlândia, 1990.

ORLANDI, Luiz Benedicto. **Um gosto pelos encontros**. [s.d.]. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do assombro**. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias afetivas: proposições do professor-artistacartógrafo-etc**. 2016. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

PEREIRA, Reginaldo S.; DINIS, Nilson F. Contribuições da teoria pós-estruturalista e dos estudos culturais para a pesquisa em educação. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 25, p. 72-93, maio/ago. 2017.

PEREIRA, Reginaldo S.; DINIS, Nilson F. Itinerários da pesquisa pós-estruturalista em Educação. **Itinerarius Reflectionis (Online)**, v. 11, p. 1-16, 2015.

PEREIRA, Silvero. **BR-Trans**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017. (Coleção Dramaturgia).

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro e Verônica Daminelli Fernandes. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIOSA, Rosane. REPARAR NAS COISAS: de repente algo acontece e somos outro. **Educ. Perspect**. Viçosa, MG, v. 10, p. 17, 2019.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade**. Sujeito e Escrita em Processo. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

RAINHAS DO RAP BRASIL. #Entrevista: Conheça Mc Linn da Quebrada, e o seu trabalho maravilhoso no movimento LGBT. Disponível em: <http://rainhasdorapbrasil.blogspot.com/2016/08/entrevista-conheca-mc-linn-da-quebrada.html>.

RIBETTO, Anelice. **Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita**. UFF Niterói, 2009. Disponível em: http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/TESE%20ANELICE%20RIBETTO.pdf.

RIBETTO, Anelice; PEREIRA, José Valter. **Experimentações na escrita acadêmica entre filosofia e educação**. 3er Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación, 2015. Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/173/153>.

ROCHA, Rose; REZENDE, Aline. DIVA DA SARJETA: ideologia envidescida e blasfêma pop-profana nas políticas de audiovisibilidade da travesti paulistana Linn da Quebrada. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.1, p. 22-34, abr—jun 2019.

RODRIGUES, Valter Ferreira. Por uma docência criativa em tempos de regressão. **Revista Latinoamericana de Filosofía de La Educación**, v. 5, n. 10, p. 187-203, jan. 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Ninguém é deleuziano**. Entrevista a Lira Neto e Silvio Gadelha, originalmente publicada com este título in O Povo, Caderno Sábado: 06. Fortaleza, 18/11/95; com o título “A inteligência vem sempre depois” in Zero Hora, Caderno de Cultura. Porto Alegre, 09/12/95; p.8; e com o título “O filósofo inclassificável” in A Tarde, Caderno Cultural: 02-03. Salvador, 09/12/95.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; DE BRITO, Maria dos Remédios. Fissurar a educação por entre escrita deriva... **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 89-114, jan-mar. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p89>.

SABINO, Kelly. **Arsenal**: um bando de ideias sobre arte na educação. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2015.

SALES, Adriana. **Travestis brasileiras e escolas (da vida)**: cartografias do movimento social organizado aos gêneros nômades. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

SALES, Clotilde Tinoco; THOMÉ, Zeina Rebouças Corrêa. O acontecimento e a criação do novo: a potência do espaço pacto nacional pela alfabetização na idade certa – PNAIC no aprender do estado Amazonas. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

SANTOS, Ana Karoline Damasceno; DE BRITO, Maria dos Remédios. Linhas cartográficas: a máquina nômade atravessando a pesquisa. Seminário Conexões, 8. Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

SANTOS, Diogo José Bezerra dos; ALMEIDA, Ana Karla Tzortzato. Na natureza selvagem: reflexões sobre cinema e educação e máquina e corpo e nomadismo e... Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

SANTOS, Leonardo Souza dos. **Afetos em Paul B. Preciado**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, 2019.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Corpos trans e a educação em biologia: des-territorializações e conexões com a filosofia da diferença. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

SEGURADO, Rosemary. Por uma estética da reexistência na relação entre arte e política. In: CHAIA, M. (Org.). **Arte e política**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. p. 41-58.

SILVA, Daiana Pilar Andrade de Freitas. **Entre cartas e conversações**: uma experiência literária nos encontros com crianças com cegueira. 2018. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Daiana Pilar Andrade de Freitas; RIBETTO, Anelice. Entre cartas e conversações: encontros na diferença. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 16, n. 37, p. 34-50, Edição Especial, 2020.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira; SANTOS, Emilly Silva dos. Performances discursivas de uma “Bixa Travesty”: sobre corpo, gênero e identidade em Linn da Quebrada. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 3627-3641, ago. 2019. ISSN 1984-8412.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n2p3627>>. doi:<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n2p3627>.

SILVA, Juan Alexander Salazar. Reescritas de um diário esquizo: modos e processos de uma escrita-pesquisa cartográfica e anedípica. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

SILVA, Renata Ferreira da. Os dramas da pesquisa em educação: o que pode a escrita da vida? Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

SIMONINI, Eduardo. Linhas, tramas cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019, p. 73-92.

SOUZA, Patrick Borges Ramires de. **“Bixa, preta, trans e periférica”**: Linn da Quebrada e as performatividades de gênero dissidentes com as mídias digitais. 2019. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria (Ufsm), RS, 2019.

SOUZA, Yorrana P. Maia de. CARTOGRAFIA DE SI: o processo de criação através dos territórios particulares e compartilhados no instagram. **Blucher Design Proceedings**, v. 1, n. 4, nov. 2014.

TADEU, Tomaz. Políptico. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45., p. 309-322. jun. 2007.

THÜRLER, Djalma; COLLING, Leandro. Processos, metodologias e linguagens artísticas na contemporaneidade: a produção intelectual sobre arte do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade - CUS. (Apresentação). **Revista Ambivalências**, v. 4, n. 8, p. 05-12. Jul-Dez/2016. ISSN 2318-3888. Aracaju, 2016.

TOMAZ, Tadeu; CORAZZA, Sandra; ZORDA, Paola. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TRÓI, Marcelo de; COLLING, Leandro. Antropofagia, dissidências e novas práticas: o Teatro Oficina. **Revista Ambivalências**, v. 4, n. 8, p. 125-146. Jul-Dez/2016. ISSN 2318-3888. Aracaju, 2016.

VASCONCELOS, Anna Carolina Barcelos. **Cartografia de afetos: educação, ambiente e fotografias num baile em sentidos biodiversos**. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação: Processos Socioeducativos e práticas escolares, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João del-Rei, 2016.

VAZ, Tamiris. **Aprendizagens em Devir na cidade (manuscrito)**: visualidades, excessos e narrativas cotidianas. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 2017.

VAZ, Tamiris. Devir-descarte: habitar transbordamentos. **ClimaCom** [online], Campinas, ano 5, n. 11, abr. 2018. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=8992>.

VIDARTE, Paco. ÉTICA BIXA. **Piseagrama**, Belo Horizonte, nº 13, p. 76-85, 2019.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. Do aprendizado: as lições do professor-deleuze. **Educação Unisinos**, p. 322-331, jul-set, 2018.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães; RIBEIRO, Cintya Regina. Experimentações com a Pesquisa Educacional Deleuze-Guattariana no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 23-44, jan./mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623660813>

ZACHARIAS, Pamela; ZEPPINI, Paola Sanfelice. Sobre aprender e fabular em educação. **Linha Mestra**, nº 35, p.278-285, 2018.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Talles. - Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009. - (Conexões; 24).

...

- escrever n̄ mostrará saídas/respostas
- ^{nota} n̄ tem materialidade ^{sem} como experiência no corpo
- encontro o que n̄ procurava
- risco / n̄ repete
- se faz combinando
- criação de mundos
- aberta aos acontecimentos
- ~~faz~~ escreve sobre o que não sei
- compor e decompor
- devir - trans / subjetividade rezoma
- trovo - trovista
- pedegoza - troveste
- cartografias tranvestis (Adriana (p. 35 Filson))
- cartografia ← afetosa
- fluxos e agenciamentos
- ~~mapa~~ construção / invenção
- modos de criação de si
- desejar e produzir
- pensar e um ato amiscado
- artitar = criar mundos.
- texto militante / sempre enfrentamento
- mapa de afetosa construído no corpo

"modo de estar"
juntar pesquisa com vida

tese em devir / devir-tese

- pesquisa cartográfica ≠ texto cartográfico *deriva*
- a tese é o mapa, é território existencial em expansão, é criação de possíveis que se efetivam na escrita
- o que pode e o que não pode ser qualificado como científico/acadêmico? (Roucault)

leitura em intensidade → funciona pl/você?

"objeto" : eu/ous → cartografias de si

devir-trova

- reinvencão esse conceito / esse operador conceitual

- é PROBLEMA que produz e o que produz
- cartografar → é no presente, mesmo que se diz sobre passado/futuro
- ↳ é ato de criar
- foi meu corpo o território
- todos os rotineiros

→ "máquinas expressivas" (DE)

- ACOMPANHAR
- CARTOGRAFAR ≠ representar
- NARRAR = explicar
- EXPRESSAR = analisar

- imagens são texto também, não são apenas representações
↳ também provocam (disparos)

- subjetividade RIZOMA → ^(pelo encontro com rigos) ocnay / aprender / educa
afeta / contágio
educação menor (galo)
nomade (defozer se de si mesmo)

- escrita: máquina produtora de fuga



(2)

afeto/afecto
 ↳ sensações
 ↳ sentimentos

↳ é devir (e devir é movimento) ^{devir não humano}

- **afecto** (Spinoza/Deleuze)
 ↳ é o que sinto a partir do efeito do encontro c/signo
 ↳ signo - violenta o corpo / atravessa / pede decifração
 ↳ vestígios que o corpo produz em si nos encontros que realizamos
 ↳ ão representam nada // são o efeito do encontro de signos (gloriosa)

com o corpo
 ↳ "efetuação de uma potência de matéria" (DF)

- **corpo**: conjunto das relações que o compõem
 poder de ser afetado e afetar
 "corpo falante" (Proust) // corpo em alianças intensivas

- **encontro** - produz devir / quebra costuras, certezas

↳ "cant. pode-se apenas MARCAR CAMINHOS E MOVIMENTOS, ^{conversações} sorte e perigo"

↳ "mais importante que o pensamento é o que dá a pensar" (Del)

↳ "pensar é experimentar, não interpretar, mas experimentar - ^{afetos e perceptos} atual, presente novo, em vias de se fazer (Conversações)

- crianças e artistas criam blocos de sensações
 ↳ sair dos perceptos engendrados, ^{codificados}

- arte: ativar as sensações / sentir

- **nômade**

- **produção de pensamento não é apenas teoria acadêmica!** ^{Robnik}

- aprender: ^{desmanchar} decifração de signos / de signos que não conhecemos
 ↳ se abrir pl a diferença ^{pl os possíveis ão explorados}
 ↳ ativar saber-do-corpo
 ↳ abrir-se pl a experiência do encontro c/signo

que nos afeta, obriga a pensar



(1)

9 / 1

- perceptos (D): "conjunto de sensações e percepções que se tornaram independentes de quem o sente"

- afectos: "são os devires", "são devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso, será que a música não seria a grande criadora de afectos? Será que ela não nos arraste pl potências acima de nossa compreensão? É possível."

- produzir poésias que aumentem a potência de vida

- forma e conteúdo indiscerníveis \Rightarrow é parte de argumentação

política de narratividade

usada pl problematizar \Rightarrow produzir um estilo é um ato político

link

! a música é uma forma de argumentação política

produz um estilo é um ato político



Um saber não deve ser avaliado apenas a partir de onde ele emana (academia, música, religião, artes de galeria, artes de rua...), mas a partir dos usos que ele apresenta para a vida, para o envivecer.

[abigail Campos Leal]
[em IMPÉRIO...]

Há uma imagem do que seja escrever que precede o próprio escrever. Ela é composta de uma variedade de coisas de ordens diversas. Mas independente de quais elas sejam, tendem invariavelmente a eliminar todas as outras que não são elas, de modo que, de um jeito ou de outro, elas condicionam o escrever: "só posso escrever se"...: houver uma cadeira, uma mesa, um computador, uma boa ideia, um bom começo, silêncio,.. A lista pode ser bastante grande, pois posso incluir também coisas como: se eu estiver tranquilo, concentrado, seguro,... ou ainda: se tiver lido bastante, se conhecer bem o assunto,... ou então: se as crianças estiverem na escola, se a louça estiver lavada, se não houver obras na rua... Se algumas dessas coisas falharem, escrever já não é possível. Acompanhando essa lista bastante incompleta de "condicionantes", poderíamos pensar que tudo que nos foi dito sobre escrever, foi dito, na realidade, sobre não escrever. Aprendemos, ao longo da vida, em casa, na escola, entre os amigos, como não escrever. Aprendemos a impedir o escrever de acontecer, a ter medo do que poderia acontecer se, finalmente, escrevêssemos. 😊

[Ana Godoy]
[postagem no facebook em 09/02/2020].

São Carlos – SP, 08 de maio de 2019.
Teatro Florestan Fernandes, UFSCar, 19h.
11º Contato Festival Multimídia Colaborativo.
Negrum3 e *Bixa Travesty* – seguido de bate-papo.
(anotações feitas no whatsapp, grupo 'eu mesma, Leandro Melo').

Descrição do evento na fanpage do Festival:

Contato e CineUFSCar apresentam *Negrum3* e *Bixa Travesty*

Na noite de abertura da 11ª edição do Festival Contato, o Cine UFSCar convida para a exibição do curta-metragem *Negrum3* e do longa-metragem *Bixa Travesty*. A partir do diálogo com o tema do festival – Fluxos e Fronteiras – trazemos dois filmes que têm como centro a movimentação do corpo vivo em sua dimensão política e transformadora. Corpos negros performáticos são os protagonistas de movimentos que vão em direção a transformações, seja da representação das imagens na tela, seja da percepção do que há de fluído nos corpos não padronizados e rígidos que deslocam-se pelo espaço e pelo tempo. Afrofuturismo, performance, transexualidade, resistência, são alguns dos temas que atravessam ambos os filmes, o espectador é convidado a observar seu espaço ao redor e despertar o olhar para a existência de formas de vida que atuam nas fronteiras da experimentação estética e da resistência política.

Após a exibição dos filmes haverá debate com a participação do realizador Diego Paulino, da performer Caotika Maia e da performer e produtora cultural Vita Pereira. O debate será mediado pela curadora Yasmin Bidim.

<<https://www.facebook.com/events/854764364863272/>>



Ideias-caos e pensamentos d'eus a partir de falas das convidadas e público participante

Quem vê close não vê corre

Nu Abe (Núbia) – participa da vida da Linn desde muito cedo, gravou performances da Linn no hospital

Trans-tornar. Fim do filme, dificuldade de escrever.

Casa Nena

Sexodissidentes

'é chato ter que ficar o tempo todo militando (...) eu quero falar sobre as flores, (...) sobre cadeiras'

Signos. E mapas. Capricórnio.

'quando a realidade é dura demais, você tem que apelar pra poética'

Aretha Sadick. Coletivo

Representação?

'Reproduzir suas ideias de mundo'

Afrofuturismo

'os filmes vão, as pessoas esquecem dos filmes, mas os processos ficam'

Repensar. Não abordar como exótico, objetificado.

'não é nada além do normal a gente estar existindo'

Se infiltrar naquilo que não te pertence

Narrativas. Novas formas de retratar o mundo que a gente está

Imaginário

'As ideias todas estão meio que flutuando aqui e

Espelho. Brincar com os signos que a gente tem no momento de se vestir

Autoimagem. Reflexão. Composição

'Beleza da imagem quebrada. Não é necessário você reconstruir. Precisa quebrar, destruir aquilo...'

Preciso dizer que te amo. Filme sobre suicídio de homens trans.

'várias pessoas tocando a mesma nuvem...'

'várias bixas estão pensando as mesmas coisas porque as nossas necessidades são meio parecidas'

Transformar em alegorias

Afeto? Superficialidade. Profundezas. Como o afeto também é afetado
'tudo isso afeta o nosso afeto'
Descolonização do afeto
Sentir o momento...
Afeto como arma. Direciono esse afeto pros meus
Afeto como tecnologia. Redes. Pessoa que controla, que tem domínio, que pensa sobre isso
Eles e nós?
Cu
'Afeto é eu tocar aqui na pessoa'
'parar de pensar em ocupar espaços e começar a inventar outros espaços'
'eu não formulei a minha pergunta, mas ela está aqui na minha cabeça'
Entender menos e sentir mais
Vários níveis de incômodo que eu vou causar
Des- (prefixo) - Euclides usa muito
Corpo. Roupas. Estilo. expressão. Processo de autoconhecimento.
'toda roupa é fantasia'
Hackear o sistema. O incômodo parece mostrar que importa
Línguas desatadas - filme
Corpo arqueologia. Escavações
'Corpos que estão ali são arquivos também'
Tempo não linear
Performance. Ato de performar. Encenar. Performance é registro
'não separar a minha existência daquilo que tô performando'
Realidade x abstração
'Performance não é só atuação, é usar todos os elementos presentes no agora'
'é quase uma meditação'
'como você coloca o imaterial num plano 2D? Através da abstração'
Performance é pra quem tá fazendo também
Gatilho? É afeto? Ressonância?
Atravessa. Atraveca.
Referências. Representação
Enquanto não houver leões pra contar suas próprias histórias, as histórias serão sempre do caçador

Cena VI – As baratas do vizinho

Uma luz se acende formando o desenho de uma janela.

Para os homens daqui, ainda sou a exótica, estranha, bizarra, ameaçadora... A perigosa. Talvez, se pudesse voltar atrás e escolher, eu nem seria isso que sou. Não que eu não goste, mas seria menos sofrido. Sabe o que eu vejo todo dia quando abro minha janela? Cascas de laranja e banana, pontas de cigarro, copos descartáveis, espigas de milho, palitos de picolé, sacos plásticos, e esse cheiro terrível que não sai nunca. Acho que o lugar onde meu moro nem no mapa existe. Sabe o que eu vejo todo dia de manhã quando abro a janela? “Isso não é verdade.” Talvez eu esteja exagerando e isso seja apenas o refrão de um samba famoso que um cara quis pichar bem aqui na minha vista: “Isso não é verdade.” Mas isso é verdade, sim. Eu vivo no mundo imaginário, um lugar onde as aparências enganam, onde verdadeiro e falso é muito mais uma questão de vontade do que de realidade. Imaginação e ponto de vista. “Isso não é verdade!” Sabe o que me faz lembrar da verdade do mundo real em que vivo? As baratas! O vizinho daí de baixo dedetizou a casa dele, e, em vez de morrerem, as baratas fogem de lá e vêm para cá, como se quisessem me lembrar da minha verdade, da minha realidade. Elas passam o dia por aí, em cima da louça suja, da roupa... Podiam lavar, pelo menos assim ajudavam a pagar o aluguel com serviço.

BR-Trans

Silvero Pereira, 2017, p. 32-33

QUESTÕES-FORÇA

Corrente

Um drink numa mão
uma taba na outra

Vejo as trava arrasando e os boyceta nos corre
A gente trampa pra caralho...
a gente é foda!

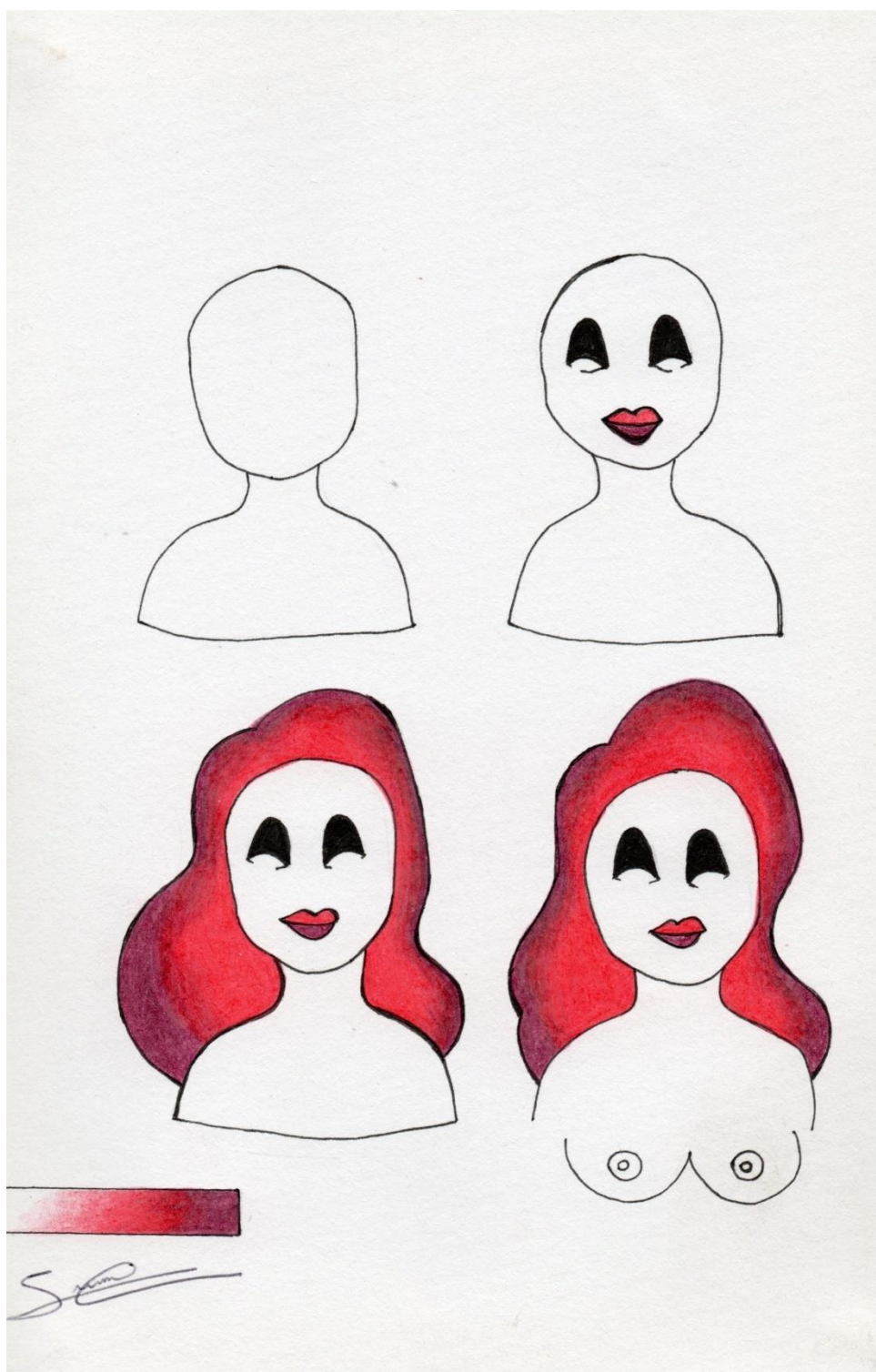
Inspiração não falta
Falta comida
Falta acué
Falta cê entender
Que nós num precisa chegar no topo
Pra ter sua atenção
Nóis num quer sua compaixão
Nóis tá aqui é pra provar
que vamo continuar
Nossa existência incomoda
Mas se toca vacilão:
O topo ainda é pouco pra nós
para de chorar!

É por referências acessíveis
que a gente se conecta
Nóis é a realidade que cê chama de resistência
e quando a gente se une
o sistema logo detecta
Que nós tá organizade
Que podem nos calar,
podem nos matar
Mas essa corrente é impossível de quebrar

Mais do que nunca tamo ligade
Que seu ódio
é medo
Porque sabe do que a gente é capaz
Nóis existe
e mostra que tá tudo errado
Nós somos reais!
Pega tudo o que você aprendeu
e entenda:

NÃO - TEM - NADA - A - VER - COM - GENITAIS

[por Saimon Pê]
[produção feita a meu pedido especialmente para esse texto-tese]
[Simon diz: é importante pra mim manter o poema na estrutura que tá e com a
língua que tá escrita]



[por Sérgio Castro]

“No encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem” (ROLNIK, 2016, p. 31). E o que me atrai e o que me repele no corpo-território da Linn e de suas músicas, também feitas corpos e territórios e línguas e experiências? Quais e para onde se movimentam essas linhas de afetos? Quais afetos vivem em minhas memórias, em meu corpo? Que direções tomam essas memórias dos afetos quando engulo e sou engolido pelas músicas da Linn? Quais territórios existenciais emergem e produzem e são criados e inventados pela Linn - e por mim, enquanto pesquisador-que-se-afeta?

“Você próprio é que terá de encontrar algo que desperte seu corpo vibrátil, algo que funcione como uma espécie de *fator de a(fe)tivação* em sua existência” (ROLNIK, 2016, p. 39). Através da sensibilidade, da escuta, da experimentação das letras no meu corpo, um corpo que vibra, encontro os processos de subjetivação que dizem sobre pedagogias dos e para os corpos. Corpos tomados enquanto territórios, em constantes processos de devir, movidos pelos afetos que o corpo dá vida e dos quais torna-se vida.

<os eus estão constantemente sendo subjetivados por esses processos...>

O desejo pede passagem. Desejo de gritar, de escrever, de desenhar, de traçar linhas, de apagá-las e redesenhá-las, de produzir sentidos de corpos e de afetos e de devires e de pedagogias no processo mesmo da pesquisa. Sabemos do meu ponto de partida, mas, mesmo com as questões que pretendiam orientar meu caminhar, pouco sei da chegada – se ela existe ou ao menos deve ser esperada. Nesse viver-pesquisa, nessa aventura de devir-pesquisador-cartógrafo, que se entrega aos encontros e aos afetos, uma constelação de operadores conceituais pediu passagem – e escolho apontá-los como registro de percurso (pois alguns ou tantos deles nem foram sequer ‘cotejados’ ao longo dos textos, mas continuam relevantes enquanto parte do processo de aprender com a Linn, que foi sendo agenciado pelos eus): ativismo, máquina de guerra, necrobiopolítica, experiência, desejos, simulação, agenciamento, singularidade, fronteiras, pulsão vital, invenção de si, deriva...

Eis que me entrego a essas constelações e me coloco sensível aos encontros com a subjetividade rizoma Linn, em seu constante *devir-trava*. E sigo na árdua tarefa de cartografar e ensaiar-expressar algumas das possibilidades múltiplas de agenciamento dos processos de subjetivação e de afetações provocados por/nos encontros.

Belo Horizonte-MG / Monte Alto-SP / São Carlos-SP

(datas ignoradas)

Por uma **escrita coletiva** <ou hackear autoria>

Neilton y Leandro: pensar e criar e escrever...

Algumas produções em conjunto.

Temas que se entrelaçam, pessoas e pesquisas que se atravessam.

XI Colóquio Internacional Michel Foucault e Disseminário de Pesquisas do Grupelho (grupo de pesquisas da UFMG, liderado pela professora Renata Aspis).

Apresentação de trabalho acadêmico. Texto escrito a várias mãos. Esforço coletivo.

<.><.>.<>

Para ser lido de segundo a segundo. Contando os minutos com Linn e ouvindo e falando e gritando e...

<https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo&t=4s>

00 :00

2014 - Avenida Paulista

“A gente estava saindo de uma lanchonete, indo embora para casa. Eram umas 6h. Aí a gente se depara com esses cinco meninos que estavam vindo no sentido oposto”.

“Na hora que eu olho, ele já acerta com a lâmpada no meu rosto. Na hora que eu coloquei a mão no rosto, já estava saindo sangue”.

“Eu pensei mesmo que ia morrer naquela hora. Eles estavam batendo com uma brutalidade e falando umas coisas que nem um psicopata fala, com tanta gana de bater em alguém que eu falei: ‘eu vou morrer aqui!’”.

O corpo que é lampadado, literal ou metaforicamente, por ser como se é e utilizado como se deseja.

O corpo que veste a identidade de gênero, que se assume, que é adaptável a outras.

O corpo que se mexe, fala, fode, beija, toca. Ou que se transforma de jeitos diferentes, às margens da hegemonia do mexer, do amar, da fala, da foda, do beijo, do toque ou da transformação.

O corpo que questiona a norma, que não precisa se moldar a um padrão, que não pede VIP para opressor pra entrar na boate que ele frequenta.

O corpo que aborta.

O corpo violentado por andar livre.

O corpo (trans)formado, cuja forma original não apresenta a pessoa que carrega.

O corpo que tinha pau e agora tem buceta.

E vice-versa.

O corpo que não tem.

O corpo que utiliza o “aparelho excretor” para outros fins deliciosamente não reprodutores.

01 :40

Linn da Quebrada

03 :55

Mulher. Mulher. Mulher... devir-mulher.

Devir-mulher de peito e pau que fala em terceira pessoa. Terceira força. Terceiro espaço-tempo. Que educa. Aprendemos com Linn para compor com, através, a partir, pela Linn. Pensamos Linn para pensar de outra forma. Pensar com o corpo ocupação e ocupar nossa vida-pesquisa com a constelação de conceitos que ela-força nos dá.

Mostrar todos nossos orifícios e perceber o que brota de conhecimento e saber e relação. Que possíveis inauguramos?

Se nem homem, nem mulher... nem pau, nem buceta... que pedagogias produzimos? Que possibilidades de resistência, re-existências, existências conseguimos inventar para essa narrativa de si?

04 :50

Linn da Quebrada

05 :40

No gozo, nós gememos de prazer e de dor e de aquilo que não sabemos (não que queiramos) classificar. Gememos para produzir com esses possíveis que Linn nos escancara:

REVISTA: O que é terrorista de gênero?

LINN: Eu lancei essa ideia porque eu acho que a violência da sociedade com alguns corpos, corpos como o meu, pretos, transviados, de quebrada, essa violência está posta. É necessário responder também com terror, com agressividade, colocando o meu corpo como arma, como protesto, manifesto, como pólvora diante desse sistema que é violento cotidianamente.

REVISTA: Eu penso, antes de tudo, que o “choque” é mais consequência e não causa do conservadorismo. Como é viver no Brasil e na zona leste nos últimos anos?

LINN: Exatamente. Ele é resposta. Essa violência, essa opressão, não só na zona leste, mas em toda a São Paulo, nos territórios por onde eu passei, sempre existiu. Essa hostilidade para corpos como o meu, negros, para corpos travestis, corpos trans, corpos pretos, está dada. O que tem mudado é a formação de redes com pessoas que vivem essa mesma situação ou situações semelhantes, estabelecendo parcerias para

nos mantermos vivas. Juntas nós conseguimos nos manter mais fortes, nós conseguimos ocupar outros espaços, conseguimos nos proteger. (LINN, TRÓI, 2017)

Linn se inscreve nas pedagogias. Educa na performance, na música, no disco *Pajubá*. A linguagem TLBG. A produção de outros possíveis em expressão, fala e pensamento. Enquanto pedagogia, Linn nos educa no ativismo de máquina de guerra. Apresenta suas armas:

- responder com terror/agressividade
- formar redes
- ocupar

É com esses verbos que ela inventa uma narrativa de si. Uma narrativa que é como ferramenta para a produção e intervenção em suas relações.

Novos sujeitos, espaços e tempos. (Des)Subjetivação a partir da formação de redes que garantem a vida e enfrentam a necropolítica com terror. Ocupação que nos desloca da lógica binária e nos faz experienciar as intensidades de pensar outras lógicas, de outras formas.

08 :20

Linn

09 :00

Eu estou correndo de homem. Nós estamos correndo desse devir-homem. Mas corremos com armas, terror e redes nas mãos. Corremos com muitas e muitos em direção a espaços de invenção que são nossos, que tornaremos nossos.

Nós estamos narrando nós. E correndo do devir-homem.

Nós.

Os corpos pintosos, afeminados, aviadados, fechativos.

Os corpos em marcha, de sapatão.

Os corpos de peito e pau.

Os corpos de barba e salto.

Os corpos grandes e pequenos e peludos e pelados.

Os corpos negros, brancos, amarelos, vermelhos.

Os corpos que envelhecem.

Os corpos que buscam outros estados de consciência.

Os corpos inclassificáveis.

Os corpos impermitidos.

Os corpos políticos.

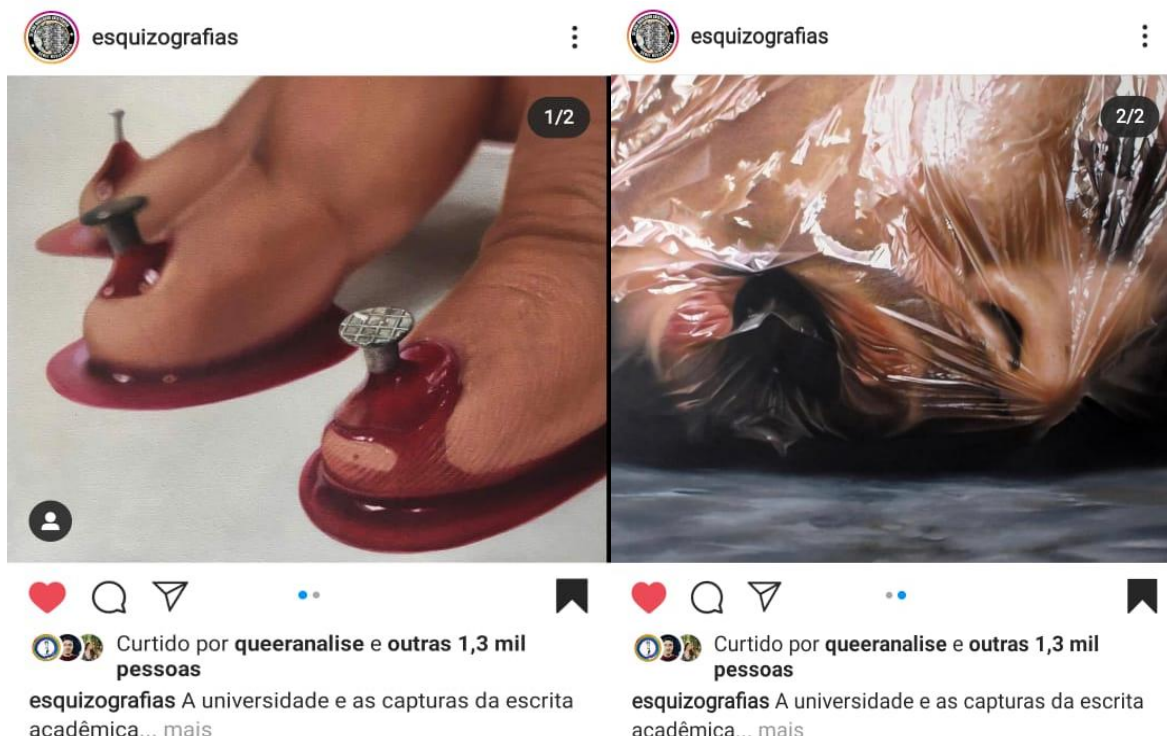
Os corpos que desejam ter direito de ser o que não são. Não importa o que for.

Nós estamos correndo, no corre. Fazendo o nosso corre por Marielle Franco, pelo jovem na paulista, pela trava feminina, por Matheusa Passareli, por todas e todos que gritam e escrevem e educam e sagram e resistem.

Por todas e todos que correm, que deixam rastros de sangue, rastros de gritos.

E gritos de...

LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 LINN DA QUEBRADAA
 INN DA QUEBRADAA



A universidade e as capturas da escrita acadêmica

"Quem disse isso?"
"Segundo fulano (2016)"
"Você não tem que achar nada!"
"Guarda sua opinião para sua agenda, isso é um trabalho acadêmico"

Durante 80% da minha graduação eu calei minha voz, **não me sentia no direito de ter voz** em meio aos gritos oniscientes dos grandes autores.

Usava minhas mãos para repetir o que eles já tinham dito no máximo de suas genialidades.

Fidedignas eram as reproduções, **nada fugia ao controle**, vestia com destreza a armadura da repetição mimética sob a tão estimulada ilusão de "neutralidade" científica.

E quando me era solicitado ser "crítico", fazia-o com pudor e muita parcimônia.

Discordar dos autores? Nem pensar! Eles eram os onipotentes! Os deuses-cientistas, como diria Estamira, em sua intocável sabedoria!

Em alguns estágios era um observador-fiscal, inseri meu corpo-panóptico em empresas, escolas e serviços de saúde com o objetivo de observar e identificar o mau funcionamento dos processos de trabalho, colocar num relatório embasado nas teorias que orientam o "modo correto de atuar" e **engavetar**.

Meu conhecimento ficava preso nas paredes de uma universidade que subia em seu pedestal e não se conectava com a vida, com o cotidiano. O que me fazia engordar o lattes ao custo da **condenação do meu corpo a uma audaz desnutrição**.

Hoje me pergunto a cada escrito:
Qual a minha **implicação** com o que escrevo?
Que tipo de processos quero **ativar**?

Se for escrever para manter o status quo, nem adianta!

É preciso escrever para movimentar vidas estacionadas e convidá-las a criação de outros modos de vida.

É preciso escrever para agitar/fissurar as partículas do mesmo e engendrar diferenças em nós e nos leitores.

É preciso usar da escrita como máquina de combate às formas de negação da vida, de redução da vida à sobrevivência, de nadificação da existência.

É preciso contaminar com as letras!

É PRECISO INCOMODAR!

A escrita que acredita ser neutra acomoda ao mesmo, enxugando o gelo do status quo que ao reproduzir o já feito, já dito que nos leva ao nada.

É preciso compreender o texto como uma produção de processos de subjetivação. Criar, por meio dos textos, dobras de subjetivação potentes, plurais, que **afirmem a vida** elevada ao último grau de potência, que engendre processos de singularização.

O texto precisa: habitar na diferença, produzi-la e respeitá-la.

Criar modos plurais de existir e estimular as criações singulares (sem a batuta moral de bom x mau, mas da experimentação dos modos de vida em nome do bom uso dos afetos e de uma vida potente).

Ser uma estratégia potente de produzir fissuras nas estratégias de poder, sendo todas as vias possíveis e aceitáveis, contanto que se produzam diferenças, que se destrua os aprisionamentos em nome da criação de **outramentos intensivos**.

Não adianta uma reunião de belos vocábulos se não há concretude em sua afetação.

O texto agindo como uma caixa de ferramentas, um martelo para quebrar, um alicate para folgar, tesoura para cortar.

O texto não pode ter em si um fim, mas **ser um meio para que os corpos afetados produzam elementos de intensificação de suas vidas**.

Um texto em potência tem uma implicação ético-estético-política e lida diretamente com as linhas, com as dobras, com os campos de força, sem a ideia fictícia de separação entre sujeito-objeto, nem a pretensão de estabelecer verdades, mas de **produzir passagens a serem experimentadas**.

Escrever para criar impossível, o impensável e não ruminar repetições das vozes de autores em um modo papagaio-de-autor em uma masturbação mental.

Escrever para diferir a mim, a você, a nós! Para sair diferente ao findar o texto, para fazer o leitor outrar e convidá-lo a quebrar espelhos.

Escrever para rachar no meio, produzir fissuras, cortar ao meio para parir diferenças, ou seja, ESQUIZO-GRAFAR!

E AGORA?

Lugares e dias variados.

Voltei várias vezes.

Re-começos.

Para um término que **não termina**

Essas são, por enquanto, as gosmas e fluidos que consegui tornar palavra – mesmo após meses de ruminar. Tantas outras pulsam e vibram e atravessam e ressoam, produzindo efeitos no meu corpo, desestabilizando as certezas e convicções e visões de mundo, pedindo passagem e decifração – mas que até o momento, por uma série de contingências, ainda não conseguiram encontrar palavras, gestos, tampouco expressões escritas <e talvez nunca encontrem>.

Para a ocasião da Qualificação, acoplado ao conjunto de ensaios que produzi, entreguei um documento: algumas partes de textos que vinham (e continuam) sendo engolidos e deglutidos e ruminados pelos eus. Chamei aquele conjunto de textos de:

casa de máquinas. e caixa de ferramentas – ou: de quem/onde roubo. – e, ainda: quais paisagens estou observando. e mais: com quem estou compondo...

Moram naquelas páginas alguns conceitos que aparecem ou não incorporados nestes cacos de texto. Nunca se tratou apenas de um fichamento, embora tivesse aparência quase semelhante <e era isso, também, mesmo que ressignificado a partir das interferências que fui fazendo nos textos, fato não expressado nas páginas que entreguei>. É certa seleção de textos, dentre os incontáveis lidos e engolidos, que afetam e provocam e podem ser reativados para compor com os rascunhos textuais que venho construindo. No entanto, embora cite-o aqui, escolhi desacoplá-lo, pelo menos por enquanto <porém, segue arquivando ideias e conceitos, podendo ser resgatado e reacoplado posteriormente, no todo ou em parte>.

Qualificação e Defesa, pelo menos à maneira como venho buscando construir como possibilidade de manter-me perseverando no ambiente universitário, são entendidas enquanto mais um processo dentro dos processos de pesquisas acadêmicas. Pontos de encontro com outras pessoas e múltiplas possibilidades de reorientação do texto e mesmo da pesquisa. É, também, não uma culminância, momento em que seriam expostos os

dados, as conclusões e afins, mas, sim, uma oportunidade de apresentar os mapas que continuam sendo construídos e cartografados com/nos/a partir dos encontros com a Linn da Quebrada e as tantas intercessoras, citadas ou não nas grafias. É *continuum*, processo... Se constituem, em mim, como momento de juntar os cacos e retalhos e tentar produzir algum texto que possa vir a dar conta de narrar pelo menos partes de tais processos; e, sobretudo, de um bom encontro com mais pessoas pesquisadoras que, num *esforço coletivo*, com olhar de *dentro-e-fora*, passam a ser parte das escrevivências e colaboram para ajustamentos possíveis e necessários na pesquisa e nos textos...

Desagradável: no contexto de convergências de infortúnios aos quais me vi submetido, me senti convocado a expor alguns fatos que, embora não soem agradáveis a quem lê os textos, parecendo até desnecessários e rodeantes demais, dizem sobre o processo da pesquisa-e-escrita, da implicação entre pesquisa-e-vida..., sendo prática das apostas teórico-metodológicas empreendidas pelos meus eus.

No entanto, reativando as sensações expostas em algumas das palavras que aparecem neste texto, e me colocando novamente em ressonância com *r.* ao afirmar que “é preciso falar disso [erros e necessidades de recálculos e dificuldades próprias da ação de pesquisar], ter a coragem de falar de si, do percurso, com todas as contradições e cordas bambas que se atravessou e sucumbiu”, sinto e assumo que, ao encontrar estas algumas folhas, pode-se ficar com a sensação de que a pesquisa ainda não aparece incorporada no texto – ou, dito de outra forma, fica uma sensação de que estão faltando muitas coisas, de que estou vagando pela superfície... <e é: a vida acontece é na superfície!>.

Forças e fluxos e linhas e palavras pulsam em mim, em meus pensamentos e ideias, no que Sueli Rolnik chama (inspirada pelos Guarani) de “ninho das palavras”. Algumas às vezes até se permitem serem vocalizadas (mesmo que de forma gaguejante...), mas teimam em não se permitirem serem transformadas em palavras escritas. E texto escrito é, ainda, a forma privilegiada de produção e circulação e avaliação de pesquisas acadêmicas.

Há pesquisa. Há movimentos. Há tentativas de narração do processo. Mas também há um pesquisador-que-tenta-escrever travado, domado pelo medo incapacitante, acuado pelas vozes (internas e externas) que gritam julgamentos debilitantes e desencorajadores. E há, esse sim um dos grandes elementos de complicação, um tempo cronológico completamente esgotado – para mim e para as pessoas que participam da elaboração, orientação e avaliação do texto.

Sinto tanta falta. De texto, de autoras e autores, de ideias que passaram. Olho para as páginas da minha *casa de máquinas*, para minhas anotações em folhas e cadernos usados como tentativas de “cadernos de campo”, para os rabiscos feitos em vários documentos do word (os arquivos da “lixeirinha de ideias” <lixeira como lugar de produção!>), para os meus livros rabiscados e amarelecidos pelos riscos da caneta marca-texto. Olho para a Linn e a Jup e a Liniker e tantas pessoas que estou encontrando. Olho e ouço e observo e dialogo com todo esse universo cartografável, em suas singularidades e linhas de fugas, mas me paraliso diante da desestabilização de meu repertório, de minhas capacidades de escrita e síntese narrativa dos processos, de escrita em moldes acadêmicos...

Tem muito eu. Eus: multiplicidade, devir, rizoma.

Mas este texto e esta pesquisa são sobre você, Leandro? Sim, é sempre sobre mim. Componho com Sueli Rolnik para considerar que “o texto é autobiográfico, desde que entendamos por ‘auto’, aqui, não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico” (ROLNIK, 2016, p. 22). Além disso, no contexto dessas cartografias afetivas, “a capacidade de afetar e de ser afetado de um corpo desestrutura a ideia de sujeito, e de indivíduo, fundamentada na forma e na substancialidade” (IAFELICE, 2015, p. 14). Penso como a Linn: é um texto d’eus (e, inclusive, uma das possibilidades de escrita pensadas foi por meio de cartas de mim para mim mesmo, de algum dos Leandros para outro dos tantos Leandros que coexistem neste corpo <o que tentei expressar em alguns fragmentos>).

“Há sempre a violência de um signo que nos força a pensar, que nos tira a paz” (DELEUZE, 2003, p. 91). O afeto é um signo, uma marca, um efeito, que pode ter vários sentidos... Todo aprendizado é uma decifração de signos. E o caminho para aprendermos a decifrá-los é pelos encontros... que podem compor ou decompor, que afetando, podem aumentar ou diminuir a potência de viver. Um corpo se define pelos seus afetos e afetos são devires, sendo que não há devir sem que haja algo que nos atravessasse e nos leve a ser algo diferente – dobras de diferenças, produzir diferença de si mesmo (DELEUZE; GUATTARI, 1997, 2012).

É a partir dos afetos que temos acesso ao mundo e a nós mesmos?

Não: é através dos afetos que criamos o mundo, os eus, os Leandros.

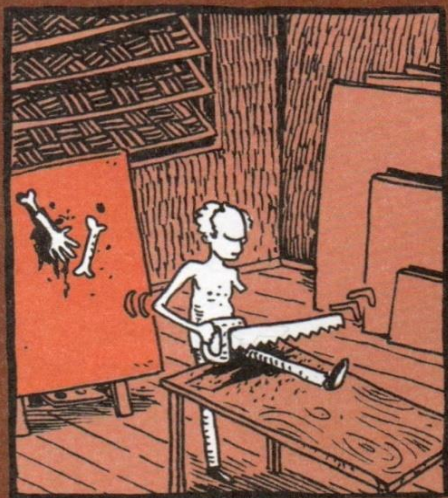
E nessa viagem: *para onde e como e com quem ir indo?*

**Possíveis tarefas
(*posturas metodológicas*)
para cartografia em educação**

- evitar as imagens do pensamento instituídas;
 - fazer emergir as relações de poder;
- tomar as diferenças e explicitar as multiplicidades;
- focar o menor, a micropolítica da produção de subjetividades – a superfície;
- compreender a pesquisa como *criação* e não como *descoberta*.

Silvio Gallo

[notas de aula, 2018]





[AQUILO QUE FALTA]

Teto Quadro Chão. Histórias em quadrinhos por Gus Morais.

Páginas 75 E 76

"travestiVIDAde..."

“O corpo é arma de guerra. Seu potencial destrutivo serve para matar todas as normas em vigor já destrutivas por si só”

“A religião significa religar e, nesse momento, significa me religar e me reconectar comigo mesmo e com as minhas parceiras e minhas raízes. Foi isso que busquei fazer no clipe.”

“Eu trabalho com fricção da realidade, entre a memória e o inventado. Para mim, não faz sentido fazer um clipe que seja apenas mentira e simboliza um belo mundo sem confronto, sendo que minha trajetória é repleta de enfrentamentos. A mim, não interessa trabalhar com entretenimento que sirva apenas como distração”.

“Minha arte não é espelho, é martelo.”

“É assumir suas responsabilidades e suas escolhas. Tendo uma **coragem terrorista**, de certa forma, e ao invés de apontar a arma para o outro, às vezes apontá-la pra própria cabeça e matar o macho, o deus, o branco que existe em você mesma. Matar atitudes em você pra que novas possibilidades possam renascer”, analisa a artista, que enquanto canta, dá a todos a coragem para enviadescer e continuar a travecar.

[cacos de falas da LINN em variadas ocasiões – entrevistas, participações em lives, programas de tv/internet, reportagens...]

[<https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-1/levanta-e-luta-linn-da-quebrada/>]

[<https://revistahibrida.com.br/2019/12/06/bixa-travesty-e-o-territorio-politico-do-corpo/>]



TO D A S
A S
R E V O L U Ç Õ E S
Q U E E U
D E S E J O
C O M E Ç A M
E M M I M

RYANE LEÃO
arte: Gabriela Freitas (@aleirbagf)

Monte Alto-SP, 09 de fevereiro de 2020
Entre 3h e 4h da madrugada,
Sábado-virando-domingo.

Às pessoas queridas: Adriana e Megg e Rafael e Renata e Ana Cristina

**Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro**

[<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>]
<uma dica: se não tiver ouvido a introdução a esse clipe, aproveite e sinta>

Porque têm coisas que precisam ainda serem ditas. Era preciso parar a escrita do texto-tese e tentar dar passagem a algumas coisas que não cabem lá, mas que insistem em virarem palavras-escritas.

O texto, que vocês gentilmente aceitaram ler e avaliar, segue inacabado. Apesar do tempo gasto para escrevê-lo. Apesar de ter estourado todos os prazos combinados e esperados para um evento como a defesa. Apesar dos dias e noites e madrugadas lendo e ouvindo sentado em frente ao notebook ou anotando no celular ou num pedaço de papel ali disponível: tentando fazer escrita.

O doutorado e a pesquisa foram, pelo menos nos últimos dois anos, provocadores de muitos e tantos afetos tristes. Mas como aprendi com a Linn e com as tantas intercessoras, e tentei demonstrar de algum modo na escrita caótica que será lida por vocês, era preciso levantar a cabeça e continuar atravessando, atravecando, inventando mundos possíveis: fazer a vida perseverar.

Não foi fácil. Não está sendo fácil.

Não foi preguiça (ou foi, também e às vezes: de viver).

Não foi procrastinação, apenas.

Foi e é luta. Uma luta tantas vezes mais forte que todas as minhas forças.

Pensei em desistir. Todo dia. Diversas vezes ao dia. Agora, inclusive.

Mas não podia. Não apenas por mim, que tanto me dediquei ao longo desses anos todos (desde antes do doutorado, como imagino que tenha sido com vocês também: escolher seguir alguma 'carreira acadêmica' impõe uma série de enfrentamentos e e e...).

Mas por quem vem comigo!

Pela minha mãe, que desistiu de viver muitos de seus sonhos pra me mostrar até mesmo que eu poderia (e deveria!) sonhar. E que, independente das dificuldades, ela estaria comigo pra alcançar a cada um daqueles sonhos que sonhamos juntos. É sempre necessário e obrigatório honrar aos mais velhos!

Pelas sobrinhas e companheiro e amigas. Por essas gentes que acreditaram em mim, mais que até eu mesmo. Não vou me atrever a nomear porque (ainda bem!) elas são muitas! Por mais incrível que pareça, o mundo tem mais pessoas boas que más! <e tudo

que eu disser sobre essas pessoas, sobre essa minha rede de afetividade e de cuidados, tudo será pouco e insuficiente>.

Em especial, é justo que saibam, também me esforcei pra continuar em honra e agradecimento à Tati – minha orientadora. Em algum momento talvez eu tenha oportunidade de contar como foi esse processo de encontro entre ela e eu, mas por ora é importante que saibam que ela é a corporificação do que eu sonho e acredito e procuro inventar de academia. Não fosse por ela, pela coragem que parece própria de gente que sonha, e por certa dose de loucura, eu nem estaria mais ligado a uma universidade. Ela me acolheu, me ouviu, tentou me auxiliar. Não fez mais porque também enfrentou batalhas bastante difíceis. E também, claro, porque eu mesmo a impossibilitei de estar mais próxima – por um tempo, tudo que me remetia à academia me sufocava e tirava vontade de viver, por isso havia até certa repulsa. E eu fugia até dela. Ela não leu o texto antes, nem da qualificação e nem agora. Ela topou ler junto com vocês, porque ou era assim ou não haveria defesa, provavelmente. Contrariando a infinidade de relatos de orientações violentas e abusivas, ela se fez apoio, compreensão, encorajamento. É por ela, também, que continuei tentando. É por ela, também, que perdi o medo da reprovação e agora estou perdendo até a ‘vergonha na cara’ de pedir certa compreensão de vocês rs.

Também é preciso lembrar da Renata. Vocês terão o prazer de conhecê-la. Aproveitem, disfrutem o quanto puder, essa mulher é um acontecimento! Ela e o Alan, na qualificação, fizeram o impensável. Em vez de ‘chutar cachorro morto’, passaram horas ali tentando me convencer de que eu poderia ter chances de terminar, de que eu merecia terminar. Me deram dicas valiosas, algumas que nem tive condições de aproveitar (ainda). Renata, uma das pessoas mais incríveis que tive contato nesse mundo acadêmico, estudante sagaz das filosofias da diferença, foi lendo parte a parte do meu texto e dizendo quais caminhos eu poderia seguir, caso eu quisesse. Não como determinação, mas numa tentativa de ajudar, de abrir caminhos. A quali foi uma orientação coletiva (algo que a Renata faz no grupo de pesquisa que lidera, que já tive a chance de presenciar uma vez). O Alan já me conhecia, é do programa, pessoa incrível e empática, também me deu muita força pra continuar e se colocou disponível pra me acompanhar, pra estar junto (e, por um erro besta de comunicação da minha parte, não pode estar conosco na banca de defesa). É isso que acredito ser uma rede afetiva, o ‘nós por nós’.

E vocês, que chegam agora, é também por vocês que continuei tentando. E peço desculpas, a vocês e às outras pessoas já citadas, por não ter conseguido fazer mais e melhor. Também pela demora em enviar o texto, deixando poucos dias para leitura. Mas quero e devo agradecer. Mesmo! Talvez vocês nunca fizessem ideia do rolo em que se enfiavam rs. Mas são valentes, poderosas, gente que sonha e faz acontecer. Minha banca não poderia ter outra formação. E eu vou ter MUITO orgulho de dizer que tive vocês todas me acompanhando nesse processo, aconteça o que acontecer lá ao final das arguições. Esse evento-defesa é, por si só, um manifesto de re-existência. Eu é quem devo gratidão por ter a oportunidade de ouví-las (e estarei preparado para ‘apanhar’, pra ouvir todas as críticas ao texto).

Vocês já se fazem presentes nas linhas fragmentárias que se pretendem tese.

Aproveito para fazer um convite. Infelizmente, em razão da conjuntura política, vocês não estarão de corpo-presente na defesa. Eu tinha algumas ideias... Todas perdemos com isso, mas... Quero convidá-las a produzirem algo comigo, a entrarem nesse texto da tese, a tomarem ele pra si, também. Não sei como, mas acredito em um modo de povoarem essas escritas. Podemos pensar depois, aceito todas as sugestões - seja pra entrar no texto final da tese (caso seja aprovada, claro), seja pra outros exercícios de produção escritos ou não em forma de texto 'com muitas palavras' rs. Mais que fazer alguma teoria que ficará esquecida na biblioteca ou nos repositórios virtuais ou mesmo apenas na minha cabeça (porque há a possibilidade de reprovação), tentei expressar alguma prática, inventar mesmo algum modo de criar mundos possíveis. E quero-preciso fazer isso também JUNTO com vocês.

Pela Linn. Por tudo que aprendi com ela, por ela, através dela. Por esse devir-trava, por essa necessidade que ela me impôs de continuar lutando – mesmo sem saber, ela me fez re-criar o sentido de viver. Em rede, com afetividade, com carinho, com alguma esperança. Ela foi a grande porta pra mundos possíveis, a mais efetiva intercessora, a maior provocadora de aprenderes. Se houver alguma possibilidade de aprovação nessa defesa, será por conta da potência da Linn. E pelo que, através dela, atravessa e ecoa: atraveca.

Atualizando:
São Carlos, 10 de fevereiro de 2020
Casa do Mateus, passa das 23h30

Chove lá fora e aqui / tá tanto frio

Depois de horas e dias e semanas e meses e anos... entregar o texto para não se entregar. Porque é preciso que a vida persevere.

Acaba-se (com) essa escrita.

<antes ela do que eu>

Re-Viver!

de-Liiiiinn-eamentos

- rabiscos que vão dando corpo ao mapa...

Problema de pesquisa: que aprenderes e como vou produzindo-os no percurso da pesquisa a partir e nos/pelos encontros com a Linn (intercessora, provocadora, disparadora de afetos)? quais efeitos dos atravessamentos dessas forças intensivas são sentidos no meu corpo? (corpo como um território existencial em expansão). implicado num determinado contexto e sensível às forças que atravessam e afetam, que mapas eu vou construindo a partir e com esses encontros com a subjetividade rizoma Linn? (foco nos mapas que dizem sobre educação e produção de saber científico, na medida em que ensaiam um modo outro de aprender pelo/no corpo - uma educação menor?).

Dobra do problema: que mundos possíveis são criados/fabulados a partir dessa experimentação cartográfica? (devir-trava, pedagogias travestis, aprender afetado...). como re-inventar uma (outra) educação da sensibilidade e operar com o saber-do-corpo?

Dobras metodológicas: como narrar esses efeitos intensivos de maneira cartográfica? (num texto que seja, ele também, expressão e criação de um processo - *crazy-patchwork*, cartografia afetiva, cartografia de si...). como explicitar que o 'eu' não se trata de uma individualidade do autor-pesquisador, mas de uma singularidade existencial que (des)dobra em outros corpos como uma potência de acontecer (inesgotável)? como fazer da escrita uma máquina produtiva de fuga que cria/inventa/fabula/produz outros mundos possíveis, outras formas de habitar os territórios existenciais - inclusive a academia (uma vez que determinada escrita também pode ser aprisionadora e diminuidora da potência de vida)?

Verbos efetuados nessa ação cartográfica (consoante às teorias - filosofias da diferença): acompanhar / cartografar / narrar / expressar / inventar - e não representar, não explicar, não analisar.

Sobre o que foi se tornando a pesquisa e o texto (enquanto experimentação, em se tratando de cartografia): outra política de narratividade que acione/produza outros aprenderes (escrito assim mesmo, embora pareça incorreto gramaticalmente, mas indica a efetivação de um estilo de escrita - como o uso de e..e.e, a vírgula em lugares

estratégicos, o uso de parêntese e colchetes e chaves, a quebra de frases em vários pedaços...). criação de outro modo de aprender que, afetado pelos encontros com a Linn e demais intercessoras, se abra para a diferença, para possíveis não explorados, que ative o saber-do-corpo, que esteja sensível ao encontro com signos que afetam e obrigam a pensar... (e outros possíveis desdobramentos).

Do que não se trata a pesquisa e o texto – ou quais linhas-temas escapam, fogem, escolhem/pedem/exigem não serem focalizadas, pelo menos neste momento, nestas grafias: embora sejam ideias disparadas pela Linn em outras pessoas e até mesmo em mim, essa cartografia não pretendeu ou escolheu não focalizar questões de gênero e sexualidade e étnico-raciais e outros marcadores identitários, pois, por se tratar de um 'modo de estar' no plano existencial e de pesquisa, ao juntar pesquisa e vida, ao marcar movimentos acionados pelos afetos que atravessam o corpo de quem pesquisa-e-escreve, esses não eram problemas que pediam decifração no momento de produção (embora possam ser narrados como relevantes em algum momento, na medida em que tenham sido também criadores de blocos de sensações no cartógrafo e nas pessoas que tiveram encontros com o texto na banca de defesa - possivelmente narrado em uma parte que dê a ver desdobramentos do acontecimento-defesa). não se tratam, portanto, senão de cartografias (e os seus modos singulares de ser/fazer pesquisa e escrita).

Algumas dessas ideias aparecem, de algum modo, no pedaço 'pensamentinhos' (ideia roubada de Tomaz Tadeu). Elas foram sendo enunciadas à medida em que o processo foi se efetuando... as ideias foram sendo tornadas palavras a partir desses acontecimentos, no entre-meio a eles. Algumas dessas ideias só foram sendo tornadas possíveis de serem apalavradas a partir de provocações que deram a pensar, seja em conversas com textos e pessoas e vídeos e outras ferramentas, seja no momento e por conta da sustentação oral na defesa, seja em encontros atemporais com outras subjetividades, com outras linhas de entradas-e-saídas do texto, com outros afectos e perceptos, seja...

NÓS SOMOS HISTÉRICAS, NÉ?
SOMOS NÓS QUE SOMOS LOUCAS.
MAS É CLARO. SE NÃO NOS DÃO, OU NOS DÃO O
MÍNIMO POSSÍVEL PRA NOS MANTERMOS VIVAS, NOS
DÃO O MÍNIMO OU QUASE NENHUM AFETO, AÍ DIZEM
QUE NÓS TEMOS UM TRANSTORNO DE IDENTIDADE
DE GÊNERO.
MAS NÓS NÃO VAMOS DAR ESSE GOSTINHO A
VOCÊS.
PORQUE EU NÃO SOU LOUCA. POSSO ESTAR LOUCA,
MAS SEREI O MEU PRÓPRIO TRANSTORNAR.
EU VOU CONTINUAR ME TRANSTORNANDO, ME
MOVIMENTANDO E ME TORNANDO TANTAS OUTRAS,
QUE JÁ SEREI O TRANSTORNO PARA SUAS TESES.
EU SEREI O TRANSTORNO AOS TERMOS QUE VOCÊS
CRIARAM.
PORQUE DESCULPA, CONTINUAMOS EM OBRAS.
VOU CONTINUAR EM OBRAS POR MUITO TEMPO.
E O TRANSTORNO SERÁ TODO DE VOCÊS.
COM TODO O PRAZER.

[LINN, ÚLTIMA CENA DE BIXA TRAVESTY]



Critica à Linn da Quebrada
uma ode ao fracasso por Lina Pereira.
@limndaquebrada

vocês não me conhecem. não finjam nem se enganem que sabem quem sou eu.
porque eu mesma não sei. meu nome é lina pereira. também sou conhecida como
linn da quebrada. que brada. que berra. que berra os limites & contornos da
própria corpo identidade.

sou uma legião. artista multimídia. cantora. atriz. atrez.
tenho o corpo como meu ponto de partida. não objeto, nem abjeto. sem objetivo
final. sem fim nem finalidade específica. o corpo é de onde eu, parto. me pari
diversas vezes & onde algumas vezes paro. pausa & pause para transternar.
meu corpo mistério. situação.

encruzilhada de marcas & marcadores. onde ser artista pra mim não tem
necessariamente a ver com a passabilidade do mercado marcado, mas sim com
a possibilidade de criar sobre a minha própria existência.
ao menos foi assim que tudo começou. eu, como eu me lembro de ter começado.
a acabar. e por isso venho através desse encontro destrinchar onde culminam,
se encontram e se afastam essas existências. linn da quebrada & lina. e, onde
eu fico nessa história, já que compartilhamos o mesmo corpo. mistura
heterogênea bifásica.

quero com essa fala performance coser a fissura que nos fere & difere
concomitantemente. através de uma análise das minhas obras, experiências &
relações desenvolvidas, meu intuito é ir além das minhas próprias
representações. além do espelho.

matar & morrer. tecendo uma crítica & uma linha de pensamento coletiva que
ajude a nos localizar nessa economia artística comercial afetiva & efetiva.
entre o sucesso & o fracasso, linn da quebrada é uma fricção que salvou minha
vida. mas destrói & distrai & diz: trai.

e hoje quando me perguntam quem sou eu, eu o que faço da vida, eu digo:
eu sou linn da quebrada.

a nova era & muita mais.

na minha menor grandeza.

